

A Vida Digital das Crianças em Tempos de Covid-19
Práticas digitais, segurança e bem-estar de crianças
entre os 6 e os 18 anos

Relatório Nacional
PORTUGAL

Patrícia Dias

CRC-W, Universidade Católica Portuguesa

Rita Brito

CRC-W, Universidade Católica Portuguesa; CEIA, ISEC Lisboa

Coordenação:

Stephane Chaudron, Joint Research Center (JRC), Comissão Europeia

ÍNDICE

Introdução	
1. A Covid-19 em Portugal	7
2. Metodologia	13
2.1 Perguntas de investigação	14
2.2 Desenho da investigação	15
2.3 Métodos de recolha e análise de dados	15
2.3.1 Inquérito por questionário	15
2.3.2 Entrevistas	17
2.4 Amostragem e amostra	19
2.4.1 Inquérito por questionário	19
2.4.2 Entrevistas	22
2.5 Discussão da metodologia	24
3. Apresentação e discussão dos resultados	25
3.1 Inquérito por questionário	26
3.2 Entrevistas	64
3.2.1 Retratos das famílias	65
3.2.1.1 Família 1	66
3.2.1.2 Família 2	68
3.2.1.3 Família 3	70
3.2.1.4 Família 4	73
3.2.1.5 Família 5	75
3.2.1.6 Família 6	76
3.2.1.7 Família 7	78
3.2.1.8 Família 8	80
3.2.1.9 Família 9	82
3.2.1.10 Família 10	84
3.2.2 Discussão dos resultados	84
3.2.2.1 Como é que as crianças com idades compreendidas entre 6 e 12 anos utilizaram as tecnologias digitais durante o período de confinamento?	84
3.2.2.1.1 Dispositivos mais usados	85
3.2.2.2 Como é que o confinamento alterou o comportamento das crianças e das famílias, nomeadamente as atividades relacionadas com tecnologias digitais?	85
3.2.2.2.1 Novas rotinas	86
3.2.2.2.2 Utilização mais prolongada das tecnologias digitais	87
3.2.2.2.3 Tecnologias digitais e escola	89
3.2.2.2.4 Aumento de autonomia na utilização de tecnologias digitais	92
3.2.2.2.5 Regras e utilização das tecnologias digitais	92
3.2.2.3 Quais são as perceções dos filhos e dos pais em relação ao uso da tecnologia digital e às atividades online durante o confinamento?	93
3.2.2.4 Como é que o confinamento mudou as perceções das crianças e das famílias em relação às tecnologias digitais e às atividades online? Como é que as crianças e os pais percecionam os riscos e oportunidades associados?	93
3.2.2.4.1 Crianças	93
3.2.2.4.1.1 Escola vs. Aulas online? Escola!	95
3.2.2.4.1.2 Ter os pais mais tempo em casa? É para manter!	95
3.2.2.4.1.3 Antes da pandemia: ansiedade para poder jogar! Durante a pandemia: fartos de tecnologias.	95
3.2.2.4.2 Pais	95
3.2.2.4.2.1 Atitudes negativas	96
3.2.2.4.2.2 Atitudes positivas	97
3.2.2.5 Que impacto podem ter as mudanças que ocorreram no período de confinamento no futuro?	98
3.2.2.6 Resultados inesperados	
Conclusão	99
Referências	102

RESUMO

Este relatório apresenta os resultados nacionais do estudo “A Vida Digital das Crianças em Tempos de Covid-19: Práticas digitais, segurança e bem-estar de crianças e jovens entre os 6 e os 18 anos”, coordenado pelo Joint Research Centre da Comissão Europeia, e realizado em 15 países europeus.

O estudo teve como objetivo mapear as práticas digitais de famílias com crianças durante o período de confinamento obrigatório devido à pandemia Covid-19, bem como compreender o impacto deste período em mudanças de práticas e de perceções, quer dos pais, quer das crianças.

A metodologia usada é mista, incluindo um inquérito a uma amostra representativa de 509 famílias portuguesas com crianças e adolescentes entre os 10 e os 18 anos, e entrevistas em profundidade a 10 famílias diversificadas, com crianças entre os 6 e os 12 anos. Ambas as técnicas de recolha de dados se focaram em vários temas, entre os quais se destacam as práticas digitais das crianças durante o período de confinamento, a mediação parental, as perceções de crianças e pais relativamente a oportunidades e riscos associados à utilização de tecnologias digitais, a aquisição ou desenvolvimento de competências digitais durante este período, a experiência de ensino a distância, e o bem-estar das crianças e jovens. Por fim, inquirimos ainda as famílias sobre o impacto futuro que previam para este período de confinamento.

Entre os principais resultados destacam-se a intensificação das práticas digitais das crianças, quer para estudo, quer para entretenimento, e ainda para manter os seus laços familiares e sociais fora do lar. Esta intensificação das práticas digitais foi uma oportunidade para o desenvolvimento de novas competências, muitas das quais impulsionadas pelas plataformas e recursos escolhidos pelas escolas para o Ensino a Distância. Algumas crianças reportaram a exposição a alguns riscos online como tendo sido mais acentuada do que era anteriormente, bem como dificuldade em gerir uma utilização excessiva, aspetos estes que são fonte de preocupação para os pais. Tanto os pais como as crianças estão igualmente preocupados com as repercussões do Ensino a Distância na aprendizagem, temem que as crianças não tenham apreendido as temáticas abordadas durante o período de confinamento. As crianças apresentam bons níveis de bem-estar, e algumas até apreciaram passar mais tempo com a família, mas também sentem falta da interação face a face com outros familiares, amigos e professores.

Possíveis aprendizagens ou mudanças de práticas para o futuro são toldadas, no momento da recolha de dados, pela valorização das limitações e perdas inerentes ao período de confinamento. As tecnologias digitais são reconhecidas como um instrumento vital para a manutenção de muitas atividades, e da “normalidade possível”, no entanto são consideradas uma solução aquém da experiência anterior, e tanto pais e filhos desejam retomar a forma como viviam a vida pré-pandemia.

PALAVRAS-CHAVE

Crianças (6-18), famílias, tecnologias digitais, mediação parental, práticas digitais, perceções, pandemia, Covid-19, confinamento, ensino a distância, bem-estar.

ABSTRACT

This report presents the national results of the study “The Digital Lives of Children in Covid-19 Times: Digital practices, safety and wellbeing of children between 6 and 18 years old”, coordinated by the Joint Research Center of the European Commission, e conducted in 15 European countries.

The goal of the study was mapping the digital practices of families with children during the mandatory lockdown period due to the Covid-19 pandemic. In addition, the study also aimed to understand the impact of this period in changes of practices and perceptions of both parents and children.

The methodology is mixed, including an online survey to a representative sample of 509 Portuguese families with children between 10 and 18 years old, and in-depth interviews to 10 diversified families with children between 6 and 12 years old. Both data collection techniques focused on different topics, among which we highlight the digital practices of the children during lockdown, parental mediation, the perceptions of children and parents about opportunities and risks associated to the use of digital technologies, que acquisition or development of digital skills during this period, the experience of remote teaching, and the wellbeing of children and adolescents. Finally, we inquired the families about the future impact that they predicted for this lockdown period.

Among the main findings, we stress the intensification of the digital practices of children, either for the purpose of studying, either for entertainment, as well as to maintain the social bonds outside the home. This intensification of the digital practices was an opportunity for the development of new digital skills, many of which driven by the platforms and resources that each school adopted for remote teaching. Some children reported that their exposure to risks was more frequent that it used to be before, as well as difficulties in managing their own use of digital media, which they recognized as excessive. These aspects are a source of concern for parents. Both parents and children are also concerned about the possibility of having a worse school performance as a repercussion of remote teaching. The children present good wellbeing levels, and some even appreciated the opportunity to spend more time with their families, but they also miss face to face interaction with other family members, friends and teachers.

Possible lessons or changes for the future are clouded, at the moment of data collection, by the valorization of the limitations and losses that were inherent to the lockdown period. Digital technologies are acknowledged as vital for the maintenance of many activities, and of the “possible normal”. However, they are considered a solution with shortcomings when compared to pre-Covid times, and both parents and children desire to resume their pre-pandemic lifestyle as soon as possible.

KEYWORDS

Children (6-18), families, digital technologies, parental mediation, digital practices, perceptions, pandemic, Covid-19, lockdown, remote teaching, wellbeing.

INTRODUÇÃO

A pandemia Covid-19 afetou profundamente todas as dimensões da vida quotidiana. A resposta mais imediata por parte de muitos países europeus foi o confinamento da população. Durante esse período, as tecnologias digitais assumiram um papel fundamental na continuidade de muitas atividades, nomeadamente o trabalho, a aprendizagem, os contactos sociais, as compras, o desporto, o lazer.

Olhando em particular para o caso das crianças, estas já eram utilizadoras ávidas de tecnologias digitais. Face às mudanças decorrentes do confinamento, será que as tecnologias digitais lhes trarão novas oportunidades de aprendizagem, lhes proporcionarão o desenvolvimento de novas competências, lhes permitirão aprofundar os laços sociais apesar da distância, lhes oferecerão entretenimento, contribuirão para o seu bem-estar? Ou será esta uma oportunidade para acentuar o seu uso excessivo, que por sua vez conduz a vários riscos de saúde física e mental relacionados com a adição, num momento de maior fragilidade? Será que o facto de as crianças passarem mais tempo online as exporá ainda mais a conteúdo inapropriado, à exploração comercial, à intrusão na sua privacidade, ao contacto com estranhos, ao cyberbullying?

Inquietados por estas questões, o Centro de Pesquisa Comum (JRC – Joint Research Center) da Comissão Europeia rapidamente mobilizou um grupo de investigadores internacionais que já tinham colaborado em projetos anteriores sobre a utilização de tecnologias digitais por crianças e, também confinados nas suas casas, angariaram novos parceiros e delinearam um novo projeto de investigação sobre “A Vida Digital das Crianças em Tempos de Covid-19”.

Os objetivos deste estudo são i) mapear as práticas digitais de crianças até aos 12 anos durante o tempo de confinamento obrigatório resultante da Covid-19; ii) identificar riscos que as tecnologias digitais coloquem à segurança e privacidade das crianças e disseminar estratégias para os mitigar e/ou resolver; e iii) avaliar o bem-estar das crianças durante esta crise, disseminando estratégias para o promover.

Na consecução destes objetivos, a equipa de investigadores adotou uma metodologia mista para este estudo comparativo, e trabalhou na implementação do projeto entre março e setembro de 2020. O projeto, coordenado pelo JRC e apoiado pela UNICEF, conta atualmente com 26 centros de investigação como parceiros e está a ser realizado em 15 países europeus.

Em Portugal, os centros de investigação associados são o CRC-W – Católica Research Centre for Psychological, Family and Social Wellbeing da Universidade Católica Portuguesa e o CEIA - Centro de Estudos e Investigação Aplicada, do ISEC Lisboa. A realização deste projeto contou com o apoio da NOS. Este relatório apresenta exclusivamente os resultados obtidos a nível nacional.

1. À COVID-19 EM PORTUGAL



1. A COVID-19 EM PORTUGAL

Em janeiro de 2020, assim que os primeiros casos de Covid-19 fora da China foram notificados, o governo Português e a maioria das restantes grandes organizações nacionais começaram a preparar-se para a possibilidade do vírus chegar ao país, e começaram a trabalhar em planos de contingência que incluíam teletrabalho e apoio a quem adoecesse ou ficasse isolado por um período de quarentena.

O primeiro caso português do Covid-19 foi registado a 22 de fevereiro de 2020, um tripulante de um navio de cruzeiro japonês Diamond Princess, que estava atracado num porto japonês, onde todos os ocupantes estavam a cumprir 14 dias de isolamento obrigatório.

Os dois primeiros casos de Covid em território nacional foram notificados a 2 de março de 2020. Ambos eram cidadãos portugueses que se deslocaram à Itália no período de Carnaval, um em trabalho e o outro de férias. Nessa altura, todos os casos eram hospitalizados, e o governo acionou um plano de emergência através do Serviço Nacional de Saúde (SNS), segundo o qual 5 hospitais eram designados como “linha de frente” no combate à doença. Um protocolo de rastreamento epidemiológico foi ativado, e aqueles que tinham estado em contato com pacientes Covid-19 eram contactados pelo Serviço Nacional de Saúde, comunicando que deveriam cumprir isolamento profilático por 14 dias. Algumas organizações decidiram fechar por um período semelhante devido a um de seus membros ser um caso positivo. No dia 4 de março, ainda com poucos casos confirmados, o Primeiro-Ministro anunciou uma linha de crédito para ajudar as empresas a enfrentar o impacto económico da Covid-19. A companhia aérea nacional TAP Portugal cancelou grande parte dos seus voos e colocou os seus colaboradores em lay-off (temporário).

No dia 7 de março, o Ministro da Saúde anunciou as primeiras medidas preventivas no país: limitar as visitas a lares de terceira idade e às prisões. O governo também decidiu fechar algumas escolas devido a casos positivos. No dia 8 de março foi suspensa a Liga Portuguesa de Futebol, sendo um sinal bastante importante para o país, visto que o futebol é a principal modalidade desportiva em Portugal. O Presidente de Portugal iniciou também um período de isolamento de 14 dias, após ter acolhido na sua residência oficial a visita de uma turma com um aluno infectado. A 10 de março, todos os voos de Portugal para Itália foram suspensos.

Em 11 de março, a Organização Mundial da Saúde declarou a Covid-19 como uma pandemia. Nesse momento, Portugal contabilizava 59 casos ativos. O governo aconselhou o cancelamento de eventos com mais de 1000 pessoas, e o Turismo começou a sofrer cancelamentos significativos.

No dia 12 de março, o governo anunciou que todas as escolas do país deveriam fechar na segunda-feira seguinte, dia 16. Outras medidas aplicadas foram o encerramento de bares e discotecas e a limitação da capacidade em restaurantes, serviços públicos e centros comerciais. No dia seguinte, todos os serviços públicos ativaram o seu plano de teletrabalho, e a Igreja Católica cancelou todas as reuniões de culto. O arquipélago dos Açores declarou estado de alerta. Com o número de diagnosticados a subir para cerca de 250, apenas os casos mais graves eram agora hospitalizados, com os restantes a recuperarem-se isolados nas próprias casas, acompanhados de perto, mas a distância, pelas equipas do Serviço Nacional de Saúde. A 15 de março, Portugal e Espanha

chegaram a um acordo para limitar a circulação nas suas fronteiras. O governo também proibiu reuniões de mais de 100 pessoas. No dia 16 de março, o Ministro da Saúde anunciou a primeira morte por Covid-19 no país, juntamente com o reforço do Serviço Nacional de Saúde com mais 1800 médicos e 900 enfermeiros.

A 18 de março, o Presidente da República declarou estado de emergência por 15 dias. As medidas de emergência impunham confinamento obrigatório, com restrições estritas à circulação. Como consequência, todas as escolas do país ativaram protocolos de ensino a distância, principalmente transferindo aulas para plataformas de videoconferência como o Zoom e outras tarefas para plataformas de aprendizagem como o Google Classroom. Os números continuaram a crescer nesse período, e o governo foi anunciando novas medidas, umas para prevenir e conter a doença, outras para apoiar os cidadãos de diferentes formas - por exemplo, o pagamento de impostos foi adiado, o crédito às empresas foi ampliado. Os lares surgiam como foco de preocupação, onde a doença se espalhava rapidamente e resultava em muitas mortes, pois os idosos são mais vulneráveis. O Serviço Nacional de Saúde expandiu a sua capacidade de tratar pacientes - comprando ventiladores da China - e de realizar mais testes.

A 2 de abril, o Estado de Emergência foi renovado por mais 15 dias. Portugal registava 8251 casos e 187 óbitos. As medidas eram mais rigorosas desta vez, pois os portugueses começavam a revelar o cansaço de estarem confinados, o tempo convidava a estar ao ar livre, e a Páscoa aproximava-se, altura geralmente passada em família. Viajar para fora do município de residência foi proibido até depois da Páscoa. O regulamento também determinava que todas as escolas retomassem as suas atividades remotamente até o dia 4 de maio, e que trabalhassem remotamente até o final do ano letivo (que foi adiado para 26 de junho), exceto o Ensino Secundário, que deveria voltar às aulas presenciais no mesmo período. Os novos casos aumentavam a cada dia, e o Presidente anunciou que o estado de emergência iria ser renovado pela terceira vez. Na Páscoa, 12 de abril, Portugal contabilizava cerca de 20 mil casos e 600 mortes.

No dia 16 de abril, o estado de emergência foi renovado até 2 de maio. O Ministério da Educação fez uma pesquisa nacional para avaliar o acesso às tecnologias e várias empresas doaram computadores, tablets e smartphones, que foram distribuídos aos alunos que mais precisavam. A maioria dos alunos tinha acesso a dispositivos digitais, mas eles eram partilhados com outros membros da família. Com a maioria dos membros da família a estudar ou a trabalhar online, o Ministério da Educação tentou fornecer dispositivos extra. No dia 20 de abril, estreou o programa #EstudoemCasa - no Serviço Público de Televisão, pois o governo entendeu que tal seria a melhor solução para garantir que todos os alunos tivessem acesso à aprendizagem.

O número de novos casos diários começava a diminuir. Muitos portugueses começavam a aventurar-se fora de casa, exaustos de estarem confinados e com saudades dos seus entes queridos. O governo restringiu mais uma vez as deslocações fora do concelho de residência durante o último fim-de-semana do estado de emergência, como forma de mostrar aos portugueses que ainda deveriam ter cuidado. A 30 de abril, o governo anunciou que o estado de emergência iria ser substituído por um estado de contingência no dia 2 de maio, e o bloqueio foi suspenso. Isso permitiu a abertura progressiva de serviços e negócios públicos, mantendo-se a obrigatoriedade do uso de máscaras em espaços públicos fechados, a limitação da capacidade do transporte público a um terço e a proibição de aglomerações de mais de 10 pessoas. O Presidente e o Primeiro-Ministro foram alvo de cobertura mediática na qual surgiram a ir a restaurantes, a concertos e à

praia, tentando mandar uma mensagem aos portugueses de que o desconfinamento era seguro. Eles anunciaram um plano de desconfinamento em três etapas, com o levantamento progressivo das medidas restritivas a cada duas semanas, dependendo da evolução dos novos casos. A abertura dos restaurantes ocorreu no dia 18 de maio, na mesma data em que o Ensino Secundário retomou as aulas presenciais e os Jardins de Infância e Creches foram abertos. Portugal registava nessa altura cerca de 25 000 casos e 1000 óbitos.

Durante os meses de Junho e Julho, o número de novos casos diários estabilizou em torno de 200. O único foco de preocupação era a Área Metropolitana de Lisboa, a capital, onde os casos estavam a aumentar. O Sistema Nacional de Saúde fez um esforço por retomar as outras atividades que estavam suspensas, como cirurgias e tratamentos hospitalares. O governo português apostou em apelar aos portugueses para fazerem férias no seu próprio país, visto que o Turismo é uma das principais atividades em Portugal e estava a sofrer gravemente. O ano letivo terminou no dia 26 de junho e o Ministério da Educação fez um levantamento para identificar os casos que precisavam de apoio extra para o próximo ano. A 15 de maio, o Banco de Portugal anunciou que o impacto da pandemia na economia era grave, com uma redução significativa das transações económicas e o desemprego a subir para 10%.

No dia 29 de maio, o Primeiro-Ministro anunciou novas medidas restritivas apenas para a Área Metropolitana de Lisboa, visto que os casos continuavam a crescer nessa área. No entanto, ele dirigiu-se à nação partilhando uma apreciação positiva do processo de desconfinamento. No dia 15 de Junho, foram levantadas as medidas extraordinárias para a Área Metropolitana de Lisboa, tendo o número de novos casos estabilizado. Os principais focos do governo nessa altura passaram a ser o reforço do Sistema Nacional de Saúde e preparar-se para uma segunda onda de Covid-19 no outono, além de apoiar a revitalização da economia. Uma das principais questões diplomáticas era a relação com o Reino Unido, que havia excluído Portugal da sua lista de “destinos seguros”, com forte impacto no Turismo português.

Em meados de agosto, o número de novos casos diários começou a aumentar ligeiramente, com o fim do período de férias e muitas pessoas a voltar ao trabalho presencial. No início de setembro, o número médio de novos casos diários subiu para cerca de 600, voltando aos mesmos números de abril. Os portugueses estavam preocupados com o início do novo ano letivo, que foi anunciado pelo governo como sendo presencial. Houve um forte debate na sociedade portuguesa, dividido entre o medo pela segurança das crianças e das suas famílias, e o reconhecimento dos efeitos psicológicos e sociais negativos das restrições, bem como na aprendizagem. Entre 14 e 17 de setembro, todas as escolas retomaram as suas atividades presencialmente. O uso de máscara foi decretado como obrigatório no espaço escolar para todos os adultos, e para as crianças a partir do 2º ciclo, com exceção das aulas de Educação Física, por ser considerado prejudicial à saúde a realização de esforço físico com máscara. As salas, refeitórios e outros espaços foram reorganizados, dentro das limitações de cada caso particular, de forma a respeitar o distanciamento mínimo de 1 metro. Os intervalos foram reduzidos e os horários compactados. Na maior parte das escolas públicas, foi adotado o “sistema de bolhas”, minimizando o contacto entre ciclos, anos e mesmo turmas diferentes, criando horários de entrada e saída na escola desfasados, bem como de intervalos, e delimitando espaços exteriores a serem usados por cada turma durante os intervalos. As crianças portuguesas e as suas famílias tiveram que aprender a fazer face a um “novo normal”, em que a dimensão social da escola era fortemente penalizada.

Ainda assim, o número de novos casos diários continuou a aumentar durante o mês de setembro. Apesar disso, o Primeiro-Ministro anunciou que o confinamento estava fora de questão, pois a economia portuguesa não resistiria a um segundo confinamento. Os confinamentos ocorreriam apenas onde e quando fossem necessários. No início de outubro, foi atingida uma média de 1000 casos diários. Os planos de contingência do governo e de diversas organizações foram aplicados, com turmas escolares e universitárias a ficar em isolamento profilático quando algum dos seus membros testa positivo para a Covid-19. Face a um aumento contínuo dos novos casos, aumentam também os internamentos por Covid-19. Em meados de outubro, já com cerca de 2000 novos casos diários, o Sistema Nacional de Saúde reporta uma taxa de ocupação de camas de internamento e de cuidados intensivos de cerca de 70%, e começam a ser montados hospitais de campanha.

A 14 de outubro é anunciada a passagem de estado de contingência para estado de calamidade pelo governo português, que impõe medidas mais restritivas relativas ao número de pessoas que se podem reunir e ao funcionamento de alguns negócios, incidindo particularmente em restaurantes, bares e cafés. No dia 20 de outubro é ultrapassada a barreira dos 3000 novos casos diários. O Primeiro-Ministro anuncia medidas extraordinárias entre os dias 30 de outubro e 3 de novembro, procurando evitar aglomerados motivados pela celebração do Halloween ou do dia de Finados, impondo novamente a proibição de deslocação entre concelhos neste período. Em três concelhos no norte do país é declarado novo confinamento por 14 dias, embora seja permitido sair de casa para ir à escola e para trabalhar, a quem o teletrabalho não é aplicável. A “segunda vaga” da Covid-19 é oficialmente mais grave do que a primeira, em Portugal. Mas o governo considera que novo confinamento não é uma resposta viável.

Ao longo do mês de outubro, e durante o mês de novembro, o número diário de infetados com Covid-19 continua a aumentar, e os hospitais do Serviço Nacional de Saúde começam a acusar sobrecarga, sobretudo no norte do país. A 9 de novembro, o Presidente da República promulga a reposição do Estado de Emergência, quadro legal que, perante a Constituição Portuguesa, é necessário para que se possam restringir algumas liberdades individuais. Ao mesmo tempo que o Ministério da Saúde se foca no reforço do Sistema Nacional de Saúde, e na gestão do número de internamentos e de internamentos em cuidados intensivos, o Primeiro-Ministro António Costa anunciou ao país novas medidas restritivas, sob o novo lema do governo “máxima eficácia, mínimo impacto”. Por um lado, evitar um novo confinamento geral e garantir que as crianças e jovens poderiam continuar a estudar presencialmente foram prioridades do governo. Por outro, a pressão sobre o Sistema Nacional de Saúde exigia medidas rápidas e eficazes para reduzir o contágio. A opção recaiu sobre uma classificação dos vários concelhos do país em três categorias de risco, em função do número de infetados por 100 mil habitantes, estando cada uma das categorias sujeita a medidas restritivas distintas. Nos 121 concelhos que, no dia 9 de novembro, foram anunciados como sendo de risco máximo, foi declarado o recolher obrigatório entre as 23h e as 5h do dia seguinte, a deslocação entre concelhos (a não ser por motivos justificados), e foi imposto um confinamento parcial durante os fins de semana, a partir das 13h. O dia 4 de novembro contou com mais novos casos diários, 7497. São vários os casos em escolas, que procedem ao isolamento profilático total ou parcial de turmas, implementando o plano de contingência que prevê Ensino a Distância por um período de 14 dias. Este sistema, do ponto de vista da contenção da propagação da doença, é satisfatório, pois são poucos os surtos em escolas, comparativamente ao número de infetados.

O Estado de Emergência foi renovado a 20 de novembro, data em que foram conhecidas novas medidas restritivas, incluindo o fecho das escolas nos dias 30 de novembro e 7 de dezembro, que antecedem feriados, procurando assim evitar as deslocações entre concelhos e os convívios sociais. Estas medidas causaram grande contestação por parte dos setores económicos mais afetados, que contavam com estes fins de semana prolongados e com o Natal para uma pequena recuperação, nomeadamente a restauração, a cultura e o turismo. Houve várias manifestações, e alguns empresários iniciaram uma greve de fome, na tentativa de sensibilizar o governo para a revisão destas medidas, ou para a implementação de medidas compensatórias ou de apoio.

Na mesma altura em que surgem notícias sobre os resultados dos ensaios clínicos de várias vacinas, os especialistas em saúde que aconselham o governo português anunciam que se terá atingido o pico da curva epidemiológica da segunda vaga a 25 de novembro, data a partir da qual se verifica uma diminuição do número de novos casos diários. A 3 de dezembro, o governo tornou público o plano nacional de vacinação, que terá início em janeiro de 2021 e contará com 3 fases. São discutidas previsões que anunciam um eventual “regresso à normalidade” no outono de 2021.

2. METODOLOGIA



2. METODOLOGIA

2.1. PERGUNTAS DE INVESTIGAÇÃO

Este relatório apresenta os resultados obtidos em Portugal no âmbito de um projeto europeu coordenado pelo Joint Research Centre da Comissão Europeia, e contando com a participação de 15 países - Alemanha, Áustria, Bélgica, Croácia, Dinamarca, Eslovénia, Espanha, França, Irlanda, Itália, Lituânia, Noruega, Portugal, Roménia e Suíça. Este projeto tem como principal objetivo mapear e compreender a forma como as tecnologias digitais foram usadas em famílias com crianças durante o confinamento decretado em vários países devido à pandemia Covid-19. Pretendeu-se identificar aspetos relevantes relacionados com as práticas digitais, a mediação parental, a segurança online, o ensino a distância e o bem-estar das crianças e famílias, e oferecer recomendações.

Assim, o seu desenvolvimento foi orientado pelas seguintes perguntas de investigação:

PI1. Como é que as crianças e jovens com idades compreendidas entre 6 e 18 anos utilizaram as tecnologias digitais durante o período de confinamento?

PI2. Como é que o confinamento alterou o comportamento das crianças e das famílias, nomeadamente as atividades relacionadas com tecnologias digitais?

PI3. Quais são as perceções dos filhos e dos pais em relação ao uso da tecnologia digital, às atividades online, e às oportunidades e riscos associados, durante o confinamento?

PI4. Como é que o confinamento mudou as perceções das crianças e das famílias em relação às tecnologias digitais, às atividades online e às oportunidades e riscos associados?

PI5. Que impacto podem ter as mudanças que ocorreram no período de confinamento no futuro?

Estas perguntas organizam-se num modelo teórico que tem como eixo vertical a dicotomia entre práticas e perceções, e como eixo horizontal o período de confinamento e o impacto subsequente desse período. A Tabela 1 apresenta o construto teórico a partir do qual se organizam as nossas perguntas de investigação.

Tabela 1. Modelo teórico e perguntas de investigação.

	Durante o período de confinamento	Após o período de confinamento
PRÁTICAS	PI1. Como é que as crianças e jovens com idades compreendidas entre 6 e 18 anos utilizaram as tecnologias digitais durante o período de confinamento?	PI2. Como é que o confinamento alterou o comportamento das crianças e das famílias, nomeadamente as atividades relacionadas com tecnologias digitais?
PERCEÇÕES	PI3. Quais são as perceções dos filhos e dos pais em relação ao uso da tecnologia digital, às atividades online, e às oportunidades e riscos associados, durante o confinamento?	PI4. Como é que o confinamento mudou as perceções das crianças e das famílias em relação às tecnologias digitais, às atividades online e às oportunidades e riscos associados?
	PI5. Que impacto podem ter as mudanças que ocorreram no período de confinamento no futuro?	

2.2. DESENHO DA INVESTIGAÇÃO

O desenho de investigação segue o método misto sequencial (Creswell, 2003).

Numa primeira fase, foi aplicada uma técnica de recolha de dados quantitativa, um inquérito online a pais de crianças e adolescentes entre os 10 e os 18 anos, no qual uma parte deveria ser respondida pelo filho ou filha, a uma amostra representativa deste grupo populacional em cada um dos países. O inquérito proporcionou uma visão mais abrangente sobre as temáticas em estudo, e os seus resultados ajudaram no desenho do instrumento de recolha de dados aplicado na fase subsequente.

Seguidamente, foi aplicada uma técnica de recolha de dados qualitativa, a entrevista, neste caso online, a 10 famílias com crianças entre os 6 e os 12 anos, em cada um dos países. Estes dados permitiram aprofundar e esclarecer alguns dos resultados obtidos no inquérito.

2.3. MÉTODOS DE RECOLHA E ANÁLISE DE DADOS

2.3.1. INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO

Nesta secção, descrevemos o protocolo aplicado para a realização do inquérito por questionário às famílias.

O inquérito dirige-se a famílias portuguesas com crianças ou jovens entre os 11 e os 18 anos. É constituído por duas partes, a primeira para ser respondida por um dos progenitores da família, e a segunda para ser respondida por uma criança ou jovem entre os 10 e os 18 anos – no caso de haver várias na mesma família, deveria ser selecionada a mais velha. O inquérito foi realizado online e foi aplicado a uma amostra probabilística, representativa da população portuguesa, pela empresa Valicon. Foi solicitado o consentimento informado tanto ao adulto como à criança.

Na Tabela 2 apresentamos a correspondência entre os temas abordados nas perguntas do inquérito e as perguntas de investigação.

Tabela 2. Correspondência entre as perguntas de investigação e as perguntas do inquérito.

Perguntas do Inquérito	Tema	Perguntas de Investigação
P1	Dispositivos no lar	PI1, PI2
P2	Utilização	PI2
P3	Acesso (a dispositivos e conteúdo)	PI2, PI4, PI5
P4	Perceções gerais sobre tecnologias digitais	PI2, PI3
P5	Perceções sobre tecnologias digitais e bem-estar	PI3, PI4, PI5
P6	Competências	PI1, PI2, PI3
P7	Práticas online	PI1, PI2, PI3
P8	Mediação parental	PI3, PI4
P9	Literacia	PI3, PI4
P10	Riscos	PI3, PI4
P11	Aulas online	PI2, PI3
P12	Frequência de aulas online	PI2, PI3
P13	Recursos tecnológicos da escola	PI2, PI3
P14	Recursos tecnológicos no lar	PI2, PI3
P15, P16	Perceções sobre ensino a distância	PI2, PI3
P17	Expectativas relativas à escola	PI2, PI3
P18	Preocupações com o futuro	PI2, PI3
P19	Acrescentar informação	
PS1	Dados sociodemográficos – género	
PS2	Dados sociodemográficos – idade	
PS3	Dados sociodemográficos – estado civil	
PS4	Dados sociodemográficos – situação profissional	
PS5	Dados sociodemográficos – educação	
PS6	Dados sociodemográficos – rendimento	
PS7	Dados sociodemográficos – habitação	
PS8	Dados sociodemográficos – nº de pessoas em confinamento	
PS9	Dados sociodemográficos – nº de crianças em confinamento	
PS10	Dados sociodemográficos – ano escolar da criança que respondeu ao inquérito	
PS11	Dados sociodemográficos – situação profissional durante o confinamento	
PS12	Dados sociodemográficos – tipo de internet no lar	
Criança ou Jovem		
P1	Uso de dispositivos	PI1, PI2
P2	Frequência de uso de dispositivos	PI1, PI2, PI3
P3	Frequência de uso de dispositivos para propósitos escolares	PI1, PI2, PI3
P4	Práticas com dispositivos digitais	PI1, PI2, PI3
P5	Competências	PI1, PI2, PI3
P6	Riscos	PI3, PI4
P7	Privacidade	PI3, PI4
P8	Uso excessivo da internet	PI2, PI3, PI4
P9	Ensino a distância	PI2, PI3
P11	Carga de trabalho	PI2, PI3
P12, P13, P14	Recursos da escola	PI2, PI3
P15	Perceções sobre as atividades escolares	PI3, PI4
P16	Comunicação com os professores	PI1, PI2
P17	Preocupação com aprendizagem	PI4, PI5
P18, P19	Perceções sobre o bem-estar	PI3, PI4
P20	Sono	PI3, PI4
P21	Solidão	PI3, PI4
P22	Apoio social	PI3, PI4
P23	Atividade física	PI3, PI4
P24	Uso de tecnologias digitais para atividade física	PI3, PI4
P25	Acrescentar informação	PI3, PI4
PS1	Dados sociodemográficos – género	
PS2	Dados sociodemográficos – idade	
PS3	Dados sociodemográficos – ano escolar	

2.3.2. ENTREVISTAS

Nesta secção, descrevemos o protocolo de observação e análise aplicado para a realização das entrevistas às famílias.

Todas as entrevistas foram realizadas na plataforma Zoom, entre abril e setembro de 2020. A duração média das entrevistas foi de 47 minutos. Todas as entrevistas incluíram uma criança e um dos pais. Após a sua entrevista, algumas das crianças preferiram sair de perto dos pais, enquanto outras preferiram assistir à entrevista dos pais. As entrevistas foram gravadas em vídeo.

Previamente à entrevista, foram enviados aos pais formulários de consentimento informado para eles e para as crianças, bem como alguns documentos de recolha de informação. Aos pais, pedimos que preenchessem um questionário sobre os dispositivos digitais existentes no lar e a sua utilização. Às crianças, fornecemos um livro de atividades intitulado "O meu diário da época Covid-19", com várias atividades que lhes permitiam documentar o seu dia a dia neste período. Estes instrumentos de recolha de dados foram usados como tema de conversa nas entrevistas, ajudando a quebrar o gelo e a recordar tópicos importantes.

O guião das entrevistas foi construído colaborativamente pelos vários investigadores do projeto e contou com 25 perguntas, tendo estas vários tópicos de conversa subjacentes. Estavam divididas em 5 temáticas, correspondentes às 5 perguntas de investigação: 1) práticas digitais da família durante o confinamento (dispositivos, atividades, mediação parental); 2) alterações no uso das tecnologias digitais (novas práticas, segurança digital, ensino a distância); 3) perceções de pais e filhos relativamente ao uso de tecnologias digitais (riscos e oportunidades); 4) alterações dessas perceções devido à experiência do confinamento; 5) bem-estar e regresso às rotinas (expectativas sobre o desconfinamento ou experiências de desconfinamento).

O protocolo da entrevista seguiu a seguinte estrutura:

- Introdução, com a criança e pais, sobre o projeto, sobre a entrevista e questões de privacidade (cerca de 5 minutos).
- Entrevista com a criança (cerca de 15 minutos)
 - Conversa para "quebrar o gelo" sobre o livro de atividades (cerca de 5 minutos).
 - Entrevista relacionada com o uso de tecnologias digitais durante o confinamento, estudo em casa, entretenimento, mediação parental de tecnologias digitais, bem-estar e perceções sobre esta experiência (cerca de 10 minutos).
 - Entrevista com o pai/mãe, tendo em conta o uso de tecnologia durante o confinamento, o estudo em casa, o entretenimento, a mediação parental de tecnologias digitais, o bem-estar e perceções sobre esta experiência (cerca de 20 minutos).
- Agradecimento às famílias (cerca de 5 minutos).

Relativamente ao protocolo de análise dos dados qualitativos, as entrevistas foram transcritas na íntegra e todos os membros da família foram categorizados com pseudónimos e códigos (ver Tabela 1).

As entrevistas pautaram-se por ser semidiretivas, pois de acordo com Quivy (2003, p. 192) permitem uma “verdadeira troca”. Através das perguntas de característica mais aberta o entrevistado tem oportunidade de exprimir as suas opiniões ou perceções, onde o entrevistador facilita o diálogo, não se afastando dos objetivos da investigação. Após a transcrição integral das entrevistas, procedemos à sua análise de conteúdo. Segundo Esteves (2006, p.107), umas das principais características desta análise é o facto de se poder “extrair um conhecimento que a simples leitura ou audição cumulativas não permitiria formar”. Para a autora, “a análise de conteúdo é uma técnica sistemática e replicável para comprimir muitas palavras de texto em poucas categorias de conteúdo, baseada em regras explícitas de codificação.” Deste modo, os dados recolhidos foram “classificados e reduzidos, após terem sido identificados como pertinentes, de forma a reconfigurar o material ao serviço de determinados objetivos de investigação” (p.109). Baseámo-nos no guião das entrevistas para obter as categorias iniciais, sendo estas alteradas à medida que fomos aprofundando a análise dos dados, assim como o surgimento de novas categorias. De modo a analisar o conteúdo das entrevistas, foi realizada uma análise de conteúdo categorial, segundo a terminologia de Ghiglione e Matalon (2005, p. 211). De acordo com os autores, este procedimento de análise “consiste em classificar os diferentes elementos nas diversas gavetas segundo critérios suscetíveis de fazer surgir um sentido capaz de introduzir uma certa ordem na confusão inicial”. De referir que as categorias foram definidas tendo em conta o nível de concordância entre as investigadoras (acordo de juízes). Os dados foram analisados com recurso ao software NVivo, versão 12.

O protocolo de análise incluiu três etapas:

- Criar “retratos” de família (escrever uma narrativa sobre a experiência de cada família, seguindo os mesmos pontos-chave: contexto da família, uso de tecnologias digitais no confinamento para o estudo e entretenimento, mudanças nas rotinas durante o confinamento, novas competências digitais adquiridas pelo filhos, experiências negativas com tecnologias digitais, mediação parental, perceções dos pais sobre tecnologias digitais, vantagens e desvantagens da experiência de confinamento, perceções sobre como essa experiência impactará o futuro.
- Codificar as transcrições utilizando a análise temática (Boyatzis, 1998) no NVivo (seguindo um sistema de codificação geral).
- Responder às cinco questões de investigação, usando a informação dos “retratos de família” e da análise temática.

2.4. AMOSTRAGEM E AMOSTRA

2.4.1. INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO

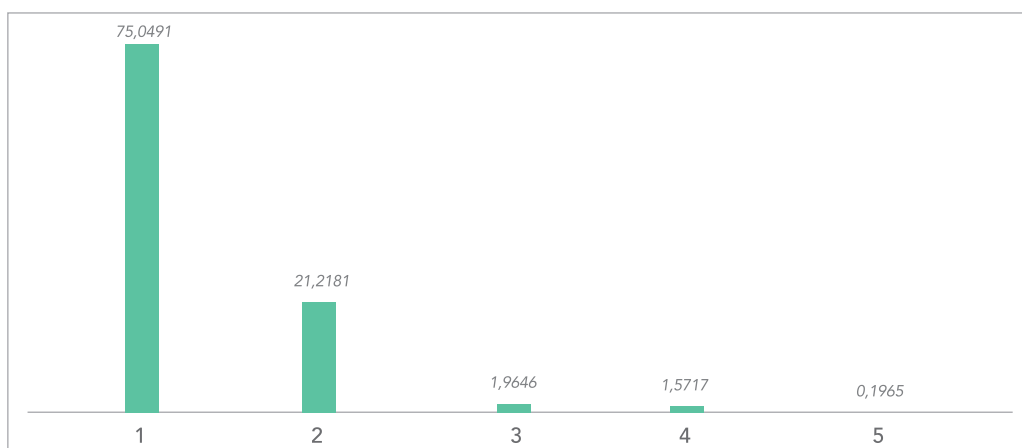
O questionário foi aplicado online, a uma amostra probabilística de famílias com filhos (crianças e jovens) entre os 6 e os 18 anos, pela empresa Valicon.

A amostra é constituída por 509 respostas válidas.

Os respondentes adultos têm uma distribuição relativamente equilibrada no que respeita ao género: 52% são homens e 48% são mulheres.

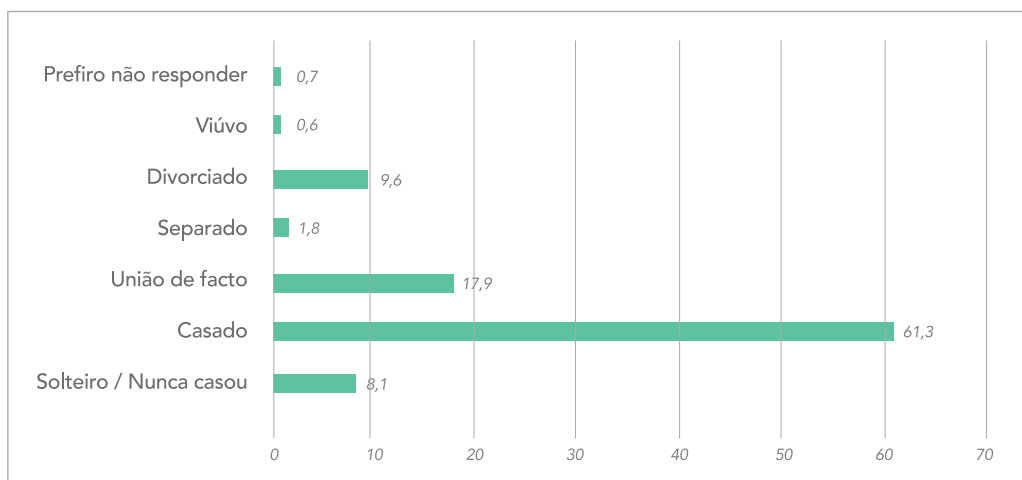
O número médio de filhos nas 509 famílias é de 1,3. Na nossa amostra, 75,05% das famílias têm apenas um filho (Figura 1).

Figura 1. Número de filhos por família (em percentagem).



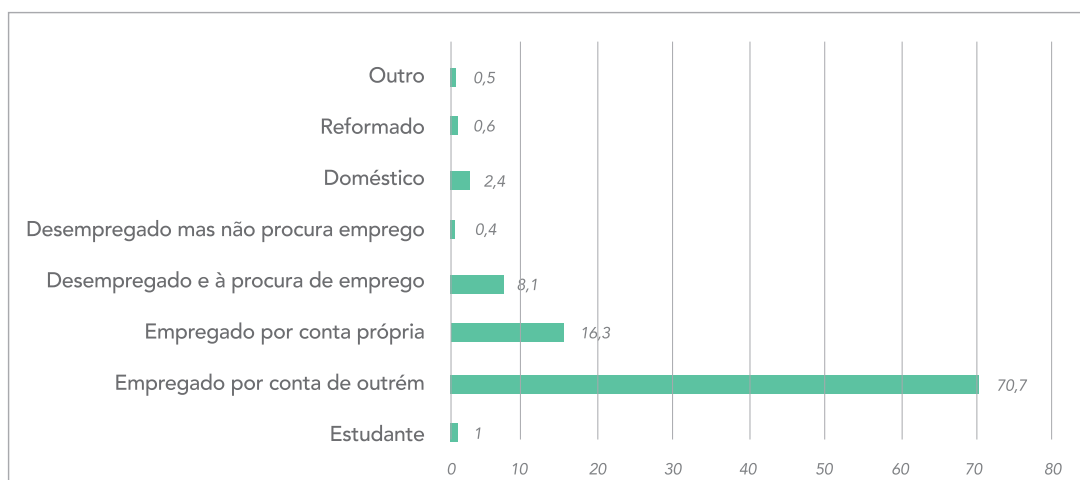
Quanto aos adultos, a maior parte das famílias são constituídas por casais – 79,2%

Figura 2. Estado civil dos respondentes (em percentagem).



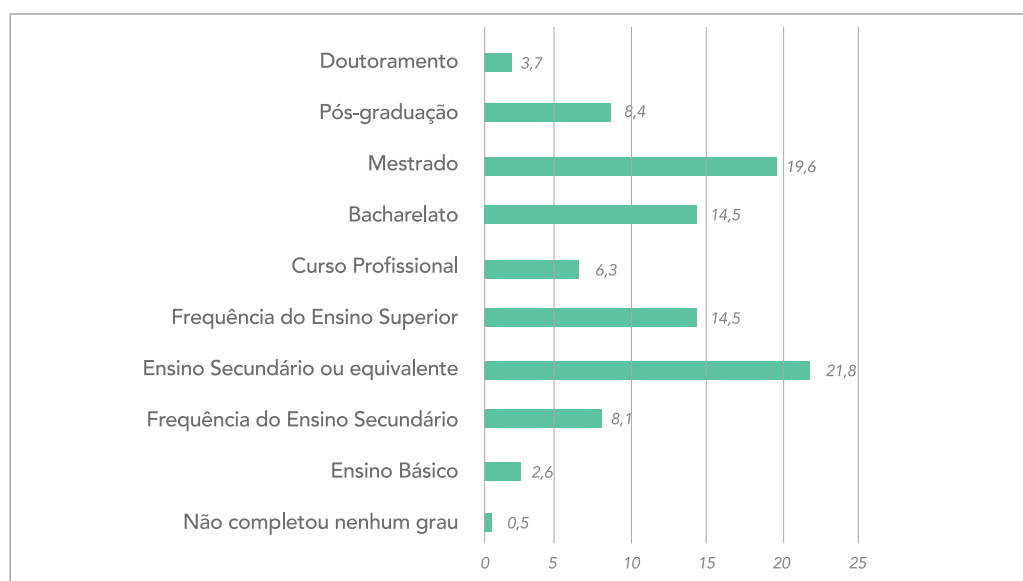
Relativamente à sua situação profissional prévia ao confinamento, a maior parte dos respondentes (70,7%) trabalhava por conta de outrem (Figura 3).

Figura 3. Situação profissional dos respondentes (em percentagem).



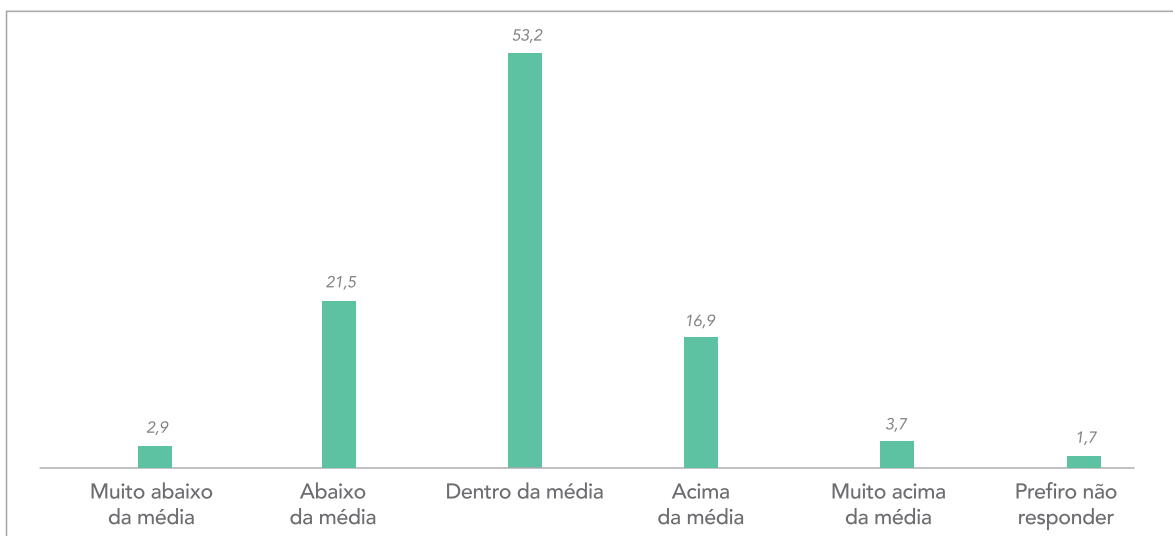
Quanto às habilitações, 60,7% da nossa amostra é detentor de um grau de Ensino Superior (Figura 4).

Figura 4. Grau académico dos respondentes (em percentagem).



A perceção dos respondentes relativamente aos seus rendimentos é maioritariamente alinhada com a média (53,2%) (Figura 5), sendo que o salário médio bruto em Portugal, no 2º trimestre de 2020, foi de 1326 euros (INE, 2020).

Figura 5. Percepção dos respondentes relativamente aos seus rendimentos (em percentagem).



Quanto às crianças, a nossa amostra é relativamente equilibrada quanto à distribuição dos respondentes por género (Figura 6) e por idades (Figura 7).

Figura 6. Género das crianças (em percentagem).

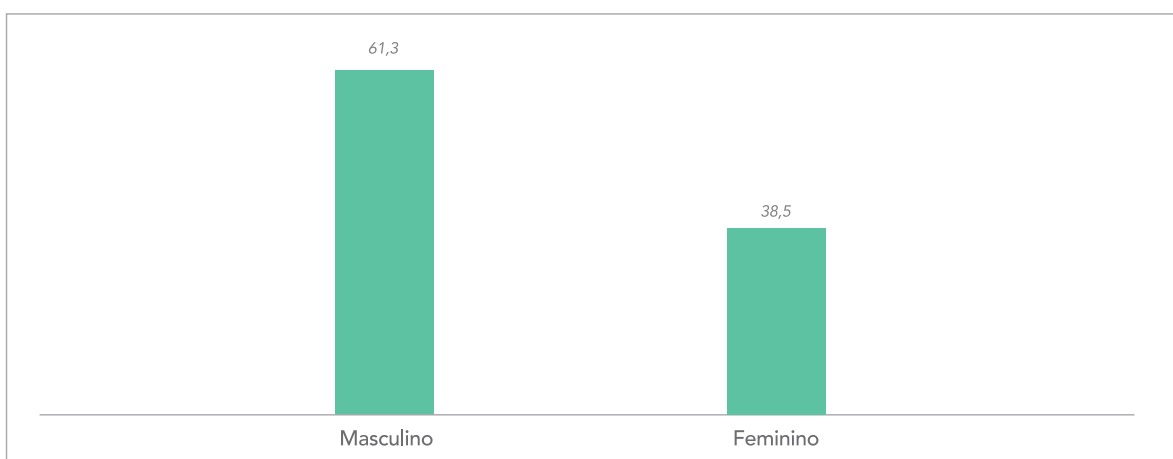
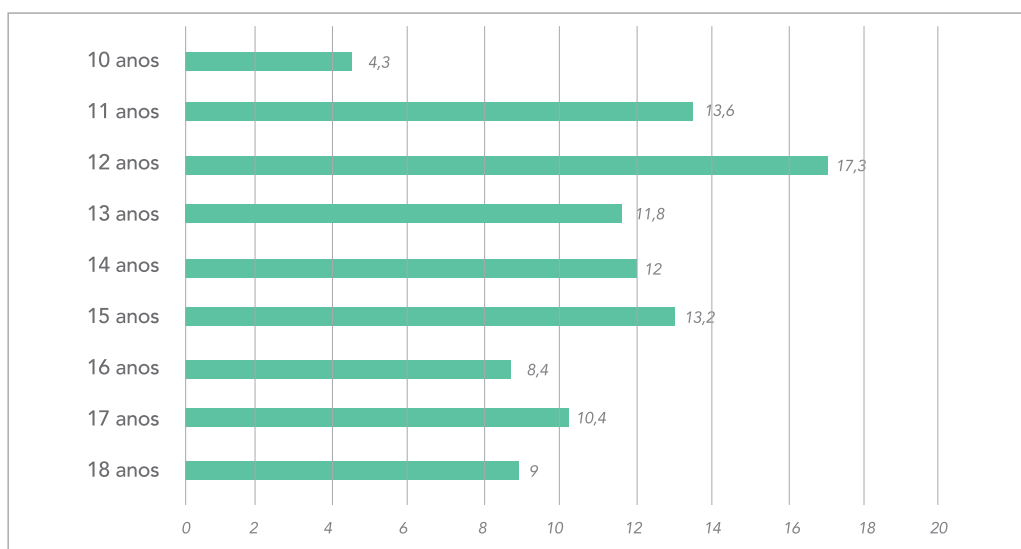
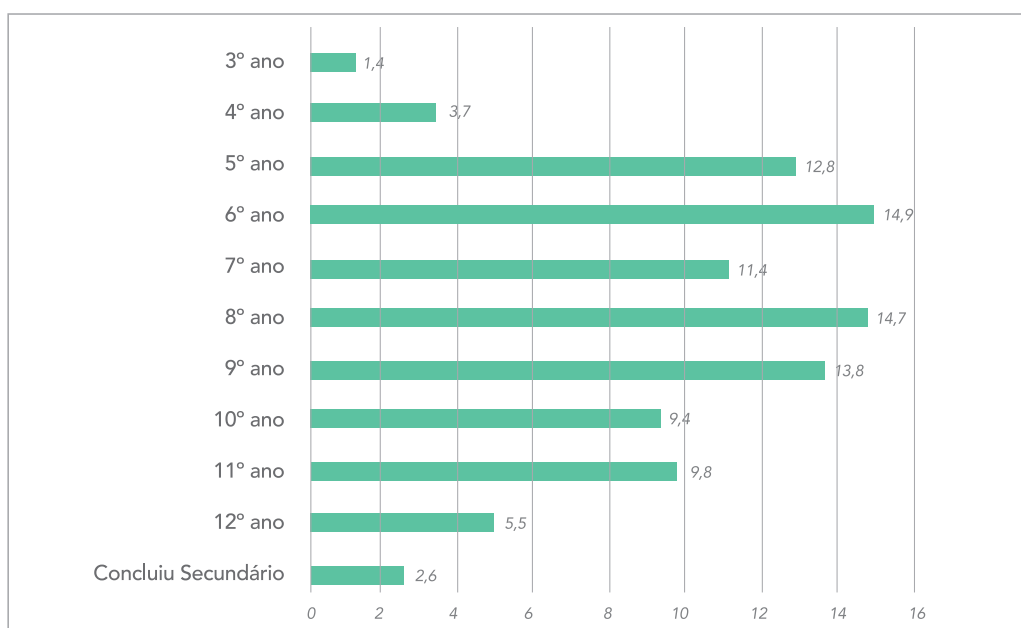


Figura 7. Idade das crianças (em percentagem).



No Figura 8, podemos observar uma distribuição igualmente equilibrada no que respeita ao ano escolar que frequentaram em 2019/2020.

Figura 8. Ano escolar das crianças em 2019/2020 (em percentagem).



2.4.2. ENTREVISTAS

Em cada um dos países, foram selecionadas 10 famílias com crianças até aos 12 anos. Como primeira opção, tendo em conta o contexto de confinamento em que o estudo foi iniciado, que dificultava o recrutamento de participantes, foram contactadas as famílias que participaram em estudos anteriores do mesmo grupo de investigadores, relacionados com esta temática, nomeadamente os estudos “Crianças (0-8) e Tecnologias Digitais”¹ e “Crianças (0-8) e Tecnologias Digitais: Mudanças em Um ano”². Essas famílias já estavam familiarizadas connosco, como investigadoras, e por

¹ - <https://repositorio.ucp.pt/handle/10400.14/19160>

² - <https://repositorio.ucp.pt/handle/10400.14/22498>

isso estariam mais confortáveis para participar no presente estudo, neste momento incerto e exigente. Desse grupo, conseguimos obter a participação de apenas quatro das famílias. As novas seis famílias foram contactadas através de referências pedidas às famílias iniciais. Na seleção das novas famílias, tivemos em consideração a constituição de uma amostra diversificada quanto à idade dos filhos, género, composição familiar e nível socioeconómico das famílias.

Em primeiro lugar, contactámos as famílias por telefone e convidámo-las a participar neste novo estudo. De seguida, enviámos por correio eletrónico toda a documentação: o termo de consentimento informado para pais e filhos, um questionário pré-entrevista sobre o uso de tecnologias, para um dos pais responder, e um livro de atividades para as crianças brincarem, que serviria como um “quebra-gelo” durante as entrevistas. Quando os pais devolveram todos esses documentos por correio eletrónico, agendámos a entrevista.

A Tabela 3 apresenta informação demográfica relativamente aos participantes.

Tabela 3. Caracterização das famílias entrevistadas.

Família	Membros da família	Idade	Nível socioeconómico	Profissão
PT 1	Paulo, pai Francisca, mãe Alexandra, filha André, filho	43 42 13 8	Baixo	Sargento da Marinha Dona de casa 7º ano 3º ano
PT 2	José, pai Teresa, mãe João, filho Filipe, filho	44 43 11 6	Elevado	Piloto Engenheiro civil 6º ano Educação Pré-Escolar
PT 3	Rafael, pai Rita, mãe Sara, filha Isabel, filha	28 28 10 3	Baixo	Motorista de Uber Caixa supermercado 5º ano -
PT 4	Manuel, pai Clara, mãe António, filho Miguel, filho	43 43 13 8	Médio	Eng. mecânico Eng. do ambiente 7º ano 3º ano
PT 5	Artur, pai Iolanda, mãe Matilde, filha Ana, filha Bernardo, filho Mateus, filho	46 41 11 10 6 1	Elevado	Economista Dona de casa 5º anos 4º ano 1º ano Creche
PT 6	Sílvia, mãe Dinis, filho	42 12	Médio	Educadora de infância 6º ano
PT 7	Mónica, mãe Henrique, filho	36 7	Baixo	Professora de educação especial 2º ano
PT 8	Duarte, pai Alice, mãe Laura, filha Rodrigo, filho Margarida, filha Joana, filha	42 40 11 8 4 2	Médio	Gestor bancário Dona de casa 5º ano 2º ano Pré-Escolar -
PT 9	Lúisa, mãe Patrícia, filha Daniela, filha	38 6 4	Médio	Diretora de Marketing Pré-escolar Pré-escolar
PT 10	Jorge, pai Maria, mãe Catarina, filha Diogo, filho Madalena, filha	47 45 21 19 10	Médio	Chef Educadora de infância Estudante Estudante 4º ano

Nota: os entrevistados que estão assinalados a negrito foram o sujeito a quem a entrevista se destinou.

2.5. DISCUSSÃO DA METODOLOGIA

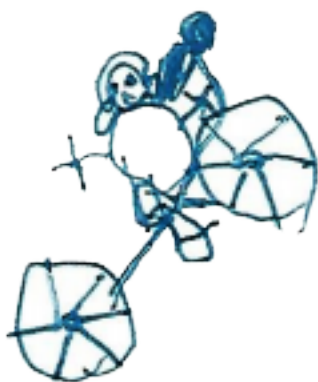
A principal limitação do método quantitativo é, apesar de a amostra obtida ser representativa das famílias portuguesas com crianças e jovens entre os 10 e os 18 anos, excluir quem não tem acesso a tecnologias digitais, uma vez que foi realizado online. Outra limitação importante é não ser um instrumento adequado às crianças mais jovens, que não são ainda proficientes na leitura e na escrita e que possam ter mais dificuldades com o vocabulário usado, limitação esta que procuramos colmatar com a utilização do método quantitativo.

Por fim, pela própria natureza das questões abertas, os dados obtidos permitem muitas vezes compreender “o quê”, sendo mais descritivos, e nem sempre permitem compreender “o porquê”, as motivações e razões que explicam os comportamentos ou perceções reportados.

A principal limitação do método qualitativo é o fato de as amostras por país serem bastante pequenas. No entanto, o seu principal objetivo foi conhecer mais intimamente essas famílias e permitir um olhar aprofundado sobre as experiências dessas famílias durante o período de confinamento.

O facto de não ter sido possível visitar as famílias e de as termos entrevistado com recurso a uma ferramenta digital também limitou a proximidade pretendida e a nossa capacidade de observação da casa, mas foi a forma possível de concretizar este estudo em regime de confinamento, sendo este um período único que importava registar e estudar.

3. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS



3. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

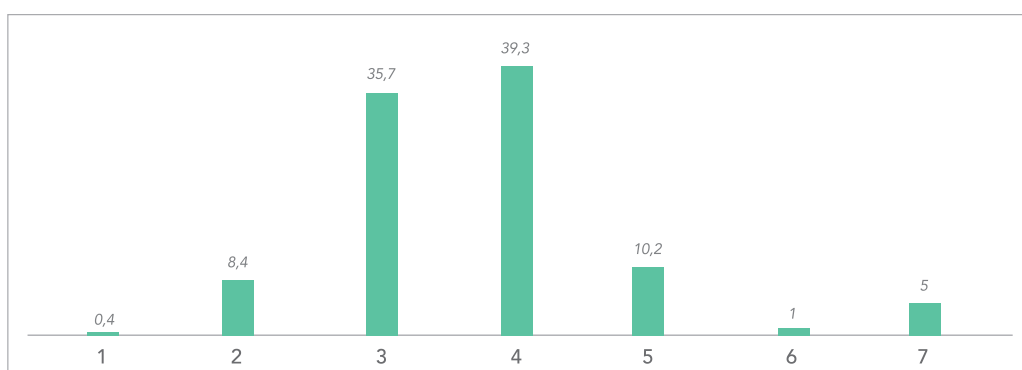
3.1. INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO

3.1.1. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

3.1.1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO

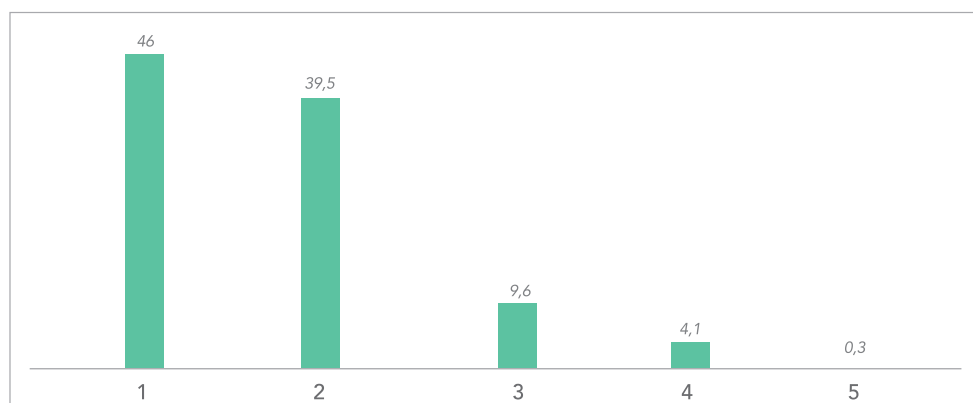
Começamos por caracterizar a situação particular que cada família viveu durante o período de confinamento. Em média, o número de pessoas confinadas na mesma habitação, na nossa amostra, é de 3,57 pessoas (Figura 9).

Figura 9. Número de pessoas com quem coabitou durante o período de confinamento (em percentagem).



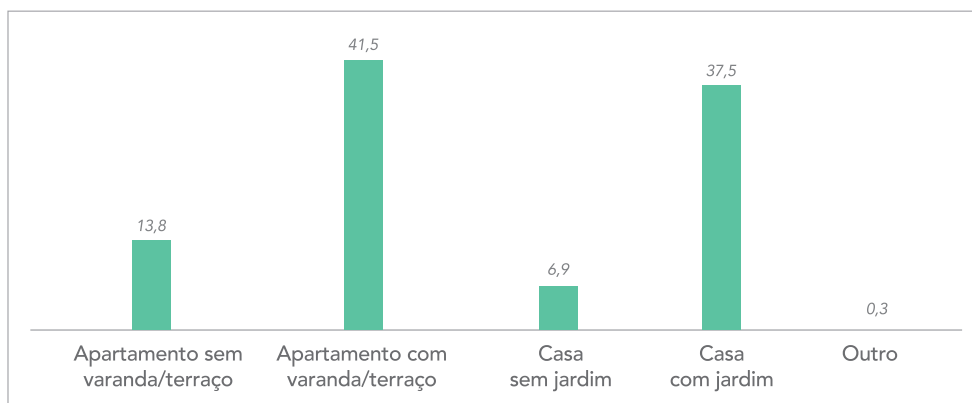
Já o número médio de crianças em cada habitação era de 1,74 (Figura 10).

Figura 10. Número de crianças com quem coabitou durante o período de confinamento (em percentagem).



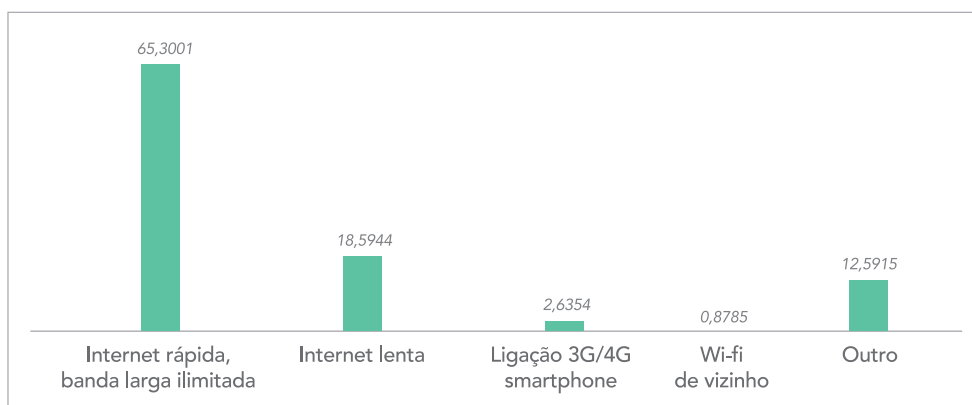
Quanto à tipologia de habitação onde as famílias passaram o período de confinamento, a predominante são apartamentos com varanda ou terraço (41,5%), seguida de casas com jardim (37,5%), indicando condições favoráveis para a vivência deste período (Figura 11).

Figura 11. Tipologia de habitação onde passaram o período de confinamento (em percentagem).



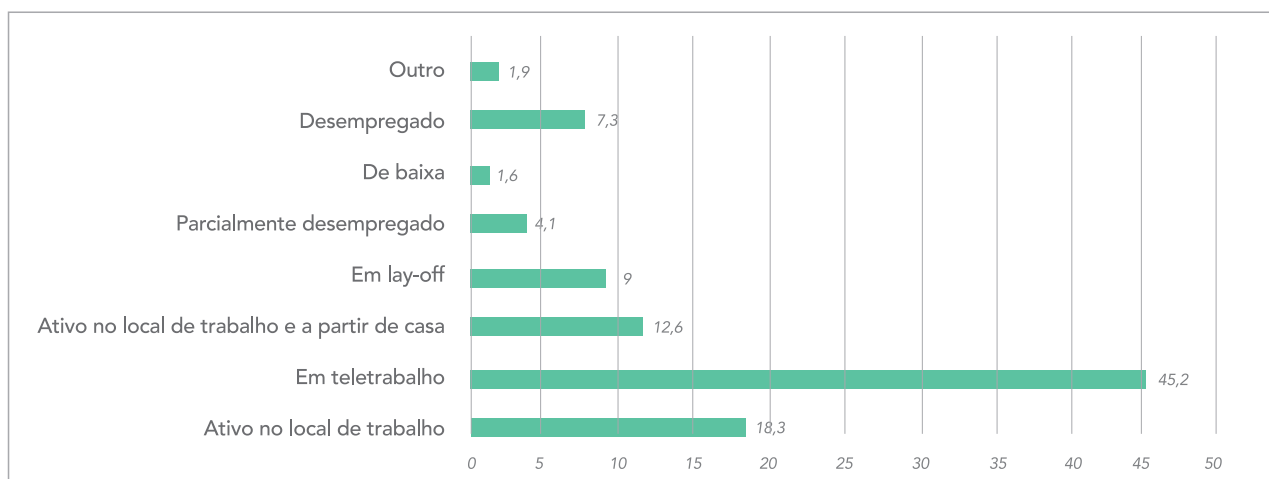
A maior parte das famílias também beneficiaram de uma boa ligação à internet (internet rápida, banda larga e/ou ilimitada), em alguns casos complementada com ligações 3G e/ou 4G dos dispositivos móveis (a Figura 12 representa 683 escolhas dos 509 respondentes, demonstrando que vários seleccionaram mais do que uma forma de aceder à internet no seu lar).

Figura 12. Tipologia de acesso à internet na habitação onde passou o período de confinamento (em percentagem).



Por fim, é importante caracterizar a situação laboral dos pais durante o período de confinamento. A Figura 13 evidencia que 45,2% dos respondentes passou a desempenhar a sua atividade profissional na modalidade de teletrabalho. A percentagem de respondentes que ficou em lay-off como consequência da pandemia foi apenas de 9%, e a de desempregados foi de 7,3%.

Figura 13. Situação laboral dos respondentes durante o período de confinamento (em percentagem).

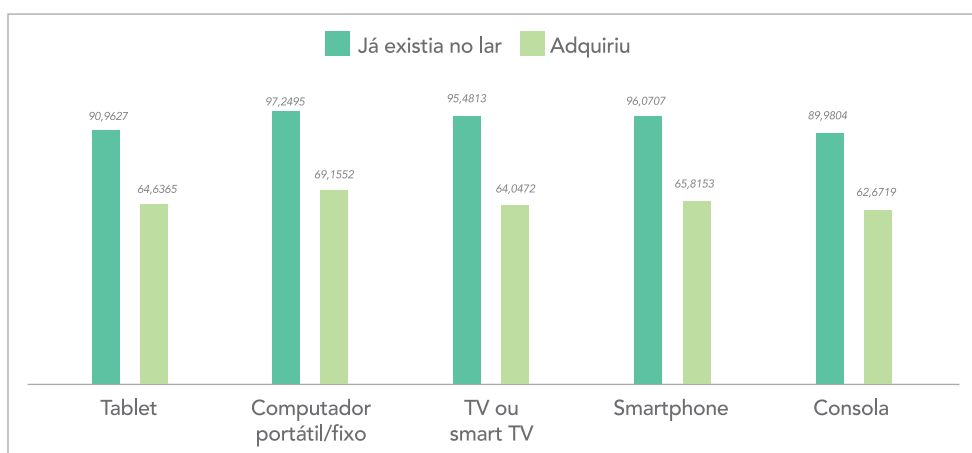


3.1.1.2 RESPOSTAS DOS PAIS

3.1.1.2.1 ACESSO E PRÁTICAS DIGITAIS

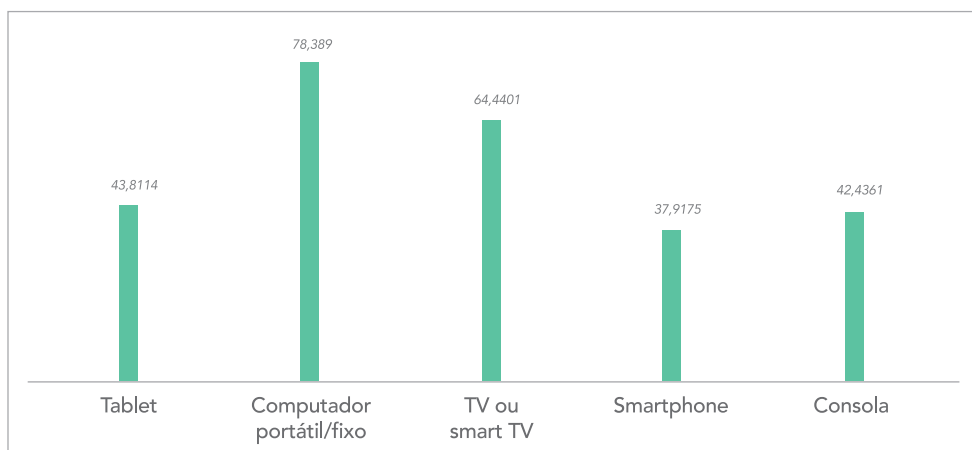
A maior parte dos lares portugueses contam com a presença de vários dispositivos tecnológicos, com destaque para a existência de (pelo menos) um computador em 97,2% dos lares e de (pelo menos) um smartphone em 96,1% dos lares. A aquisição de dispositivos digitais foi significativa durante o período de confinamento, com 65% dos respondentes, em média, a adquirir novos dispositivos. Destaca-se o computador fixo ou portátil, dispositivo adquirido por 69,2% dos respondentes, que foi essencial para o teletrabalho e para o ensino a distância (Figura 14).

Figura 14. Dispositivos existentes no lar e adquiridos durante o período de confinamento (em percentagem).



O computador portátil ou fixo foi o dispositivo que originou mais co-utilização, indicando a necessidade de os pais apoiarem os filhos, sobretudo os mais novos, na adaptação ao ensino a distância. A televisão continua a ser um dispositivo que agrega famílias, ao passo que o smartphone é maioritariamente usado individualmente (Figura 15).

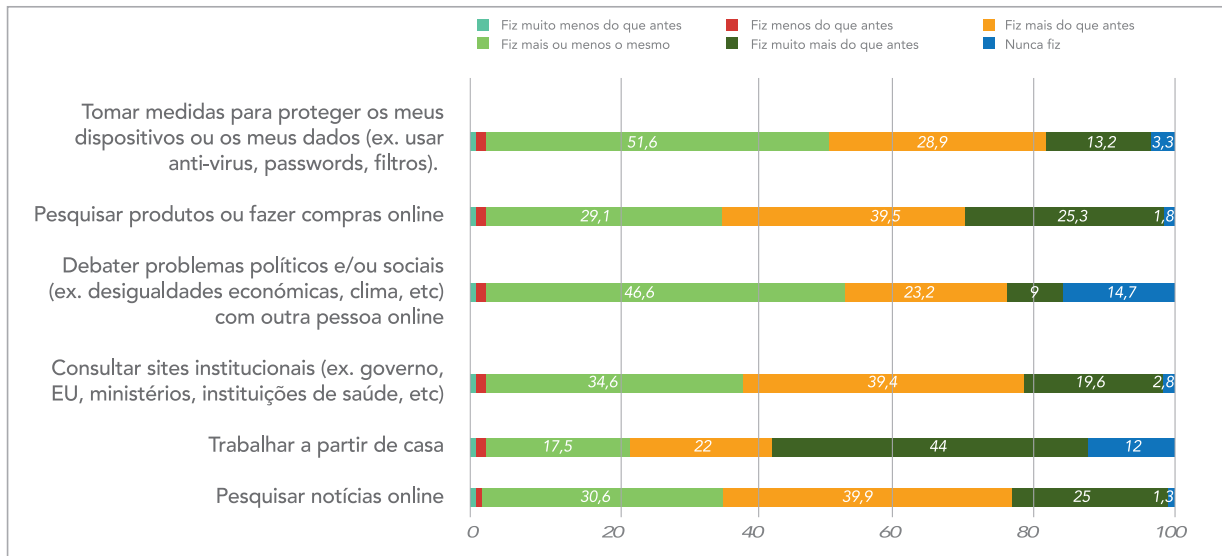
Figura 15. Dispositivos usados em conjunto pelo progenitor e pela criança (co-utilização) durante o período de confinamento (em percentagem).



Questionamos os pais sobre as atividades digitais que passaram a realizar com maior frequência durante o período de confinamento, entre as quais se destaca o teletrabalho, para 66% dos respondentes. Destaca-se também a pesquisa de informação para 64,9%,

sendo que 59% deram preferência a sites institucionais. Pesquisar sobre produtos e fazer compras online também se tornou mais frequente para 64,8% da amostra (Figura 16).

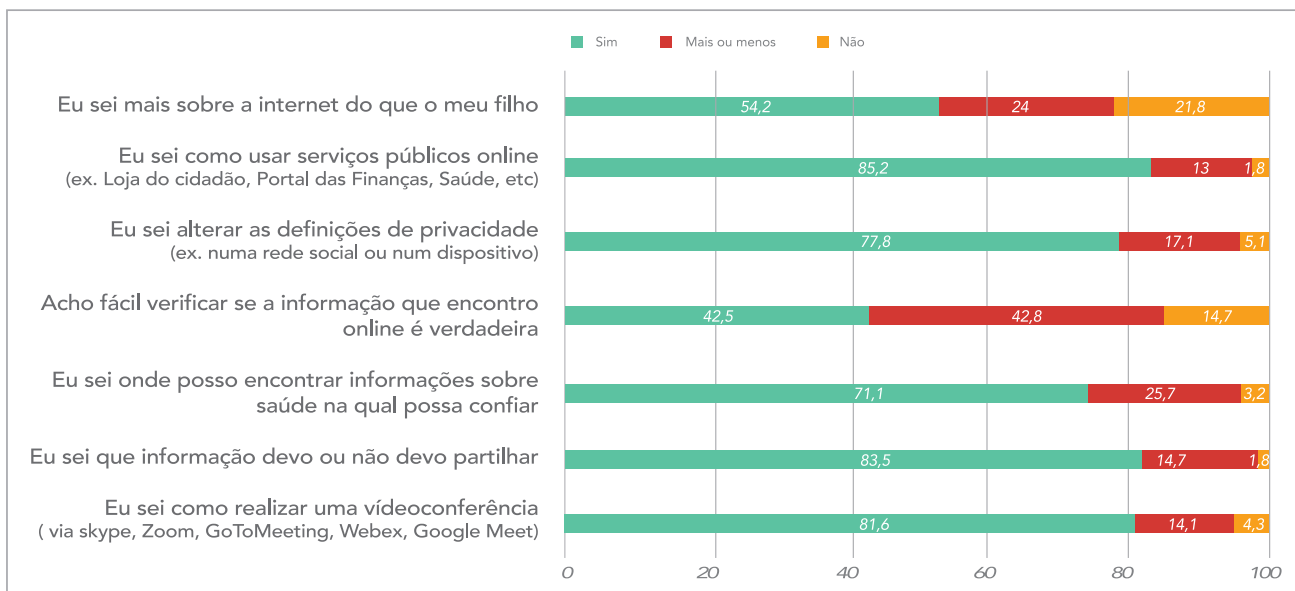
Figura 16. Atividades digitais realizadas com maior frequência pelos pais durante o período de confinamento (em percentagem).



3.1.1.2.2 COMPETÊNCIAS DIGITAIS

Em geral, os pais portugueses revelam boas competências digitais. Destacam-se a utilização de serviços públicos online, como a Loja do Cidadão ou o Portal das Finanças (85,2%), a capacidade para proteger a própria privacidade (83,5%) e a realização de videoconferências (81,6%). A maior dificuldade está em conseguirem verificar se a informação online é verdadeira, competência que 42,5% dos pais indica dominar, e 42,8% admite saber apenas “mais ou menos”. Apesar da perceção positiva que os pais demonstram sobre as suas competências digitais, apenas 54,2% considera “saber mais do que os filhos” sobre a internet, sendo que 21,8% consideram que são os filhos quem tem mais competências digitais (Figura 17).

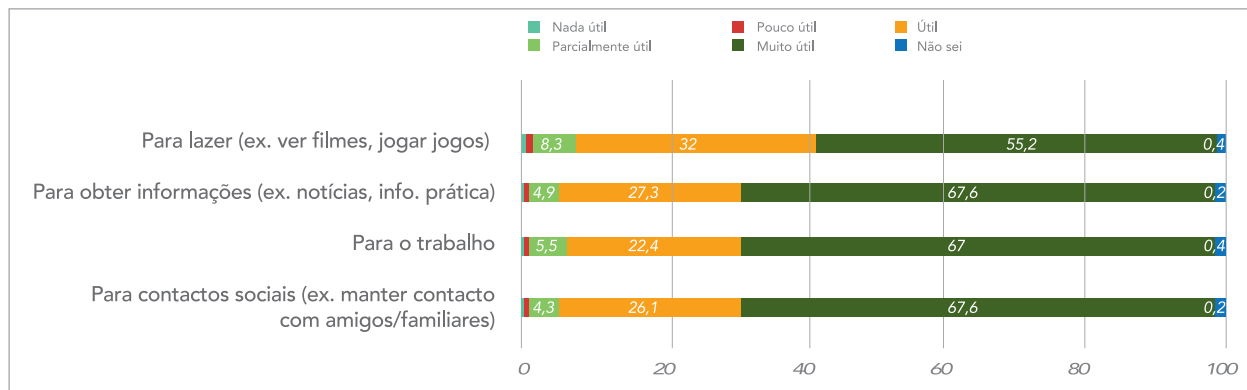
Figura 17. Competências digitais dos pais (em percentagem).



3.1.1.2.3 PERCEÇÕES RELATIVAMENTE AO USO DE TECNOLOGIAS DIGITAIS

Quando questionados sobre a utilidade das tecnologias digitais para diversas finalidades durante o período de confinamento, destaca-se a percepção “muito útil” como predominante, sobretudo para manter o contacto social, para obter informação e para trabalhar. A sua utilidade para lazer é considerada ligeiramente inferior (Figura 18).

Figura 18. Percepção dos pais sobre a utilidade dos dispositivos digitais para diversas finalidades (em percentagem).



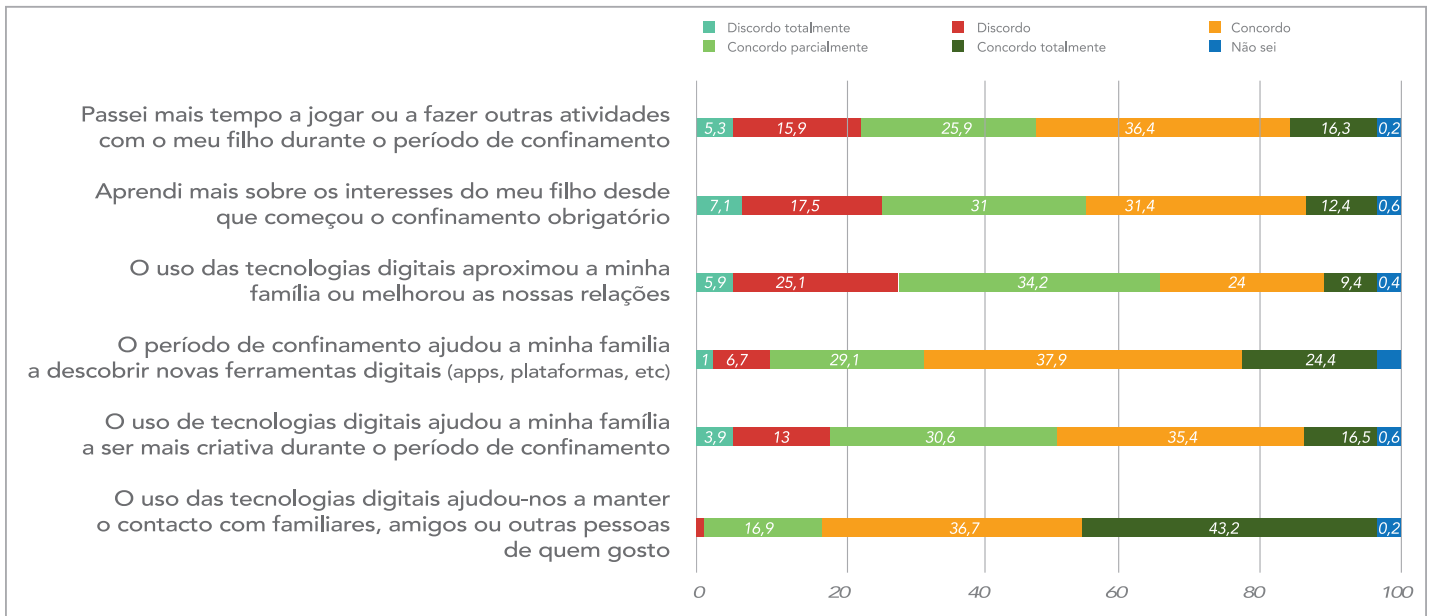
Seguidamente, propusemos aos pais um conjunto de afirmações sobre comportamentos, percepções, preocupações ou impactos relacionados com as tecnologias digitais, pedindo que nos indicassem o seu grau de concordância com cada uma delas. A Figura 19 apresenta as positivas e a Figura 20 as negativas.

Entre as afirmações positivas, destaca-se a importância das tecnologias digitais para manter o contacto com o círculo de relações mais próximas, sendo que 43,2% da nossa amostra “concorda totalmente” com a afirmação “O uso das tecnologias digitais ajudou-me a manter o contacto com familiares, amigos e pessoas de quem gosto”.

Além disso, são 62,3% os respondentes que concordam que as suas famílias descobriram novas ferramentas digitais durante o período de confinamento. No entanto, apenas 52,7% dos pais “passaram mais tempo a jogar ou a fazer outras atividades” com os filhos neste período, e 43,8% “aprenderam mais sobre os interesses” dos seus filhos, sendo que 24,6% discordam desta afirmação. Assim, nem sempre o período de confinamento foi uma oportunidade para pais e filhos se aproximarem e passarem mais tempo juntos, e as tecnologias digitais nem sempre suportaram esta aproximação. De facto, 33,4% dos respondentes concorda que “o uso das tecnologias digitais aproximou a minha família ou melhorou as nossas relações”, mas 31% discorda.

Por fim, a criatividade é considerada uma das vantagens das tecnologias digitais por 51,9% dos respondentes.

Figura 19. Grau de concordância dos pais com afirmações positivas sobre as tecnologias digitais durante o período de confinamento (em percentagem).

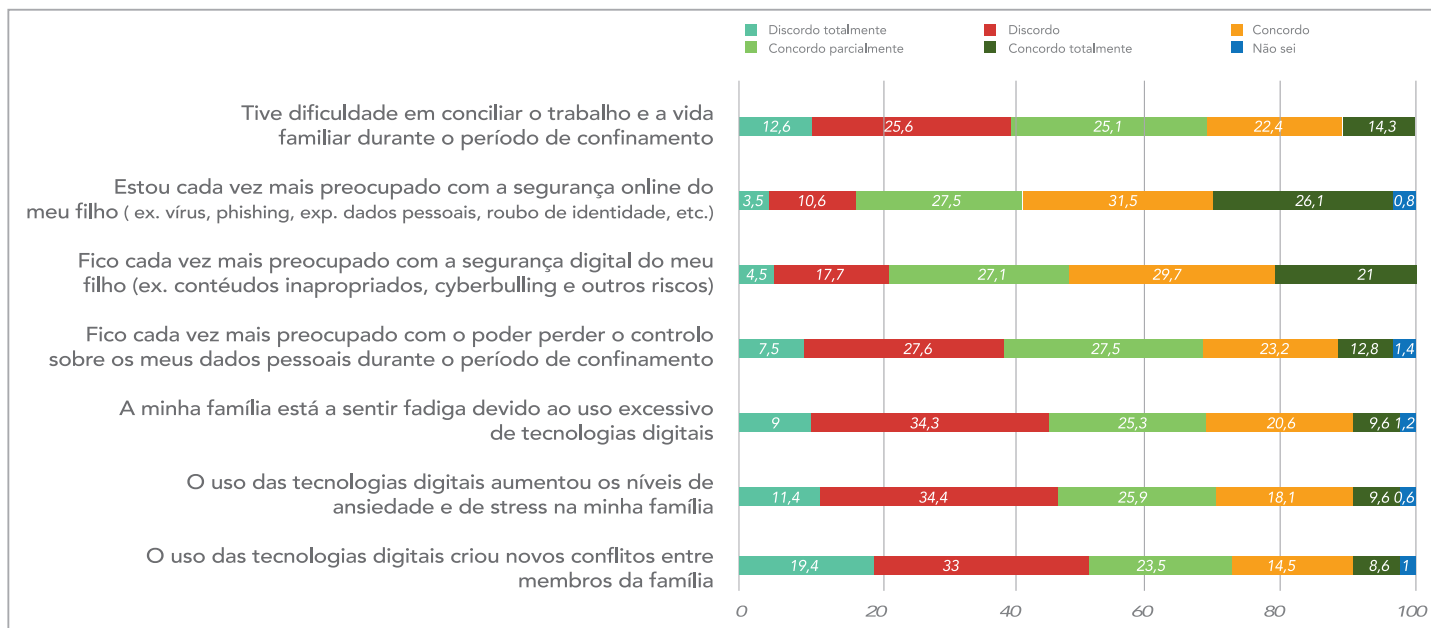


Em geral, não se confirmou que as tecnologias digitais tivessem sido causa de conflitos nas famílias – 52,4% discordam dessa afirmação. No entanto, 54,2% concordam pelo menos parcialmente que tenham sido fonte de ansiedade ou stress.

As experiências das famílias diferem também relativamente à fadiga digital, com 25,3% a concordarem parcialmente com a sua existência, e 30,2% a concordarem. O mesmo acontece com a conciliação da vida profissional e familiar, com 36,7% dos pais a admitirem dificuldades, 25,1% a concordarem apenas parcialmente com a afirmação, e 38,2% a não sentirem essas dificuldades.

As preocupações mais significativas dos pais são com a segurança online das crianças (com questões relacionadas com vírus, phishing, exposição de dados pessoais ou roubo de identidade), pois 57,6% dos pais estão mais preocupados. No entanto, apenas 36% estão preocupados com os seus próprios dados pessoais. Alguns pais – 50,7% - também estão mais preocupados com questões relacionados com conteúdos inapropriados, cyberbullying e outros riscos.

Figura 20. Grau de concordância dos pais com afirmações negativas sobre as tecnologias digitais durante o período de confinamento (em percentagem).



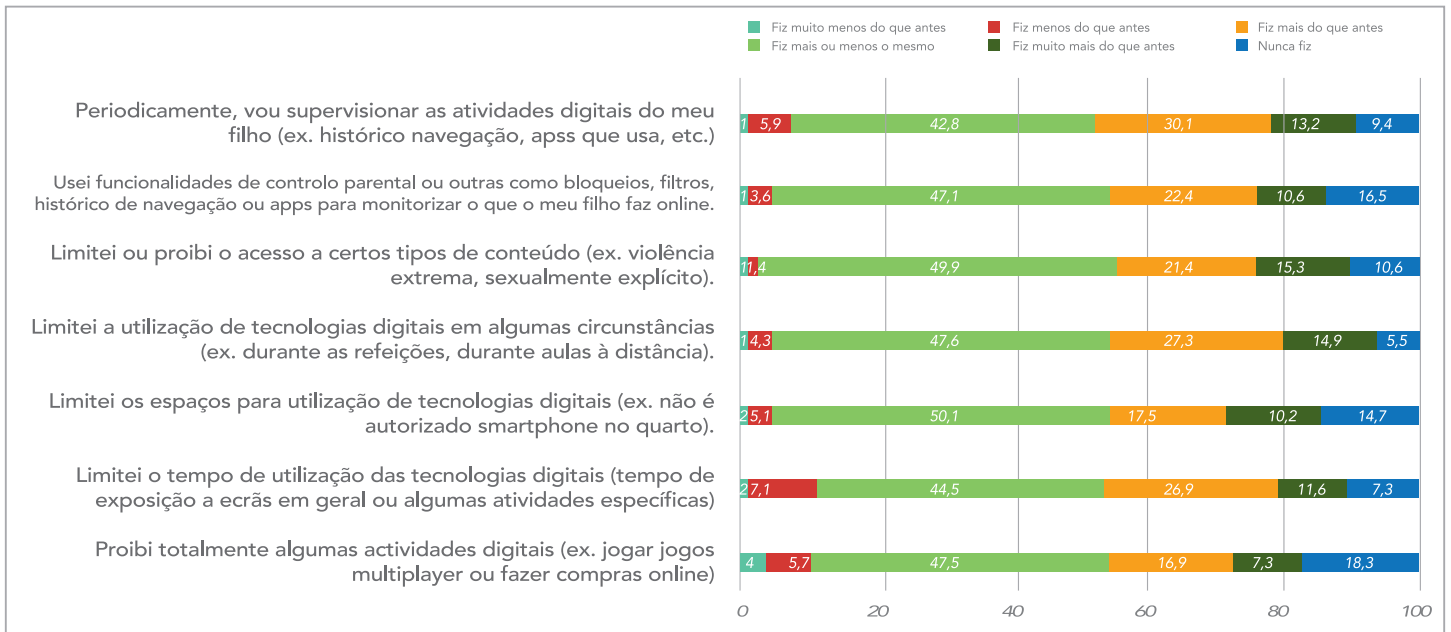
3.1.1.2.4 MEDIAÇÃO PARENTAL

Relativamente às ações de mediação parental, a tendência é para manter as que existiam previamente à pandemia Covid-19.

No entanto, verifica-se algum aumento da frequência de algumas ações: 43,3% dos pais passaram a supervisionar as atividades digitais dos filhos com mais frequência (ex. consultar o histórico de navegação ou as apps instaladas nos dispositivos móveis); 42,4% dos pais passaram a limitar mais o uso de tecnologias digitais em circunstâncias específicas, como durante as refeições ou durante as aulas online; e 38,5% limitaram o tempo de utilização (o tempo de exposição a ecrãs em geral ou o tempo para algumas atividades específicas).

É interessante também observar as ações que mais pais indicam nunca ter adotado: 18,3% dos pais nunca proibiram totalmente algumas atividades digitais (como por exemplo, jogos multiplayer ou compras online), 16,5% nunca usaram funcionalidades de controlo parental (ou outras funcionalidades técnicas como bloqueios, filtros, histórico de navegação ou apps) para monitorizar o que o filho faz online, e 14,7% nunca limitaram os espaços onde as tecnologias digitais podem ser usadas (Figura 21).

Figura 21. Frequência de realização de ações de mediação parental durante o período de confinamento (em percentagem).

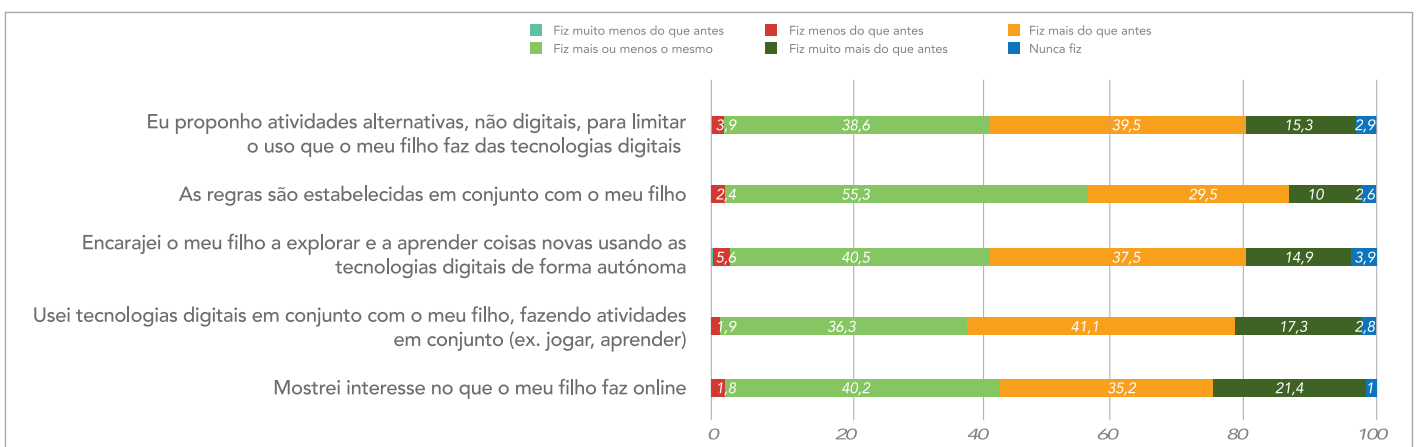


Questionamos também os pais sobre o seu envolvimento ativo, quer na regulação da utilização que os filhos fazem das tecnologias digitais (Figura 22), quer na promoção da literacia digital e mediática dos filhos, preparando-os para uma utilização informada, consciente e crítica do mundo digital (Figura 23).

Verificou-se um aumento da utilização de algumas estratégias, como usar as tecnologias digitais para atividades em conjunto (co-utilização) (58,4%), propor atividades não digitais como alternativas, para limitar o uso das tecnologias digitais (54,8%), e encorajar os filhos a explorar e a aprender coisas novas usando as tecnologias digitais de forma autónoma (52,4%).

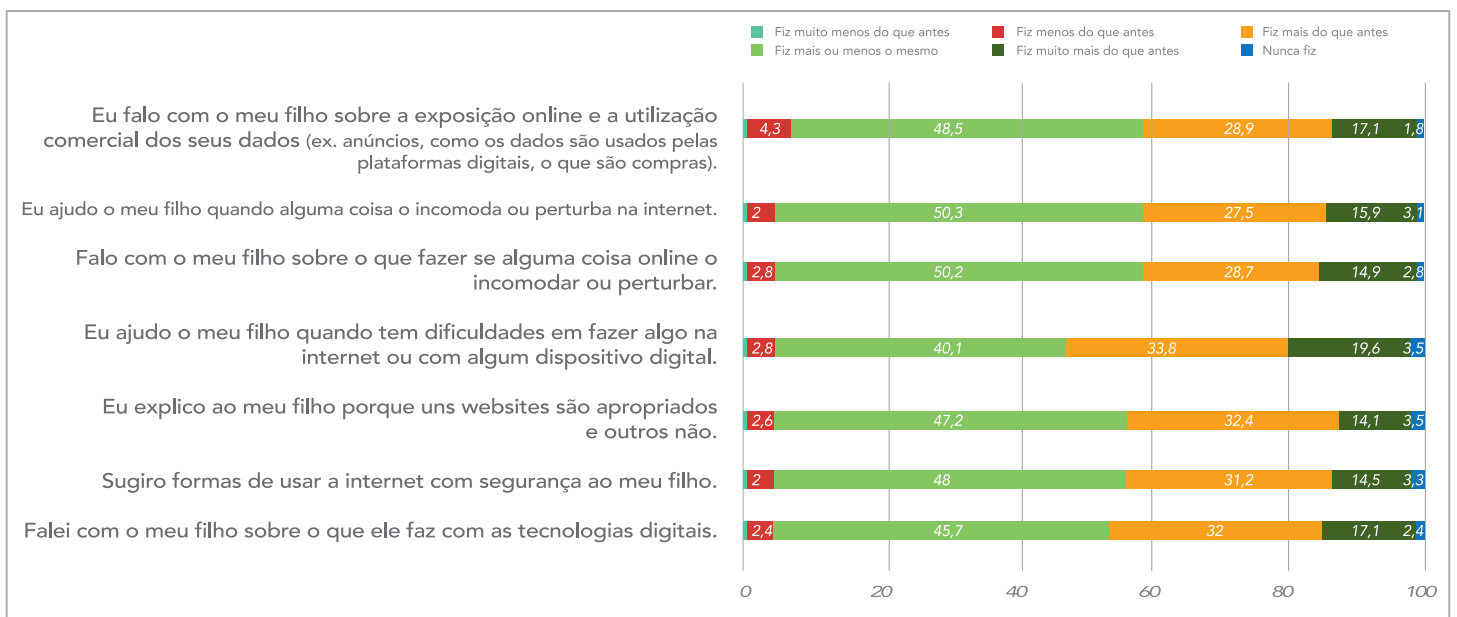
É de notar que 55,3% indicam estabelecer as regras relativas ao uso de tecnologias digitais em conjunto com os filhos como uma continuidade do que já faziam antes da pandemia Covid-19. Por fim, 3,9% dos pais nunca encorajaram os filhos a desenvolver competências digitais, e 2,8% nunca fizeram nenhuma atividade digital em conjunto com os filhos (Figura 22).

Figura 22. Ações de mediação parental para a regulação da utilização das tecnologias digitais (em percentagem).



Relativamente à promoção da literacia digital e mediática, o maior aumento verificou-se relativamente à ajuda prestada aos filhos quando têm alguma dificuldade em fazer algo na internet ou com algum dispositivo digital – 53,8% dos pais ajudaram mais. Também foram vários os pais a falar mais com os filhos sobre o que eles fazem com as tecnologias digitais (49,1%), explicar aos filhos porque é que alguns sites são apropriados para eles e outros não (46,5%), e sugerir aos filhos formas de usar a internet com segurança (45,7%). É de notar que algumas atividades foram mantidas, e portanto aconteciam já anteriormente à pandemia Covid-19, como é o caso de ajudar os filhos quando alguma coisa os incomoda ou perturba na internet, e de falar com os filhos isso.

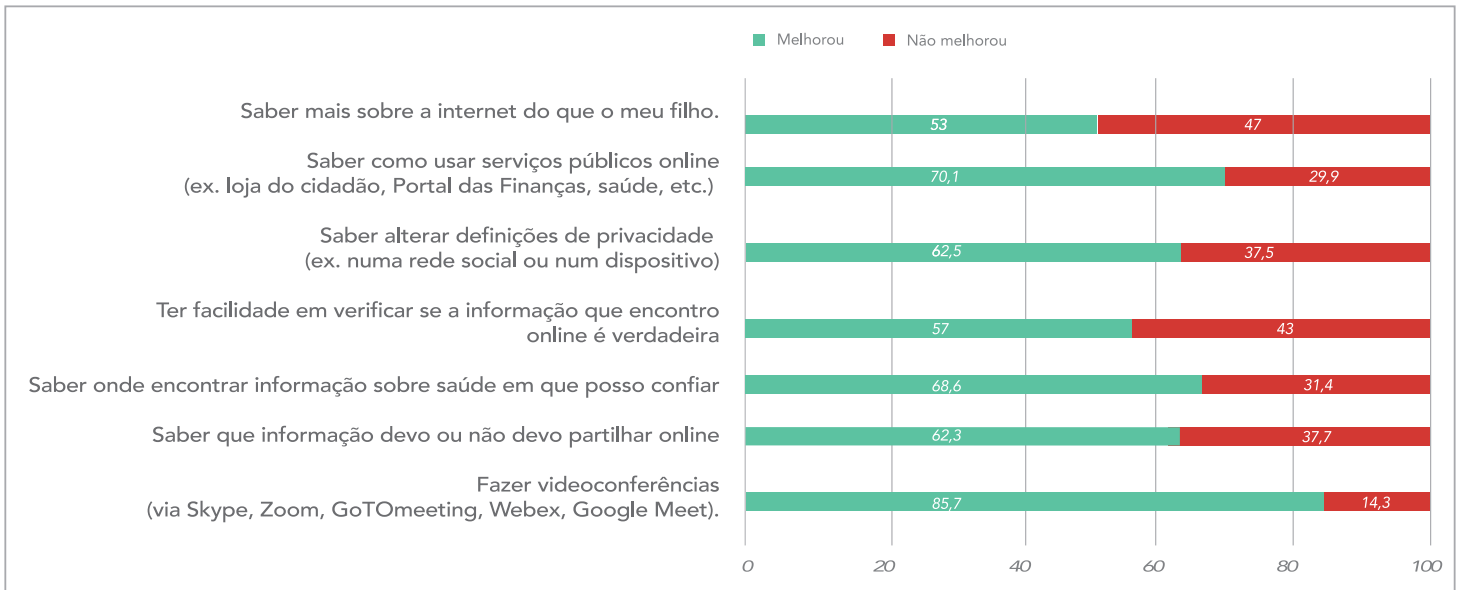
Figura 23. Ações de mediação parental para a promoção da literacia digital e mediática das crianças (em percentagem).



3.1.1.2.5 OPORTUNIDADES E RISCOS

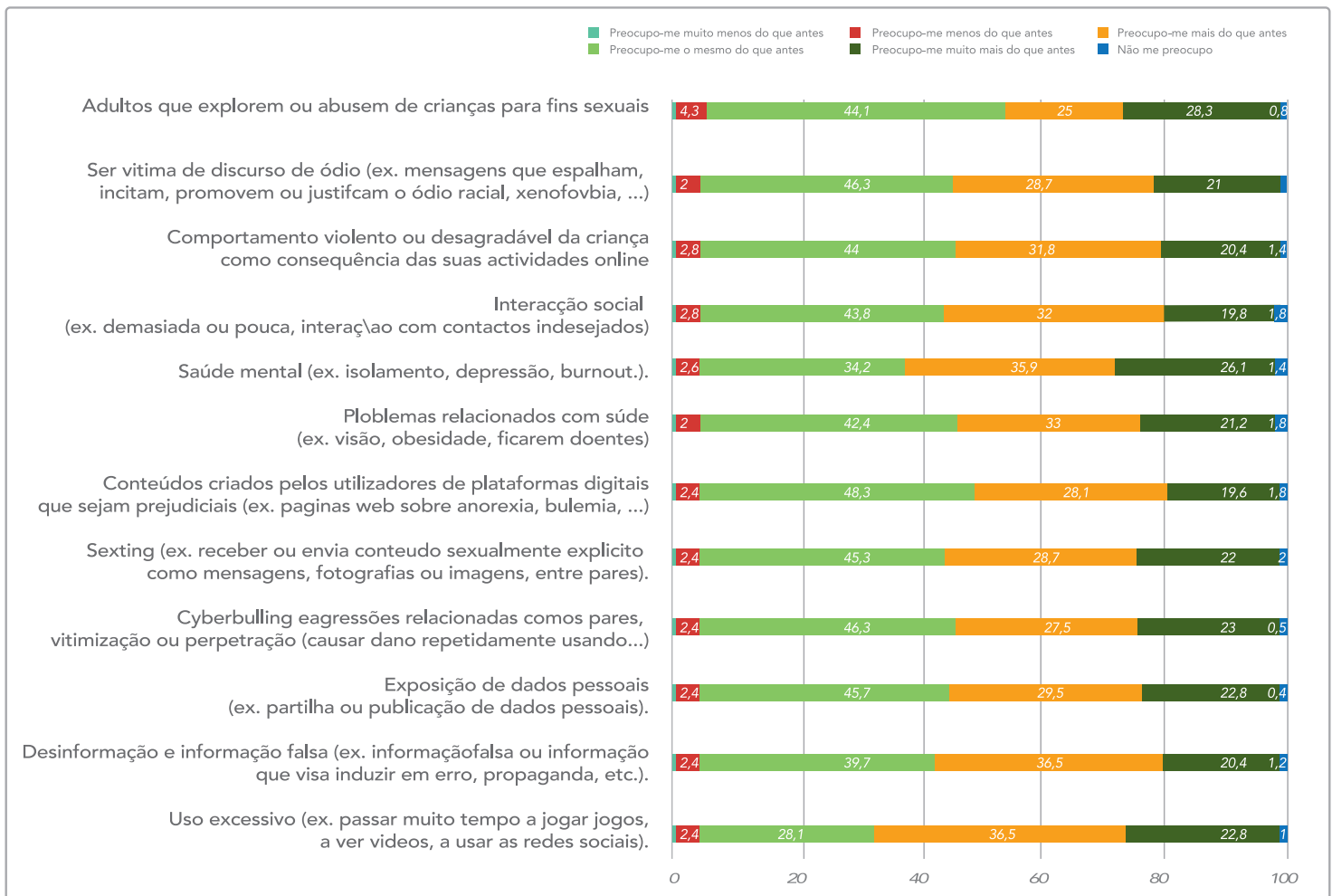
O período de confinamento foi uma época em que as tecnologias digitais foram mais usadas, e na qual novas soluções foram procuradas para colmatar necessidades e resolver problemas. Foi, portanto, uma oportunidade para o desenvolvimento de competências digitais, e grande parte dos pais registam melhorias nas competências sobre as quais os questionamos, entre as quais se destacam fazer videoconferências (85,7%), usar serviços públicos como a Loja do Cidadão ou o Portal das Finanças online (70,1%), e saber encontrar informação sobre saúde que seja confiável (68,6%).

Figura 24. Melhoria das competências digitais dos pais durante o período de confinamento (em percentagem).



São várias as preocupações dos pais com riscos online, conforme mostra a Figura 26. Para grande parte dos pais, estas preocupações são mantidas, mas é maior a percentagem dos que passaram a preocupar-se mais com alguns temas, nomeadamente com a saúde mental dos filhos (ex. isolamento, depressão, burnout) (62%), com o uso excessivo das tecnologias digitais (ex. passar muito tempo a jogar jogos, a ver vídeos, a usar as redes sociais) (59,3%), e com o contacto com informação falsa e desinformação (56,9%). Também aumentou a preocupação com problemas relacionados com a saúde (ex. visão, obesidade) (54,2%), com abusos sexuais por parte de adultos (53,3%), com a exposição de dados pessoais por parte das crianças (52,3%), com comportamentos violentos ou desagradáveis por parte das crianças que sejam consequência das suas atividades online (52,2%) e com a interação social das crianças (pouca ou demasiada, ou ainda com contatos indesejados) (51,8%).

Figura 25. Aumento das preocupações dos pais com riscos online durante o período de confinamento (em percentagem).



3.1.1.2.6 ENSINO ONLINE

Durante o período de confinamento, apesar de o Governo Português ter demonstrado grande preocupação com a eventual exclusão de alguns grupos, sobretudo pela falta de acesso a equipamentos digitais, o que motivou o lançamento de aulas na televisão através do programa Estudo em Casa, verificamos que 99,2% dos filhos dos inquiridos passaram para o regime de ensino a distância, suportado por tecnologias digitais.

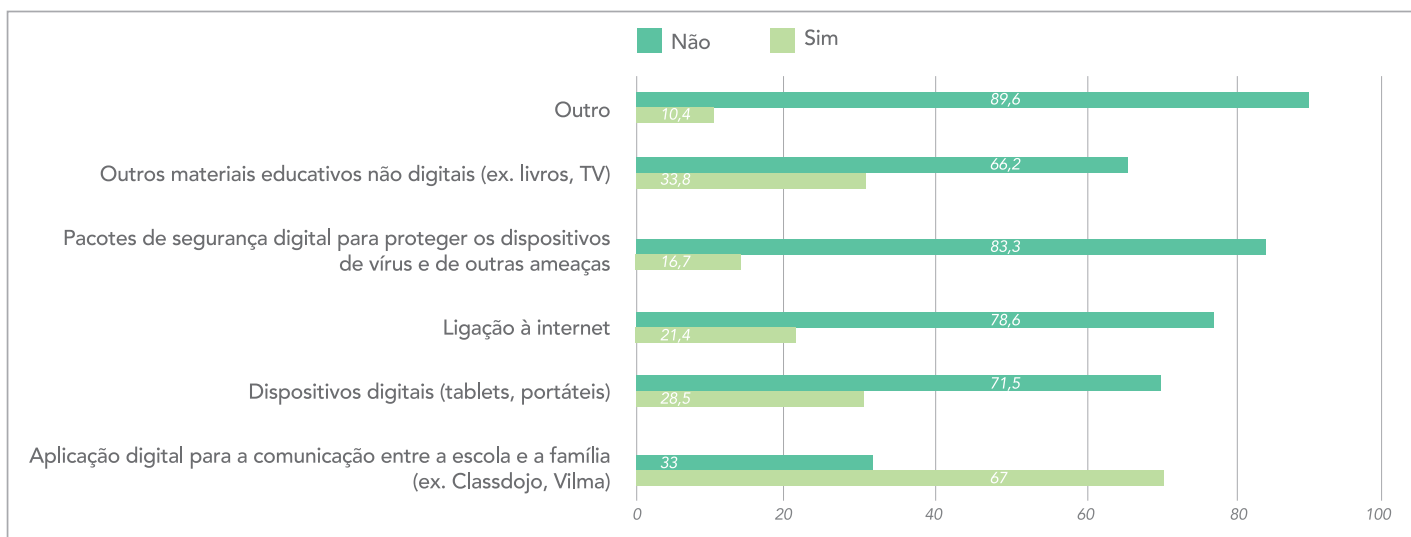
Os pais indicam-nos que o tipo de recursos mais usados pelas escolas para o Ensino a Distância foram aplicações digitais para a comunicação entre a escola e a família (em 67% dos casos), embora as questões de resposta aberta subsequentes revelem que os recursos mais usados foram a plataforma de videoconferência Zoom e as plataformas de ensino a distância Google Classroom e Microsoft Teams.

Salienta-se também que 33,8% das escolas disponibilizaram materiais de estudo não digitais (livros, fichas, fotocópias, etc.), 28,5% disponibilizaram equipamentos como tablets, smartphones e computadores, e ainda 21,4% das escolas disponibilizaram ligações à internet.

Dentro da categoria "outros", destacam-se as credenciais de acesso a plataformas de

videoconferência como o Zoom (referidas por 9 respondentes) e de ensino a distância como Google Classroom e Microsoft Teams (referidas por 7 respondentes). Também há 5 referências à disponibilização de manuais, fichas e fotocópias em papel e 4 à disponibilização de manuais virtuais. Destacam-se ainda 3 referências ao estabelecimento de horários de atendimento para alunos e pais por parte dos Diretores de Turma e de outros professores.

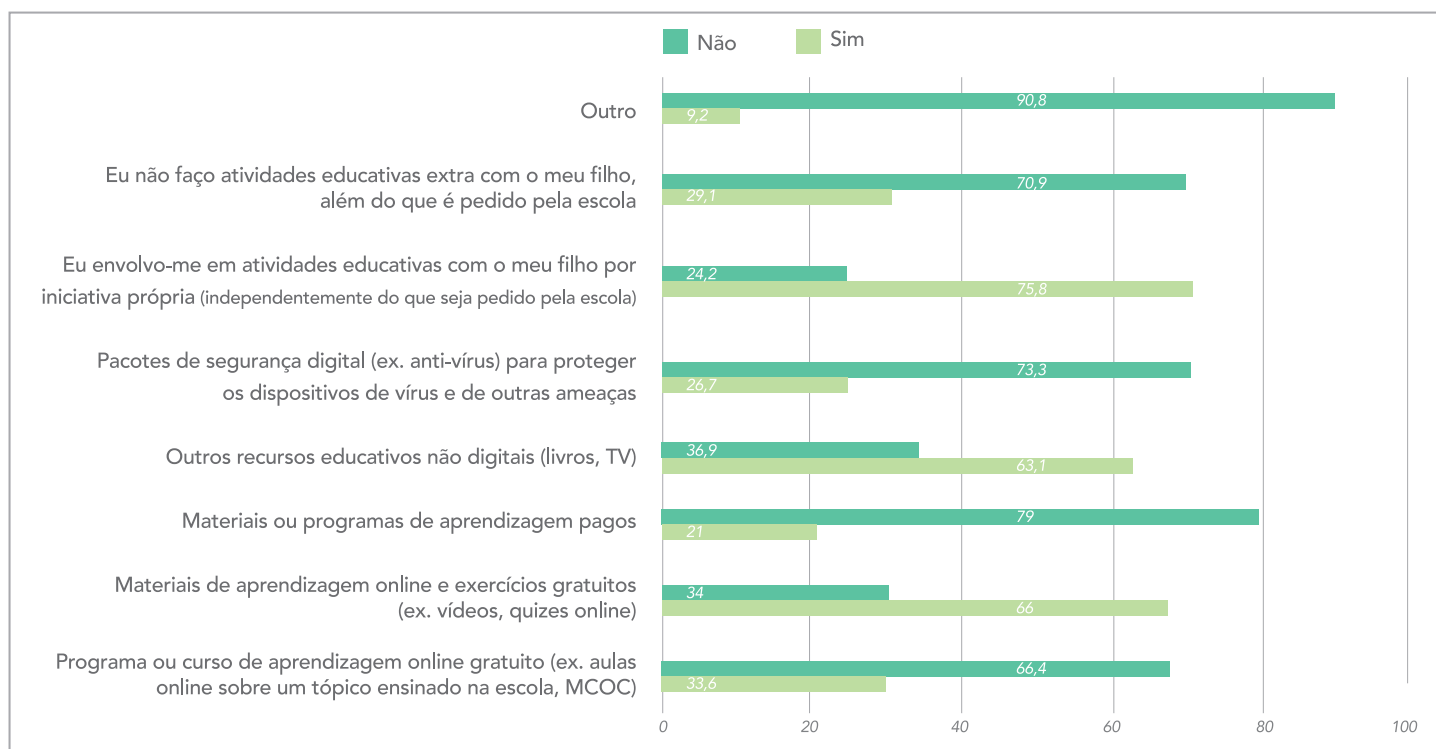
Figura 26. Recursos disponibilizados pelas escolas para o Ensino a Distância (em percentagem).



Observamos que 75,8% dos pais afirma envolver-se em atividades educativas com os filhos, além do que é pedido pela escola. Nesse âmbito, os recursos mais utilizados são materiais de aprendizagem e exercícios encontrados online gratuitamente (usados por 66% dos pais) e recursos educativos não digitais como livros e a TV (usados por 63,1% dos pais).

No âmbito da categoria “outros”, 3 pais indicam ter realizado atividades físicas com os filhos durante o período de confinamento, outros 3 ter jogado jogos educativos, e 1 indica ter tocado um instrumento com o filho. Há 2 pais que respondem que jogaram consola com os filhos, considerando esta uma atividade educativa extra à escola.

Figura 27. Recursos utilizados pelos pais, por iniciativa própria, para apoiar os seus filhos na aprendizagem (em percentagem).



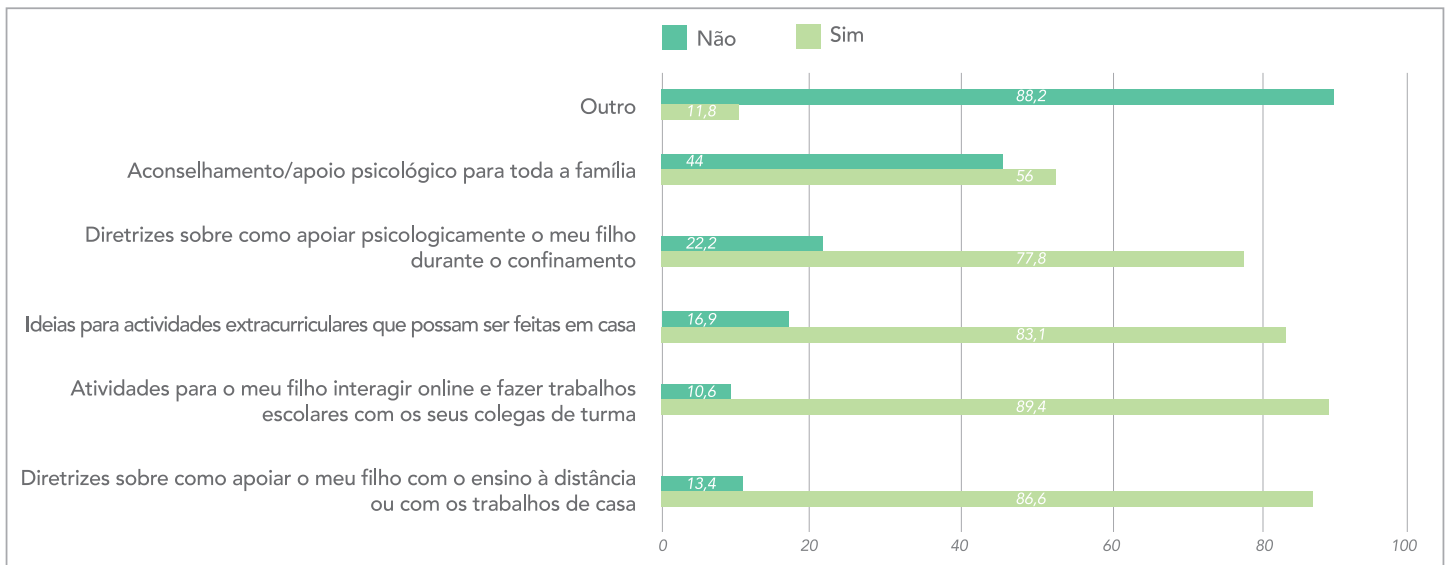
Questionámos também os pais sobre as suas expectativas relativamente aos recursos que deveriam ter sido disponibilizados pelas escolas. A dimensão social da escola foi a mais penalizada na transição para o Ensino a Distância, que se focou nos conteúdos, nas aprendizagens, e na aplicação destes. No entanto, 89,4% dos pais gostaria que as escolas tivessem organizado atividades que permitissem uma maior interação social às crianças, quer relacionadas com trabalhos escolares, quer livres. Além disso, 83,1% gostaria de ter recebido mais sugestões de atividades extracurriculares que pudessem ser feitas em casa.

Para 86,6% dos pais, faltaram diretrizes mais específicas sobre como ajudar as crianças com as ferramentas de Ensino a Distância e com matérias escolares específicas.

Quanto à dimensão psicológica, 77,8% dos pais considera que as escolas deveriam ter fornecido aos Encarregados de Educação diretrizes para apoiar psicologicamente as crianças durante o período de confinamento, e 56% considera que deveriam ter sido os psicólogos das escolas a prestar diretamente esse apoio, que inclusivamente deveria ser extensível a toda a família.

Na categoria “outros”, 5 pais referem a necessidade de haver mais apoio individual a dificuldades específicas de cada aluno, e 3 gostariam que tivesse havido mais reuniões de pais. Outros 3 referem que a gestão do trabalho deveria ter sido melhor, pois houve momentos de sobrecarga. No entanto, a maior parte das respostas a esta questão aberta refere que esperava que a escola apoiasse financeiramente as famílias para que o Ensino a Distância com recurso a tecnologias digitais fosse viável, ou pelo menos não fosse uma sobrecarga, nomeadamente apoiando o pagamento da internet (5 respostas) ou a aquisição de dispositivos (4 respostas), ou ainda fornecendo dispositivos gratuitamente (4 respostas).

Figura 28. Expectativas dos pais relativamente a recursos que as escolas deveriam ter disponibilizado para o Ensino a Distância durante o período de confinamento (em percentagem).



Questionámos os pais sobre as suas perceções relativamente à experiência do Ensino a Distância. Em geral, 57% dos pais concordam que os filhos melhoraram a utilização que fazem das tecnologias digitais para fins escolares (e 33,8% concordam parcialmente com esta afirmação). Como vantagens mais específicas, destacam-se a autonomia ganha pelas crianças na utilização das tecnologias digitais para tarefas escolares, confirmada por 54,3% dos pais (e parcialmente por 34%), e a perceção de que os filhos conseguem ajudar outros colegas na utilização de tecnologias para fins escolares, expressa por 40,4% dos pais (e parcialmente por 40,1%).

Salientamos também que 46,8% dos pais consideram que têm “conhecimento suficiente das disciplinas escolares” para apoiar os filhos na aprendizagem, e 47% consideram que conseguem “motivar os filhos quando perdem o interesse ou ficam frustrados com as actividades escolares”.

Por outro lado, 43,9% dos pais discorda que o trabalho escolar proposto durante este período tenha sido excessivo, e 36,7% concordam apenas parcialmente com esta afirmação. Outras afirmações negativas também não reuniram a concordância dos pais: 51,3% discordam de que tenham falta de tempo para acompanhar os filhos no estudo (35,6% concordam apenas parcialmente), e 51,1% discordam de que seja difícil manterem-se a par das actividades escolares dos filhos (33,6% concordam apenas parcialmente). Por fim, grande parte dos pais não sentiram outras dificuldades mais técnicas, sendo que 72,7% consideram que têm competências digitais suficientes para apoiarem os filhos nas aulas online, e 68,8% afirmam que têm no lar dispositivos digitais suficientes para que todos os membros do seu agregado possam estudar e trabalhar remotamente quando necessário.

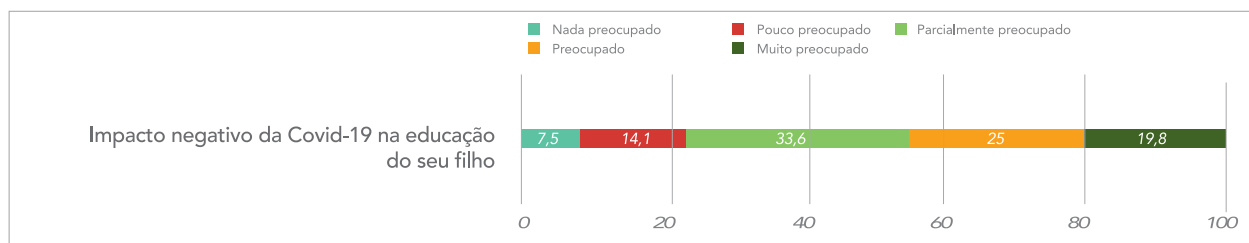
Assim, os pais não reconhecem dificuldades ou desvantagens significativas na forma como o Ensino a Distância foi implementado durante o período de confinamento.

Figura 29. Grau de concordância dos pais com afirmações relativas ao Ensino a Distância durante o período de confinamento (em percentagem).



No entanto, apesar do cenário aparentemente positivo traçado, 25% dos pais afirma estar preocupado com um possível impacto negativo da Covid-19 na Educação dos filhos, e 33,6% estão parcialmente preocupados.

Figura 30. Grau de preocupação dos pais com um possível impacto negativo da Covid-19 na Educação dos seus filhos (em percentagem).



3.1.1.3 RESPOSTAS DAS CRIANÇAS

3.1.1.3.1 ACESSO E PRÁTICAS DIGITAIS

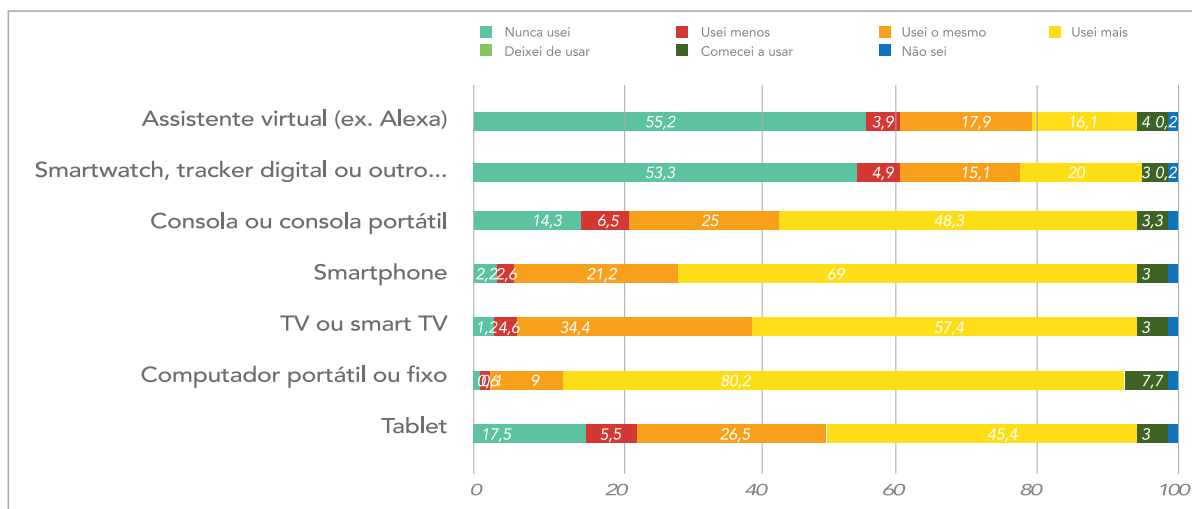
No âmbito dos acessos e das práticas digitais das crianças, no que se refere aos dispositivos, destaca-se a “recuperação” do computador. Nos últimos anos, este dispositivo tinha

vindo a perder terreno junto dos mais jovens, em detrimento de dispositivos de ecrã tátil como os smartphones e os tablets. No entanto, o Ensino a Distância motivou uma recuperação do computador, sendo que 80,2% afirmam ter usado mais este dispositivo durante o período de confinamento, e 7,7% começaram a usar. O smartphone foi mais usado por 69% das crianças, e a TV ou Smart TV por 57,4%.

Houve poucos casos de abandono de tecnologias digitais, mas é curioso observar que os existentes foram, na sua maioria, de consolas (apenas 1,4% da amostra).

Dispositivos como smartwatches, trekkers digitais e assistentes virtuais ainda não estão integrados nos lares portugueses, sendo que a maioria das crianças afirma nunca os ter utilizado.

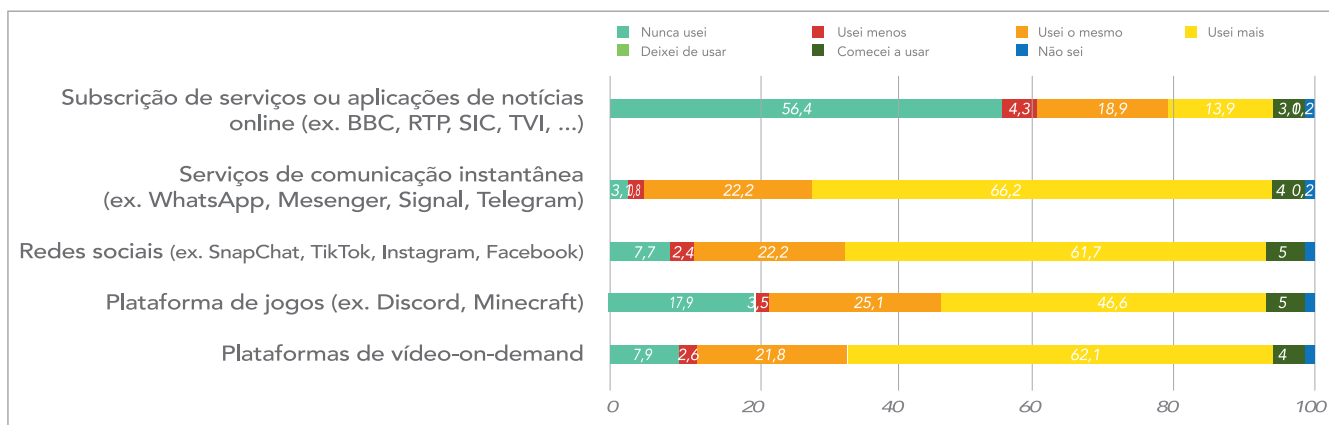
Figura 31. Frequência de utilização de dispositivos digitais pelas crianças durante o período de confinamento (em percentagem).



Quanto a plataformas, o maior destaque vai para aplicações de comunicação instantânea (como o WhatsApp), que passaram a ser mais usadas por 66,2% das crianças e jovens, para plataformas de Video-On-Demand, mais usadas por 62,1% da amostra (e subscritas por 4,9%), e redes sociais, mais usadas por 61,7% dos respondentes (e com 5,1% de novas adesões).

É ainda de notar que 56,4% das crianças e jovens inquiridos nunca usaram serviços ou aplicações de notícias online.

Figura 32. Frequência de utilização de plataformas digitais pelas crianças durante o período de confinamento (em percentagem).



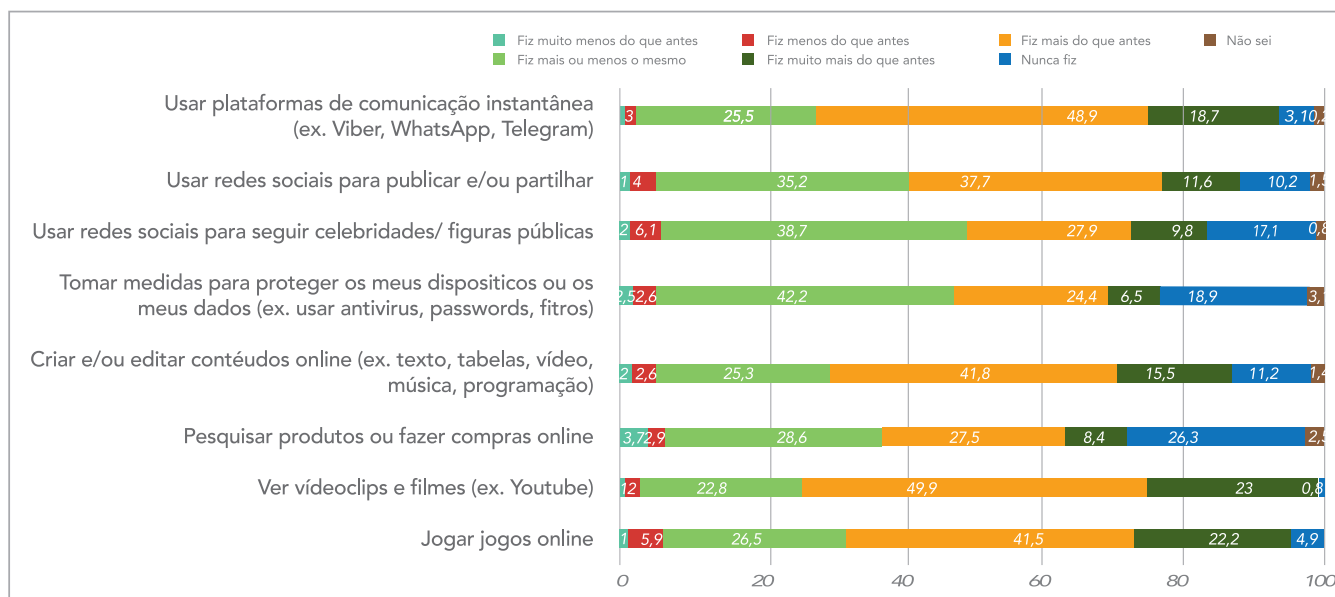
As crianças indicaram que passavam, num dia típico de semana, em média, 7 horas e 43 minutos a usar tecnologias digitais.

Seguidamente, apresentamos as atividades online mais frequentes durante o período de confinamento (Figura 33), seguidas das motivações para o envolvimento no ambiente online (Figura 34).

As atividades online que se tornaram mais frequentes durante o período de confinamento foram ver vídeos e filmes, sobretudo no YouTube (para 72,9% das crianças), usar plataformas de comunicação instantânea como o WhatsApp (para 67,6% das crianças) e jogar jogos online (para 63,7% das crianças).

Salientamos que 57,3% das crianças indicaram ter passado a criar ou editar conteúdos online com mais frequência, o que é propício ao desenvolvimento de competências digitais. Pelo contrário, são 26,3% as crianças e jovens que nunca pesquisaram informação online sobre produtos ou fizeram compras online, apesar de 35,9% terem passado a desempenhar estas atividades com maior frequência.

Figura 33. Frequência de realização de algumas atividades online pelas crianças durante o período de confinamento (em percentagem).

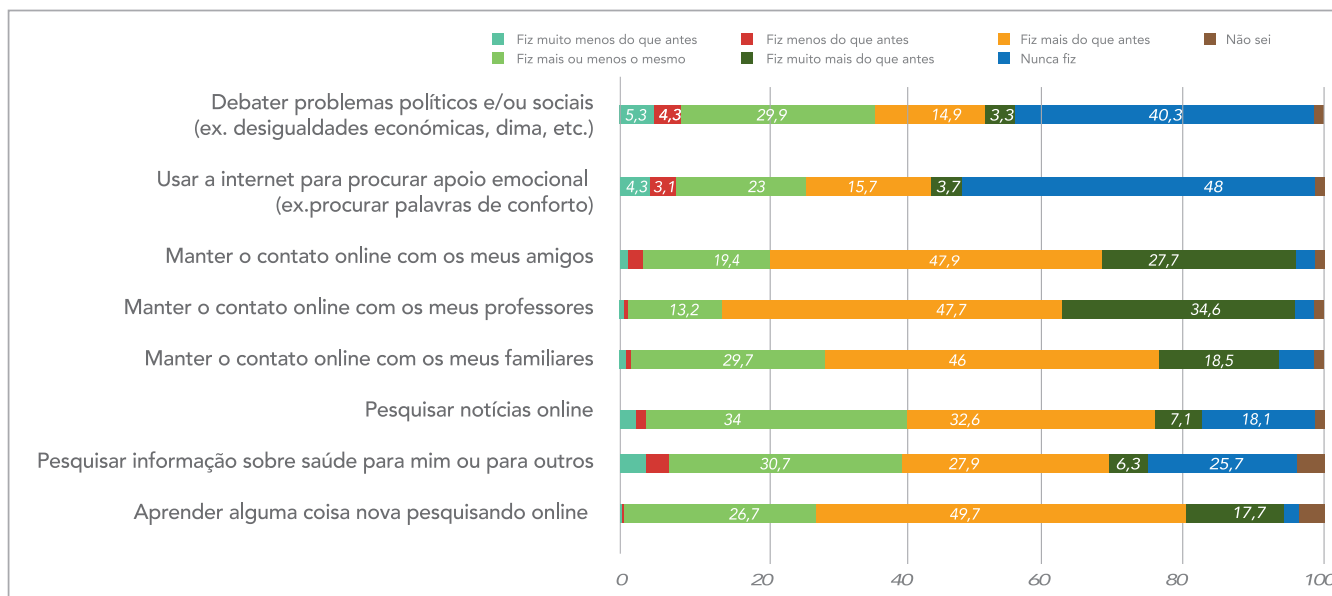


Quanto às motivações, destacam-se os 82,3% que usaram mais as tecnologias digitais para manterem o contacto com os seus professores, o que reforça a importância das mesmas enquanto suporte da Educação durante o período de confinamento. A sua utilização mais frequente para manter o contacto com os amigos por 75,6% das crianças também mostra que as tecnologias digitais, além de suportarem a aprendizagem, também permitiram colmatar o distanciamento dos pares e proporcionaram interação social. Por fim, 67,4% das crianças indicam que aprenderam alguma coisa online com mais frequência.

As crianças revelam pouca participação cívica online, bem como pouco envolvimento em atividades que possam estimular a sua literacia. Por exemplo, 40,3% nunca debateram

nenhum tema político ou social online, 25,7% nunca pesquisaram informação sobre saúde (apesar do contexto pandêmico em que se encontram), e 18,1% nunca pesquisaram notícias online.

Figura 34. Motivação das crianças para a utilização de tecnologias digitais durante o período de confinamento (em percentagem).



3.1.1.3.2 OPORTUNIDADES E RISCOS

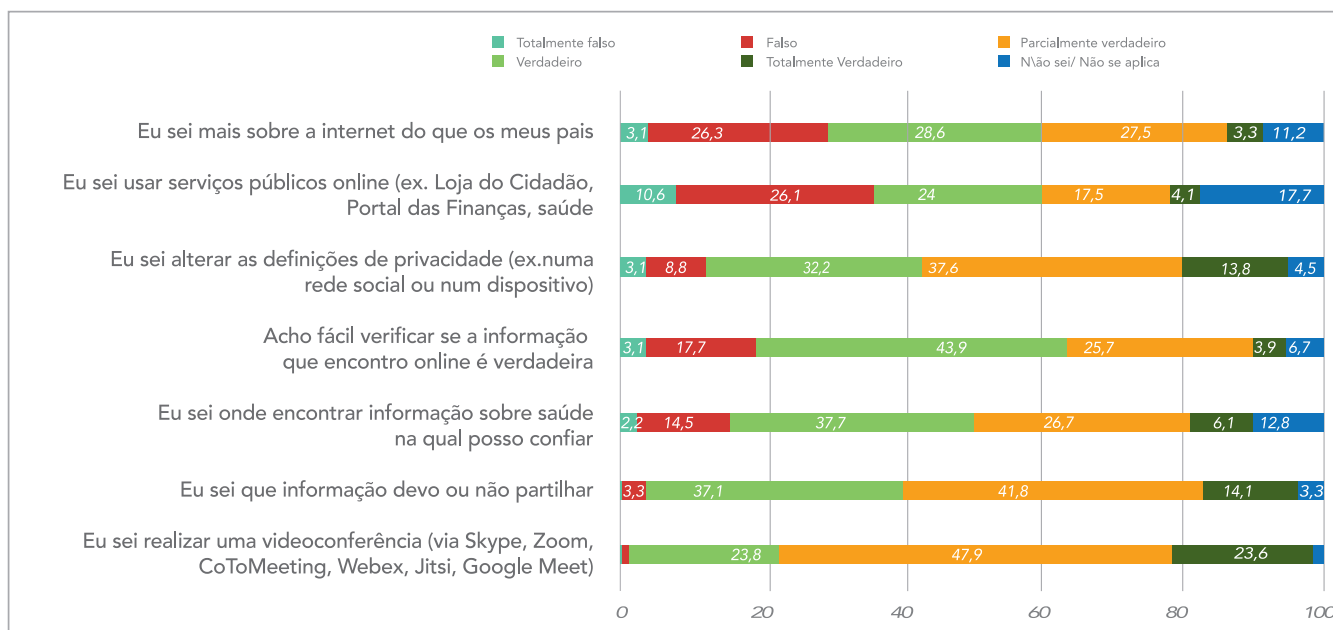
As crianças e jovens já têm vindo a referir que o aumento da frequência de utilização das tecnologias digitais e os desafios colocados pelo Ensino a Distância proporcionaram oportunidades de aprendizagem e de desenvolvimento de competências. Em geral, as crianças revelam boas competências digitais (Figura 35), que consideram ter melhorado durante o período de confinamento (Figura 36).

Assim, 71,5% das crianças afirma saber realizar conferências, 55,9% considera que sabem distinguir e seleccionar que informações devem ou não partilhar online, e 51,4% sabem gerir as definições de privacidade de dispositivos e dos seus perfis em plataformas digitais.

No entanto, 43,9% consideram apenas “parcialmente verdadeiro” que tenham facilidade em verificar a veracidade de informação que encontram online.

Por fim, 38,7% consideram que sabem mais sobre a internet do que os seus pais.

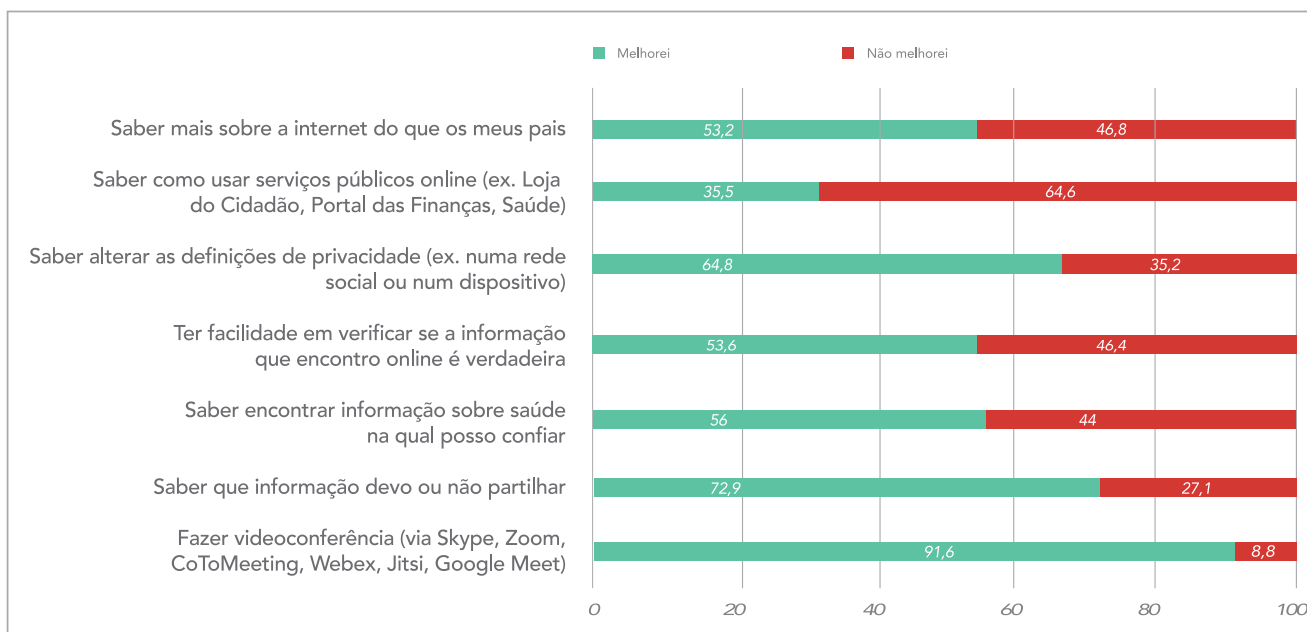
Figura 35. Competências digitais das crianças (em percentagem).



A competência online em que mais crianças (91,2%) consideram que melhoraram foi na realização das videoconferências, uma ferramenta que foi muito utilizada para aulas online. Em seguida, 72,9% consideram que melhoraram a competência de compreender e selecionar que informação devem e não devem partilhar online, 64,8% consideram que sabem mais sobre como gerir as definições de privacidade de dispositivos e plataformas, 56% consideram que melhoraram a saber como pesquisar informação sobre saúde, e 53,6% consideram que é agora mais fácil verificar se informação que encontram online é verdadeira ou não.

Pelo contrário, 64,6% revelam que não melhoraram na utilização de serviços públicos online, mas esta é uma competência que ainda não se lhes aplica.

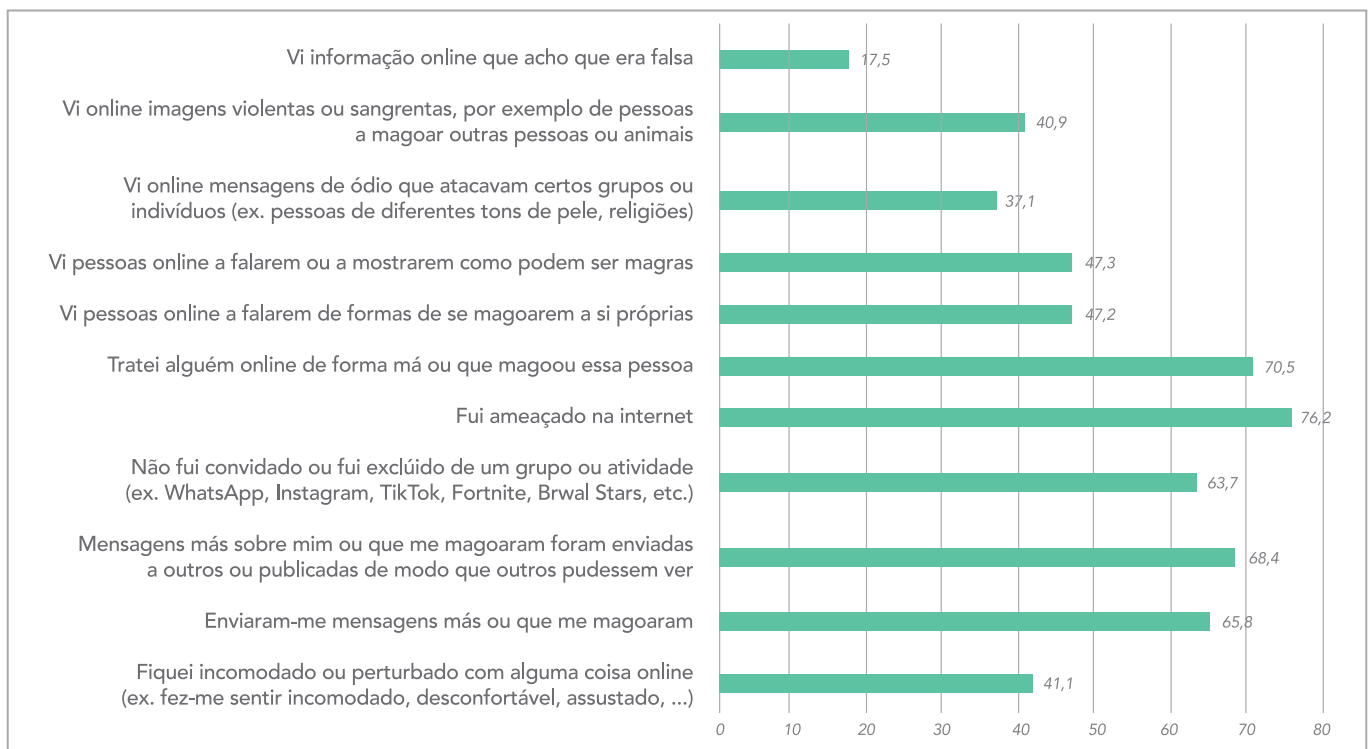
Figura 36. Desenvolvimento de competências digitais por parte das crianças durante o período de confinamento (em percentagem).



Questionamos também as crianças e jovens sobre riscos online. A Figura 39 revela que grande parte das crianças e jovens declararam que nunca estiveram expostos a alguns riscos online, nomeadamente serem ameaçados na internet (76,2%), perpetrarem bullying (70,5%), serem vítimas de bullying (65,8%), direta ou indiretamente (68,4%), ou sentirem-se excluídos de grupos online (63,7%).

Pelo contrário, 82,5% já foram expostos a informação falsa online, 62,9% já foram expostos a mensagens de ódio, 59,1% visionaram conteúdos violentos, 52,8% já visualizaram conteúdos sobre automutilação e 52,7% sobre anorexia e bulimia. São 58,9% as crianças que já se sentiram incomodadas ou perturbadas com alguma coisa online.

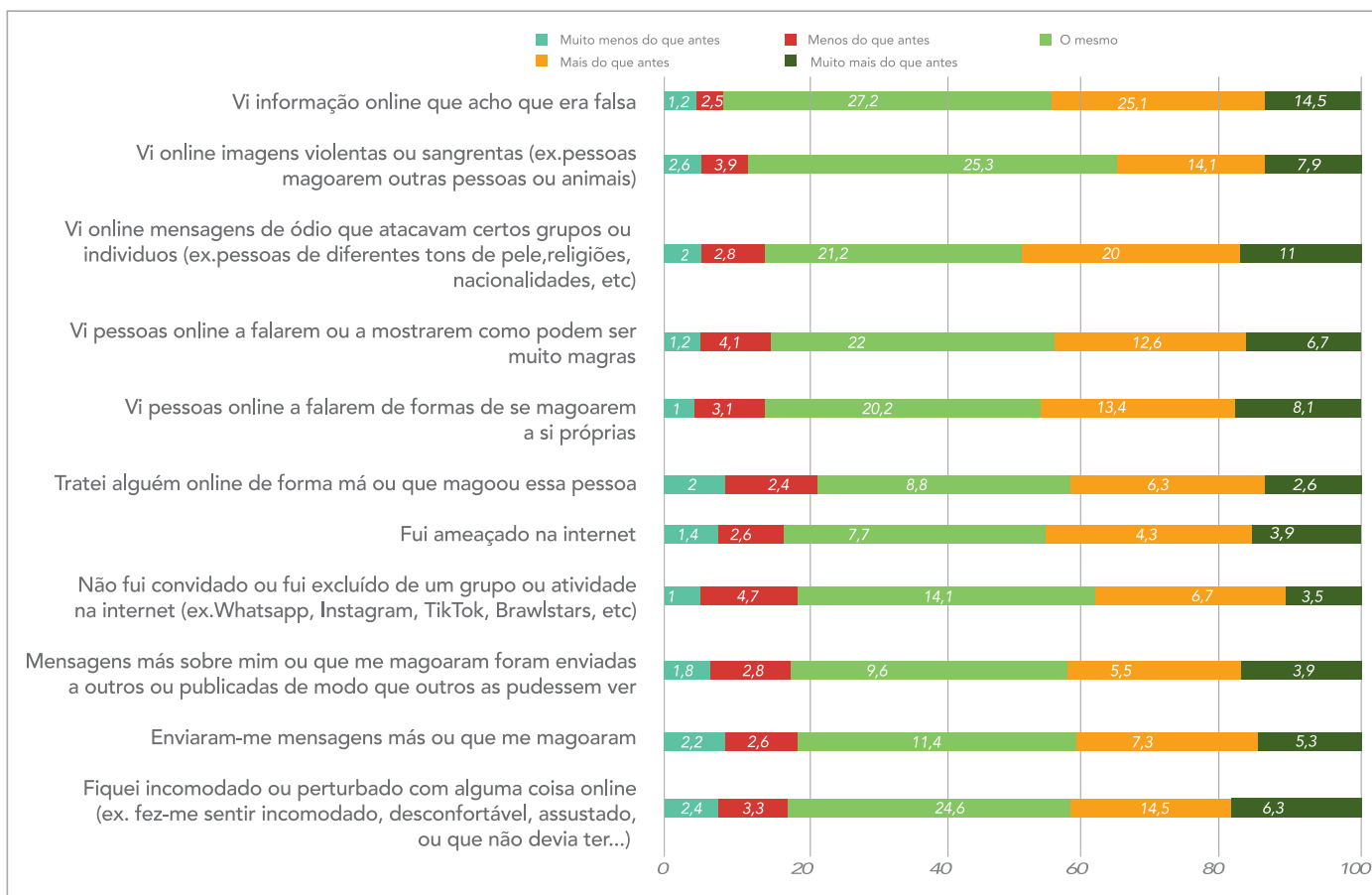
Figura 37. Percentagem de crianças e jovens que nunca estiveram expostos aos seguintes riscos online.



Em termos comparativos, a Figura 38 mostra quais os riscos que as crianças reportaram como mais frequentes durante o período de confinamento.

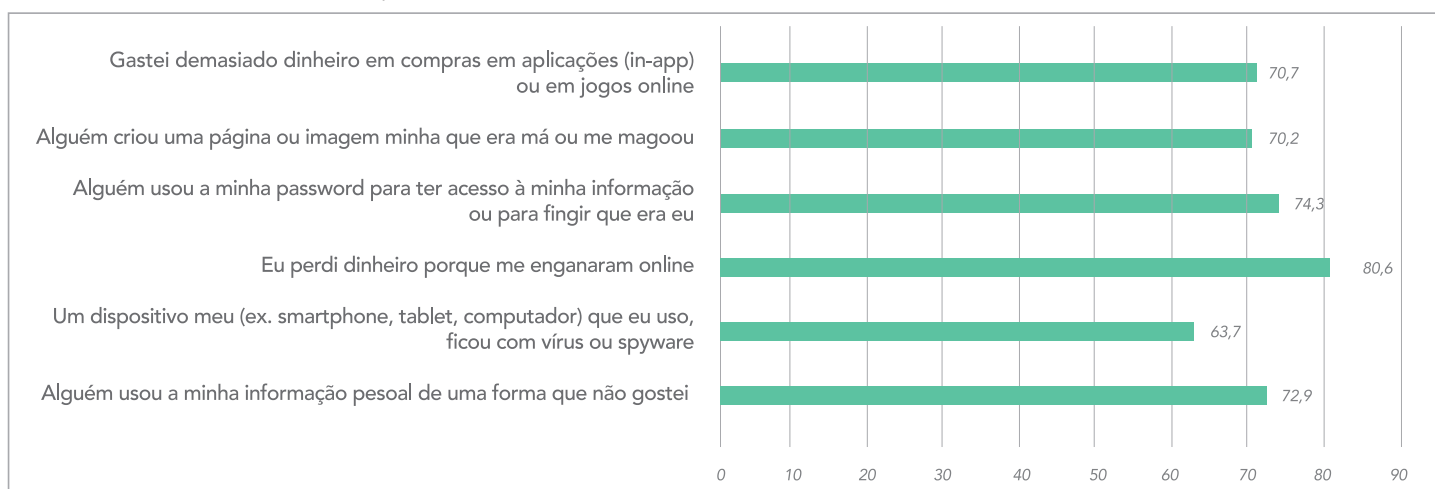
O aumento mais significativo refere-se à exposição a informações falsas (reportada por 39,6% das crianças), seguido da exposição a discursos de ódio (reportada por 31%), do visionamento de conteúdos violentos (reportado por 22%), e da exposição a conteúdos sobre automutilação (reportada por 21,5%). São 20,8% os que afirmaram terem-se sentido incomodados ou perturbados por algo que aconteceu online durante o período de confinamento.

Figura 38. Riscos online a que as crianças e jovens estiveram expostos com maior frequência durante o período de confinamento (em percentagem).



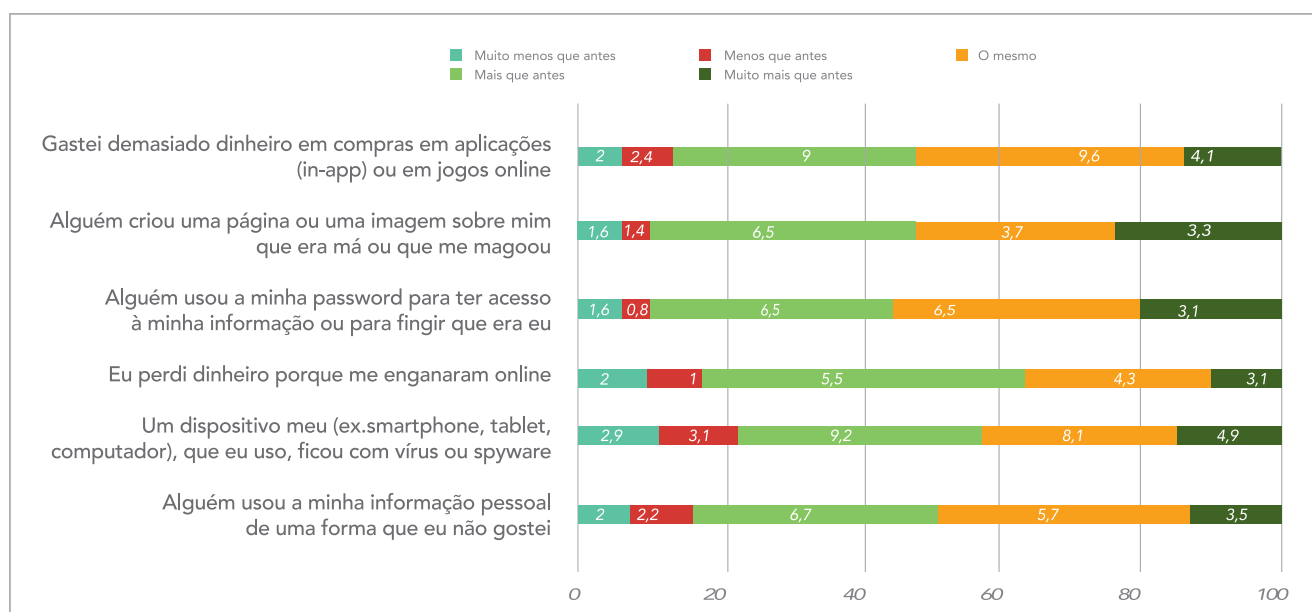
A Figura 39 mostra a percentagem de crianças e jovens que nunca se sentiram expostos a riscos relacionados com a sua privacidade. São 80,6% os que indicam nunca terem perdido dinheiro devido a jogo ou fraude online, são 79,2% os que nunca se sentiram incomodados com partilha de conteúdos sobre si, são 74,3% os que nunca viram as suas passwords expostas, e são 72,9% os que nunca se sentiram incomodados com o uso de informação pessoal sua.

Figura 39. Percentagem de crianças e jovens que nunca estiveram expostos aos seguintes riscos online relacionados com a sua privacidade.



Relativamente aos riscos relacionados com a privacidade que algumas crianças reportaram como mais frequentes durante o período de confinamento, este aumento é predominantemente baixo, mas ainda assim verifica-se com maior intensidade no gasto de dinheiro em compras em aplicações ou em jogos online, reportado por 13,7% das crianças, no uso de passwords por terceiros para terem acesso a informação pessoal ou roubarem a identidade dos inquiridos, reportado por 9,6% das crianças, e ainda o uso de informação pessoal por terceiros de modo que tenha desagradado aos inquiridos, reportado por 9,2% das crianças.

Figura 40. Riscos online relacionados com a privacidade a que as crianças e jovens estiveram expostos com maior frequência durante o período de confinamento (em percentagem).

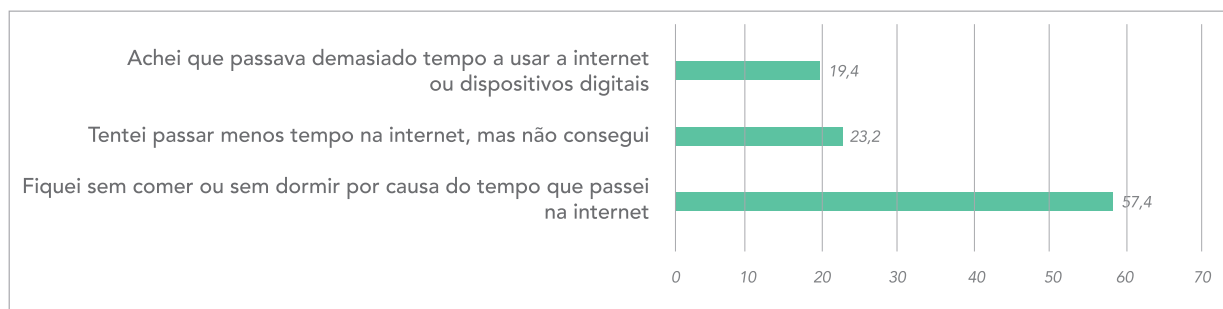


Salientamos que as baixas perceções dos riscos, sobretudo os relacionados com a invasão da privacidade e com a exploração comercial dos dados, podem refletir as experiências das crianças e jovens, mas podem também ser indicativos da falta de literacia mediática e/ou literacia para a publicidade necessárias para identificar alguns dos riscos sobre os quais os questionamos.

Por fim, pedimos às crianças e jovens que nos indicassem se alguns comportamentos que indiciam adição foram mais ou menos frequentes durante o período de confinamento.

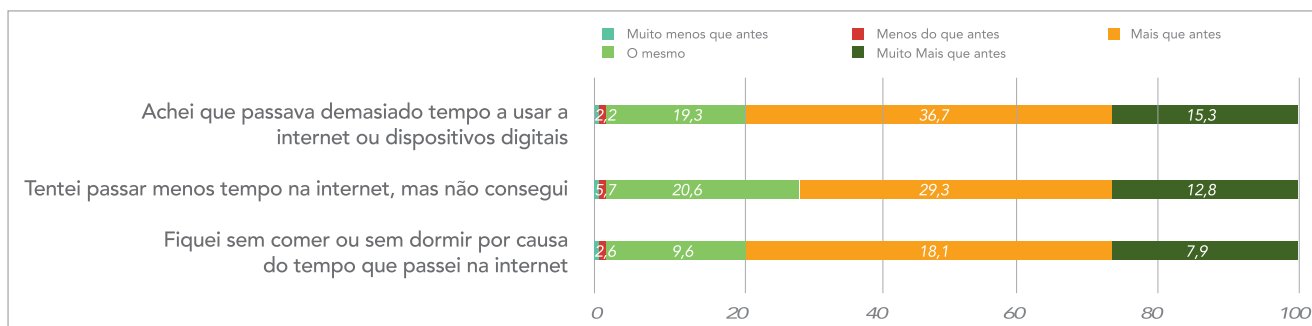
A Figura 43 mostra que a maior parte das crianças e jovens – 57,4% - nunca sentiu perturbações significativas nas suas rotinas devido ao uso excessivo de tecnologias digitais, como perder horas de sono ou esquecer-se de se alimentar. No entanto, são 80,6% os que admitem que por vezes passam demasiado tempo a usar a internet ou dispositivos digitais, e são 76,8% os que já tentaram alterar esse comportamento, sem sucesso.

Figura 41. Percentagem de crianças e jovens que nunca tiveram comportamentos indicativos de adição.



Observamos que durante o período de confinamento, estes comportamentos indicativos de vício foram mais frequentes para a maioria das crianças. São 52% os que reportam que foi mais frequente terem noção de que estavam a passar demasiado tempo na internet ou a usar dispositivos digitais, e foram 42,1% os que tentaram alterar esse comportamento, sem sucesso. Por fim, 26% das crianças e jovens reportaram como sendo mais frequentes situações em que deixaram de dormir ou comer para estar a usar tecnologias digitais.

Figura 42. Frequência de comportamentos indicativos de adição durante o período de confinamento (em percentagem).

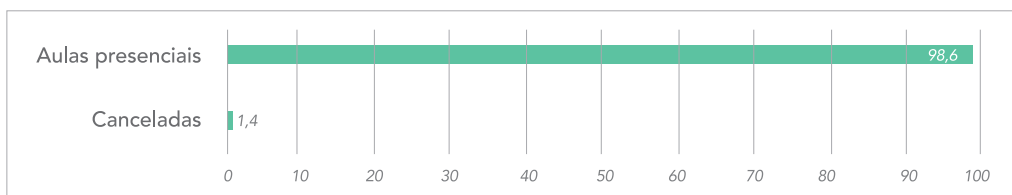


3.1.1.3.3 ENSINO ONLINE

Das 7 horas e 43 minutos que as crianças indicaram que passavam, num dia típico de semana, em média, a usar tecnologias digitais, dedicam 4 horas e 29 minutos a atividades escolares.

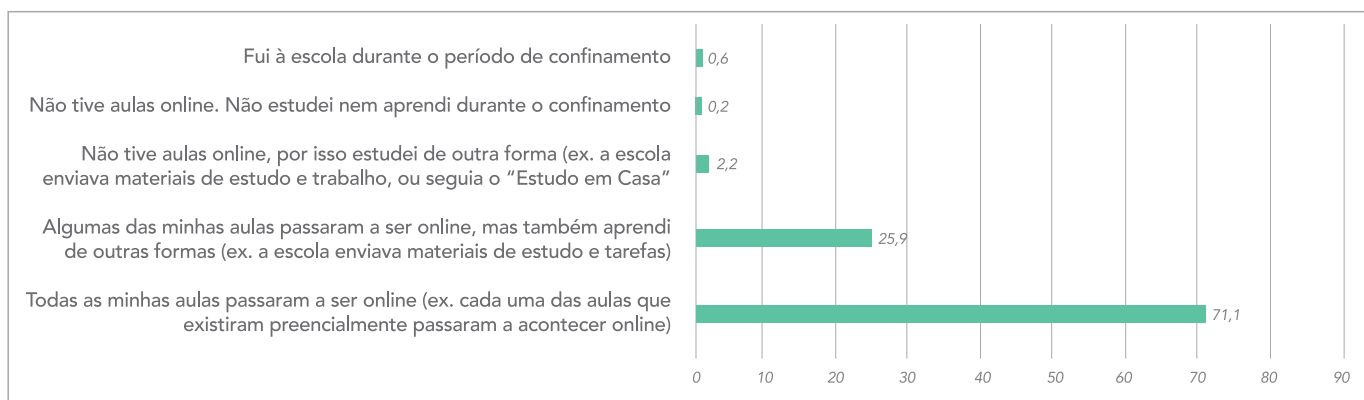
A Figura 43 mostra que 98,6% das crianças e jovens deixaram de ter aulas presenciais durante o período de confinamento. Os 1,4% que responderam que não tiveram as aulas presenciais canceladas podem tratar-se de filhos de profissionais de saúde, para os quais algumas escolas estiveram abertas e disponíveis, mesmo durante o Estado de Emergência e o fecho das escolas, de modo a permitir aos pais que trabalhassem.

Figura 43. Percentagem de crianças e jovens cujas aulas presenciais foram canceladas durante o período de confinamento.



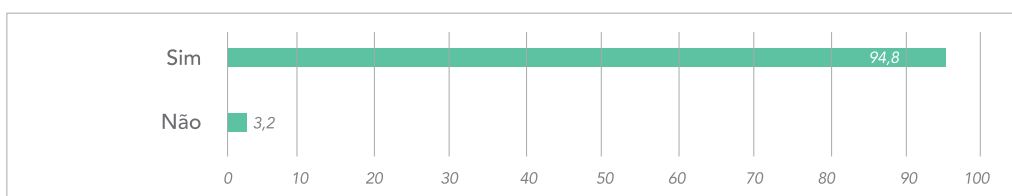
Na Figura 44 observamos que 71,1% das escolas optaram por uma transposição quase direta do modelo de ensino presencial para a modalidade online, tentando manter o mesmo horário de aulas. Esta opção deveu-se também à necessidade de “ocupar” as crianças, sobretudo as mais novas, pois grande parte dos pais estava em teletrabalho. Outra possibilidade, experienciada por 25,9%, foi a combinação de algumas aulas síncronas online com outras atividades e trabalhos, online e offline.

Figura 44. Modalidades de Ensino a Distância aplicadas durante o período de confinamento (em percentagem).



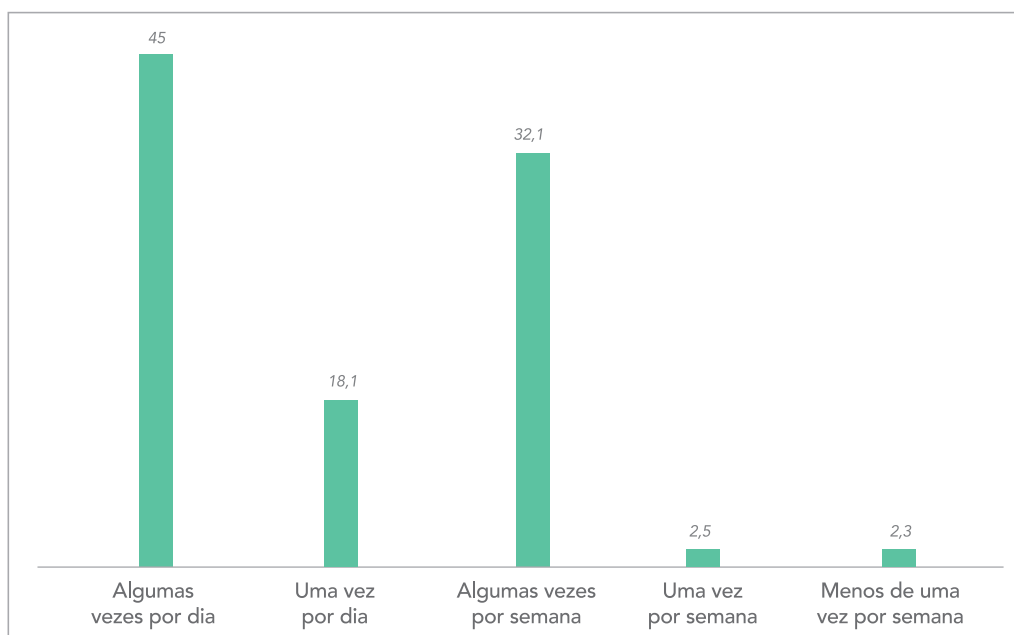
Concomitantemente, 94,8% das crianças e jovens reportam terem realizado atividades online síncronas em conjunto com os professores durante o período de confinamento.

Figura 45. Realização de atividades síncronas com os professores durante o período de confinamento (em percentagem).



Quanto à frequência da realização dessas atividades síncronas com os professores, é novamente notória alguma polarização, com 45% das crianças a reportarem contacto com os professores várias vezes ao dia, 18,1% uma vez por dia, e 32,1% algumas vezes por semana. Apesar do esforço para a realização de atividades síncronas online, o contacto com os professores foi inferior ao que acontecia no modelo presencial para 55% das crianças e jovens.

Figura 46. Frequência da realização de atividades síncronas com os professores durante o período de confinamento (em porcentagem).



Além das aulas síncronas, a Figura 47 mostra que outras ferramentas tecnológicas serviram de suporte ao Ensino a Distância durante o período de confinamento.

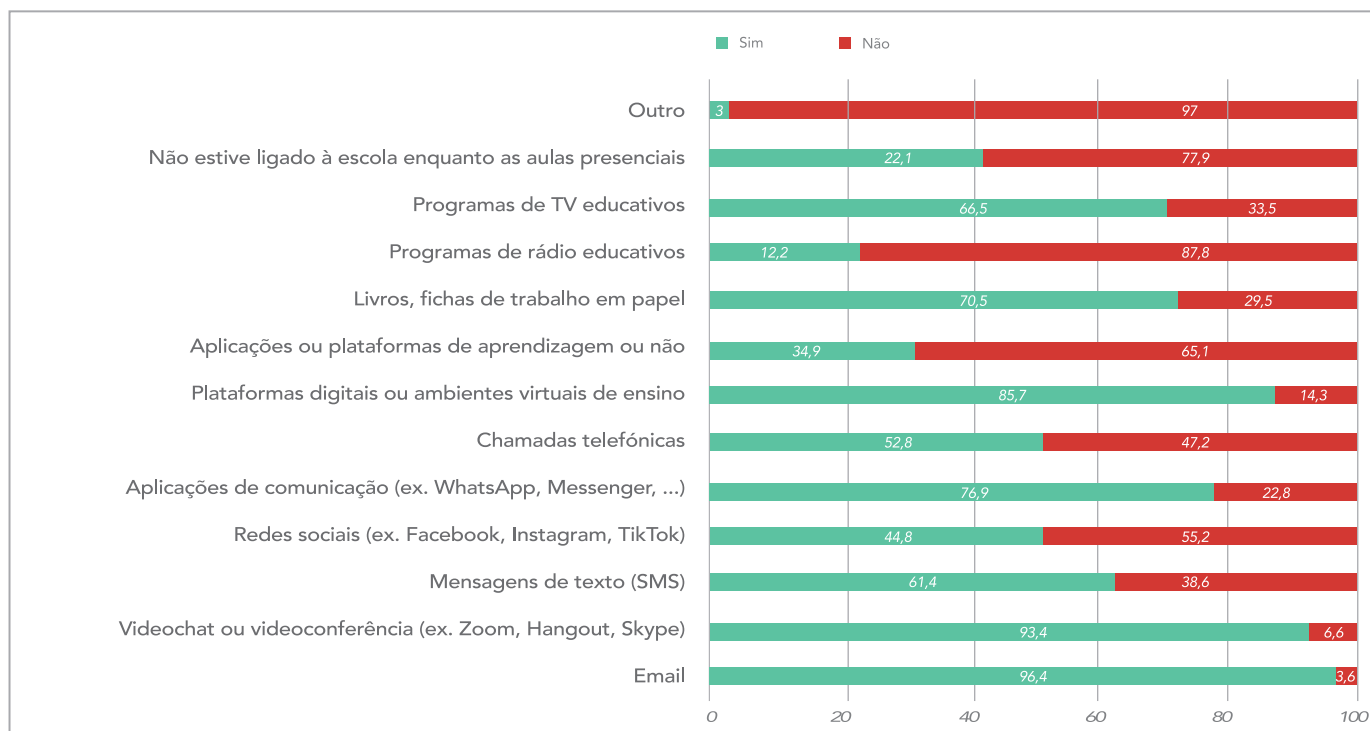
As mais utilizadas foram o email (por 96,4% das crianças e jovens), as plataformas de videoconferência (por 93,4%), plataformas ou ambientes digitais de ensino disponibilizados pelas escolas (por 87,5%), e aplicações de comunicação instantânea (por 76,9%).

Notamos que alternativas não digitais, como o uso de livros e de fichas em papel, e o acompanhamento do programa televisivo # Estudo em Casa também tiveram uma boa adesão, de 70,5% e 66,5% respectivamente.

Apesar de 94,8% das crianças e jovens terem afirmado que realizaram atividades online síncronas com os seus professores, surgem agora 22,1% que indicam que não estiveram ligados à escola enquanto as aulas presenciais estiveram canceladas, o que podemos interpretar como não tendo usado outras ferramentas tecnológicas para essa ligação além das aulas síncronas que afirmaram ter tido, ou então esta contradição pode dever-se a dificuldades na interpretação das questões.

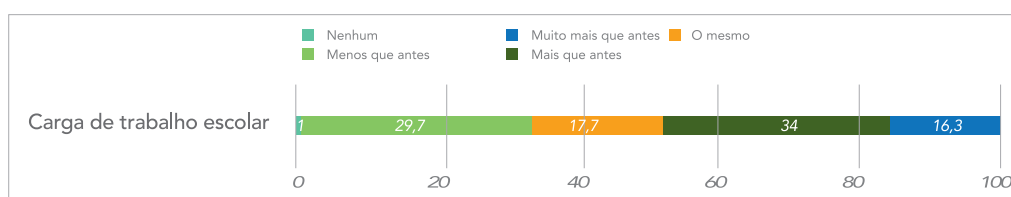
Por fim, as crianças que assinalaram a categoria "outras" referem a ajuda dos pais (7 respostas) e a plataforma digital Escola Virtual da Porto Editora (2 respostas), onde podem consultar versões digitais dos manuais escolares e conteúdos digitais educativos.

Figura 47. Ferramentas tecnológicas usadas no Ensino a Distância durante o período de confinamento (em percentagem).



Relativamente à carga de trabalho escolar durante o período de confinamento, verifica-se alguma polarização das respostas. A maioria – 50,3% - reporta uma sobrecarga de trabalho escolar relativamente ao período anterior ao confinamento, ao passo que 30,7% reportam uma redução.

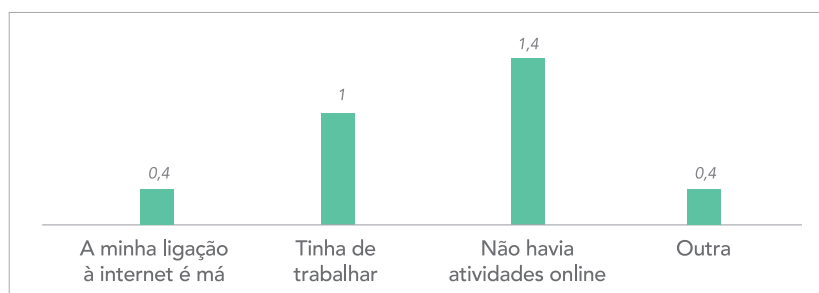
Figura 48. Percepção das crianças e jovens sobre a carga de trabalho escolar durante o período de confinamento (em percentagem).



Questionamos ainda as crianças sobre motivos para, por vezes, não participarem as aulas síncronas.

Observamos que apenas 3,2% das crianças e jovens reportam essa não participação. Os principais motivos que indicam são a necessidade de dedicar mais tempo a outras tarefas escolares, e adormecerem (resposta indicada na categoria "outra"). A má qualidade da ligação à internet não foi impeditiva desta participação.

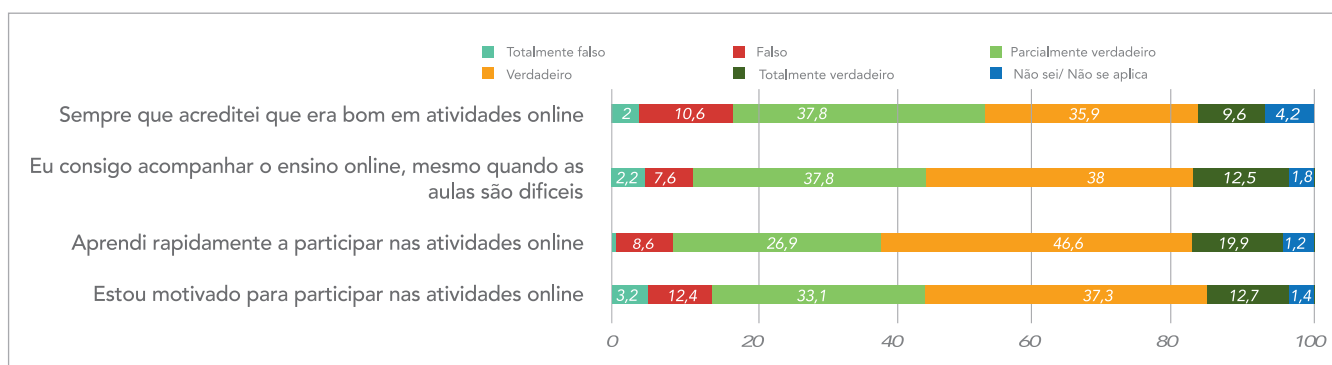
Figura 49. Motivos para a não participação em aulas síncronas (em percentagem).



Pedimos ainda às crianças e jovens que nos indicassem o seu grau de concordância com algumas afirmações sobre perceções positivas (Figura 50) e negativas (Figura 51) relativamente ao Ensino a Distância.

Relativamente às perceções positivas, destaca-se a facilidade e rapidez com que 66,5% das crianças consideram ter aprendido a participar nas atividades online. Além disso, 50,5% das crianças e jovens afirmam conseguir acompanhar o ensino online, e 38% consideram conseguir fazê-lo parcialmente. São também 50% os que se sentiram motivados para participar nas atividades online, as essa motivação foi apenas parcial para 33,1%.

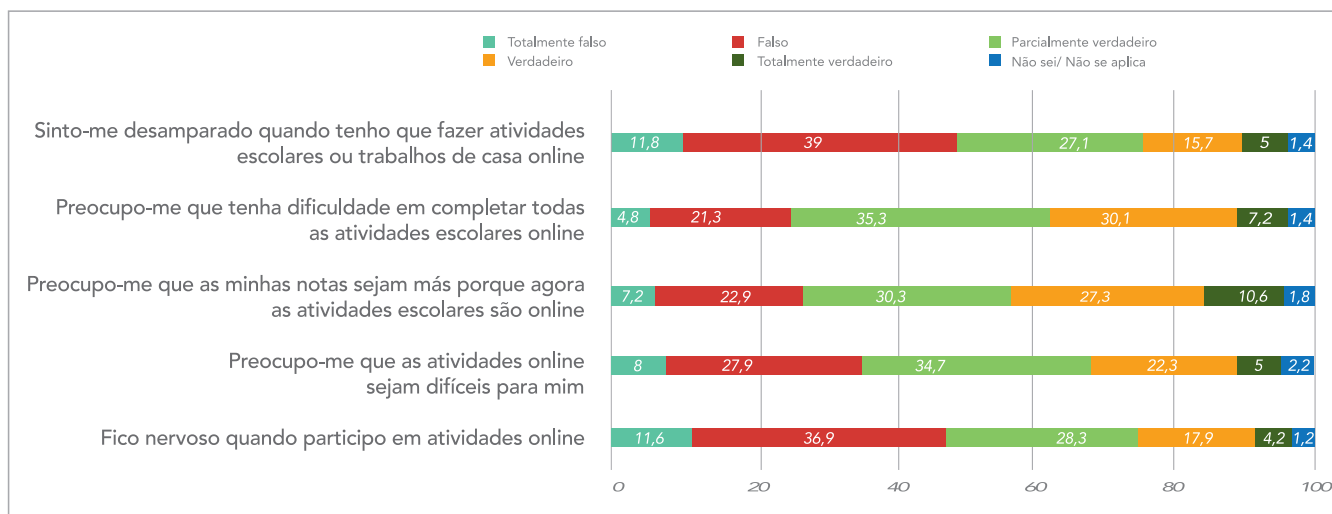
Figura 50. Grau de concordância das crianças e jovens com afirmações positivas relativamente à experiência do Ensino a Distância durante o período de confinamento (em percentagem).



Quanto às perceções negativas, destaca-se alguma preocupação de 37,9% das crianças e jovens com a possibilidade de terem más notas devido à mudança para o Ensino a Distância, e alguma preocupação de 37,3% das crianças e jovens com o facto de terem dificuldade em completar todas as atividades escolares que lhes são propostas.

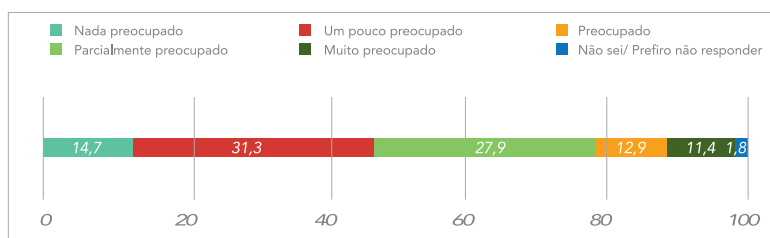
A maior parte das crianças sente-se apoiada na realização das atividades escolares, pois 50,8% discordam que se sintam desamparados nestas tarefas.

Figura 51. Grau de concordância das crianças e jovens com afirmações negativas relativamente à experiência do Ensino a Distância durante o período de confinamento (em percentagem).



Por fim, de forma genérica, observamos que 46% das crianças e jovens não sentiram preocupação relativa à sua capacidade para acompanhar o Ensino a Distância durante o período de confinamento. São 27,9% os que sentiram alguma preocupação, e 24,3% os que se sentiram efetivamente preocupados.

Figura 52. Grau de preocupação das crianças e jovens com a sua capacidade para acompanhar o Ensino a Distância durante o período de confinamento (em percentagem).



3.1.1.3.4 BEM-ESTAR

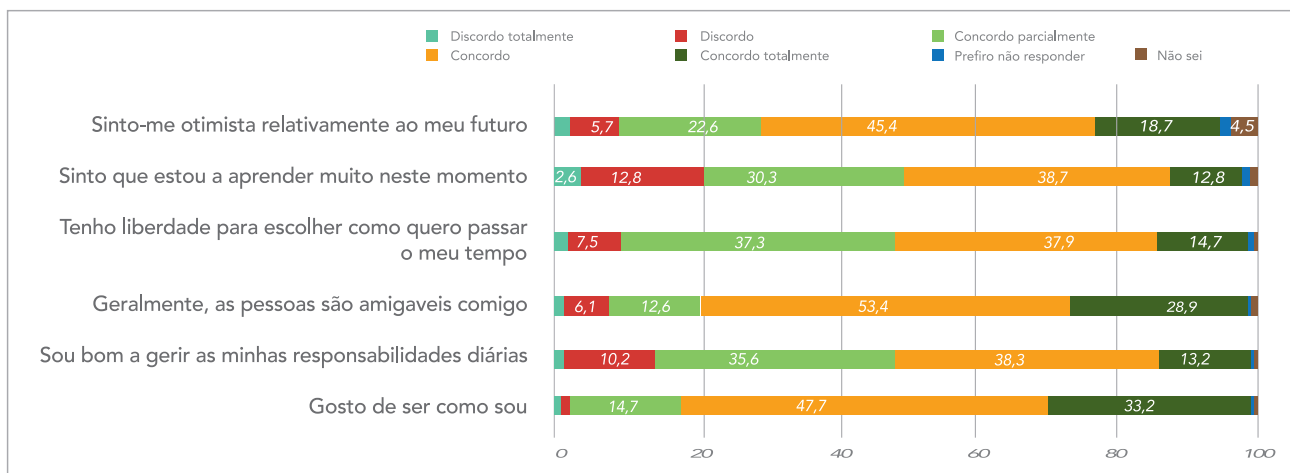
Uma última secção do questionário às crianças e jovens incidiu sobre o seu bem-estar. A Figura 53 apresenta o grau de concordância das crianças e jovens com algumas afirmações genéricas.

Em geral, os inquiridos apresentam bons níveis de bem-estar, patente na concordância de 80,9% com a afirmação "gosto de ser como sou". Além disso, 83,2% das crianças e jovens sentem que as outras pessoas são amigáveis e simpáticas para com elas.

Relativamente à liberdade, 52,6% das crianças sentem que são livres para escolher como querem passar o tempo, mas 37,3% apenas concorda parcialmente. Também, 51,5% das crianças e jovens sentem que conseguem gerir bem as suas responsabilidades, mas 35,6% só concordam parcialmente com esta afirmação.

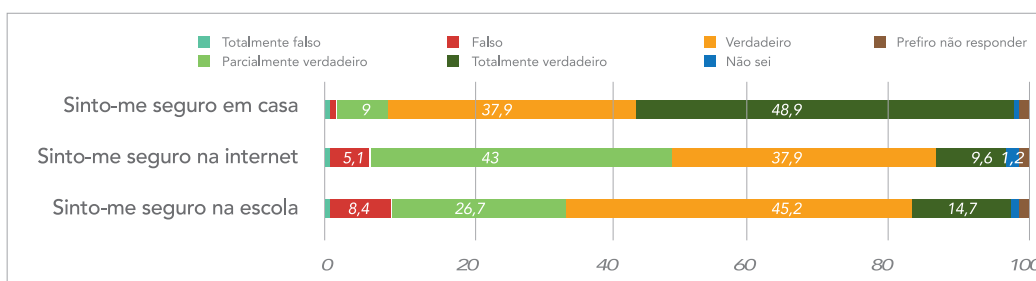
Relativamente ao período de confinamento, apenas 51,5% dos inquiridos concorda que está a aprender muito. São 64,1% os que se sentem otimistas relativamente ao futuro.

Figura 53. Grau de concordância das crianças e jovens inquiridos com afirmações genéricas sobre o seu bem-estar (em percentagem).



O lar é claramente o local onde as crianças se sentem mais seguras – afirmação feita por 87,6% das crianças, sendo que 49,7% delas concordou totalmente com esta afirmação. Seguidamente, as crianças sentem-se mais seguras na escola – 59,9%, embora 26,7% apenas se sintam parcialmente seguras, e 10,6% não se sintam seguras. Na internet, são 47,5% as crianças e jovens que se sentem seguros, e mais 43% sentem-se apenas parcialmente seguros. O que não se sentem seguros na internet são apenas 7,3%, percentagem inferior aos que se sentem inseguros na escola.

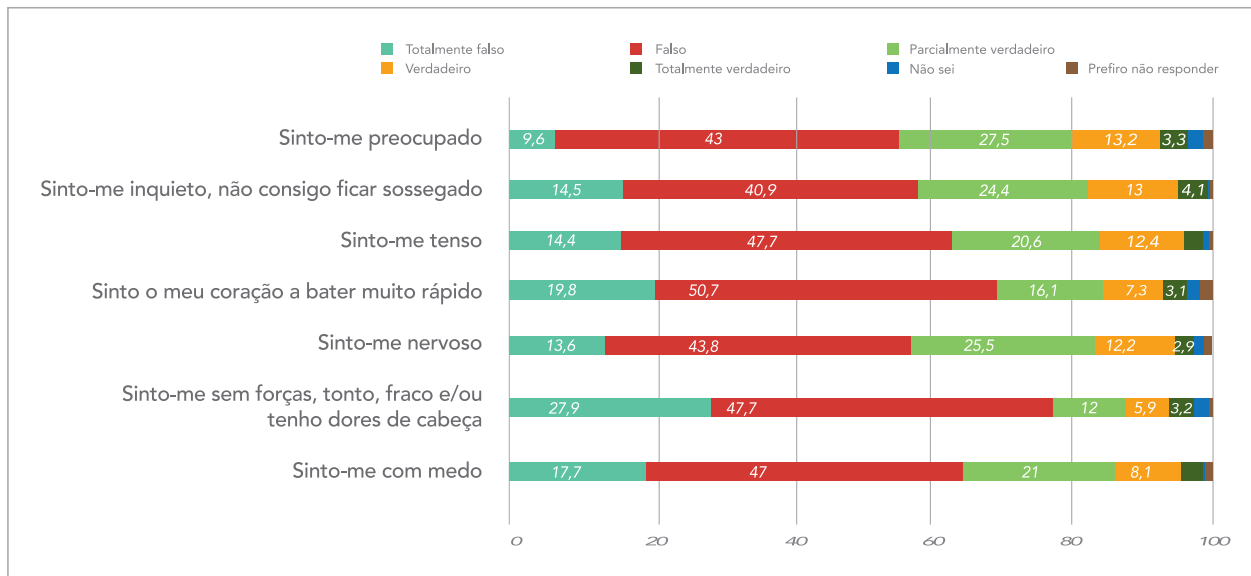
Figura 54. “Local” onde as crianças e jovens se sentem mais seguros (em percentagem).



Relativamente ao período de confinamento, procuramos investigar alterações no bem-estar das crianças.

A maior parte das crianças e jovens discordou das afirmações, não reportando alterações significativas ao seu bem-estar associadas ao confinamento obrigatório ou à pandemia. No entanto, 27,5% concordaram parcialmente que se sentiram preocupados, e 17,1% afirmaram que se sentiram preocupados. São 25,5% os que concordaram parcialmente que se sentiram nervosos, e 15,1% os que afirmaram que se sentiram nervosos. São ainda 24,4% os que concordaram parcialmente que se sentiram inquietos e não conseguiram estar sossegados, e 17,7% os que concordaram com esta afirmação. Por fim, 21% concordaram parcialmente que sentiram medo, e 11,8% afirmaram ter sentido medo.

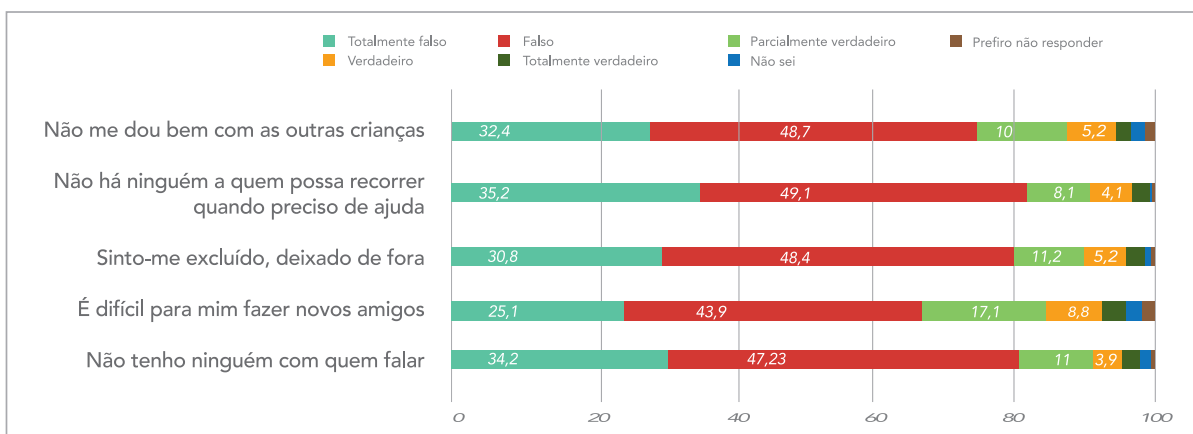
Figura 55. Grau de concordância das crianças e jovens inquiridos com afirmações sobre alterações ao seu bem-estar durante o período de confinamento (em percentagem).



Sendo a interação social e o sentimento de pertença essenciais para o bem-estar das crianças, questionamo-las também sobre estas dimensões.

Grande parte das crianças manifesta desacordo relativamente às afirmações que propusemos, manifestando assim bem-estar nesta dimensão. São 84,3% os que têm a quem recorrer quando precisam de ajuda, 81,5% os que têm com quem falar, 81,1% os que se dão bem com outras crianças, e 79,2% os que não se sentem excluídos.

Figura 56. Grau de concordância das crianças e jovens inquiridos com afirmações sobre solidão durante o período de confinamento (em percentagem).



As Figuras 57 e 58 comparam o papel da família e dos amigos na prestação de apoio social aos inquiridos. Embora a pré-adolescência e adolescência sejam fases da vida nas quais os amigos têm grande importância, verifica-se um maior peso da família como principal fonte de apoio aos inquiridos. São 88,6% os respondentes que afirmam que a família os tenta sempre ajudar, face aos 68,2% que afirmam o mesmo relativamente aos amigos. São também 83,5% os que consideram que podem sempre falar sobre os seus problemas com a sua família, mas só 67% sente o mesmo em relação aos amigos. Para 84,5%, obtêm todo o apoio emocional de que necessitam das suas famílias.

Figura 57. Grau de concordância das crianças e jovens com afirmações sobre o papel da família na prestação de apoio social (em percentagem).

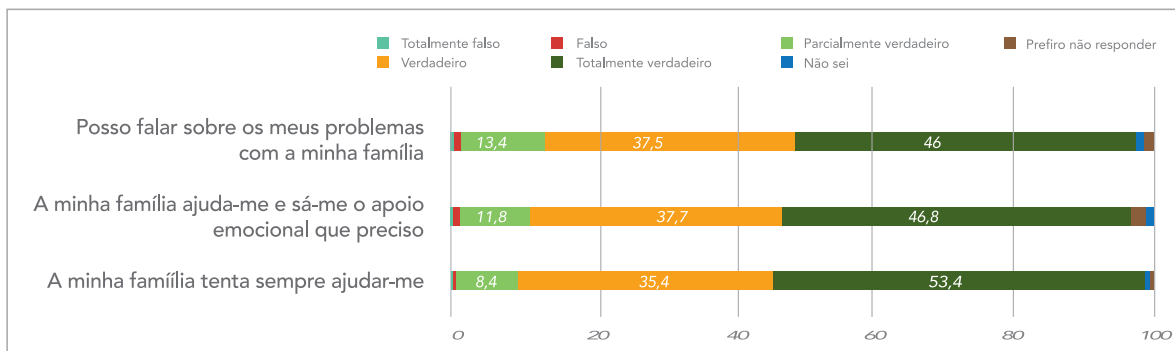
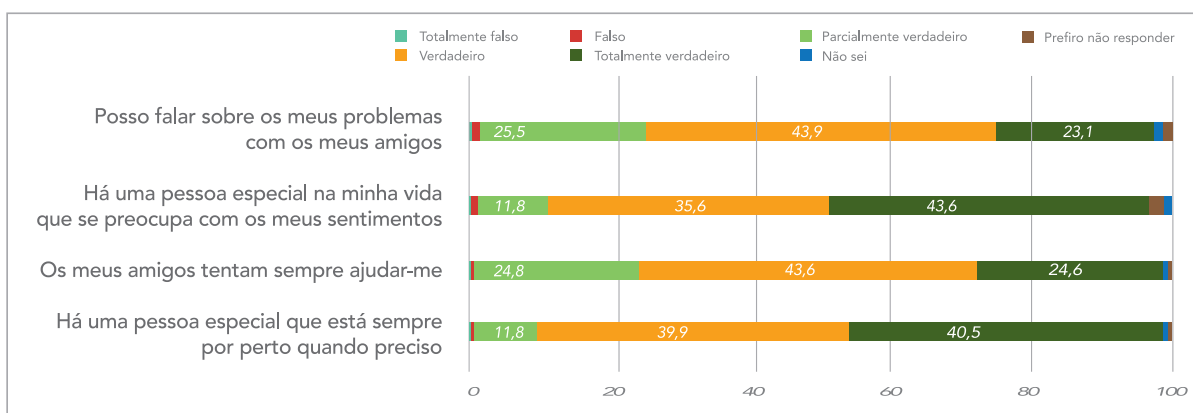


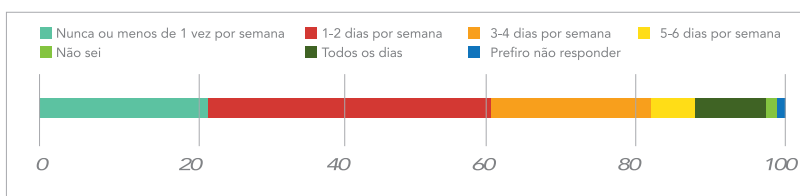
Figura 58. Grau de concordância das crianças e jovens com afirmações sobre o papel dos amigos na prestação de apoio social (em percentagem).



Consideramos ainda a atividade física como uma componente importante do bem-estar, e uma que esteve mais limitada durante o período de confinamento.

Observamos que, de facto, a realização de atividade física foi limitada. São 39,5% as crianças e jovens que fizeram alguma atividade física 1 a 2 dias por semana, e são 21,4% os que nunca realizaram nenhuma atividade física. Há percentagens mais pequenas que conseguiram manter-se bastante ativos, com 7,7% a realizarem exercício físico 5 a 6 dias na semana, e 7,1% todos os dias.

Figura 59. Frequência de realização de atividades físicas pelas crianças e jovens durante o período de confinamento (em percentagem).



Por fim, foram 67,4% os que recorreram à ajuda das tecnologias digitais para fazerem alguma atividade física durante o período de confinamento.

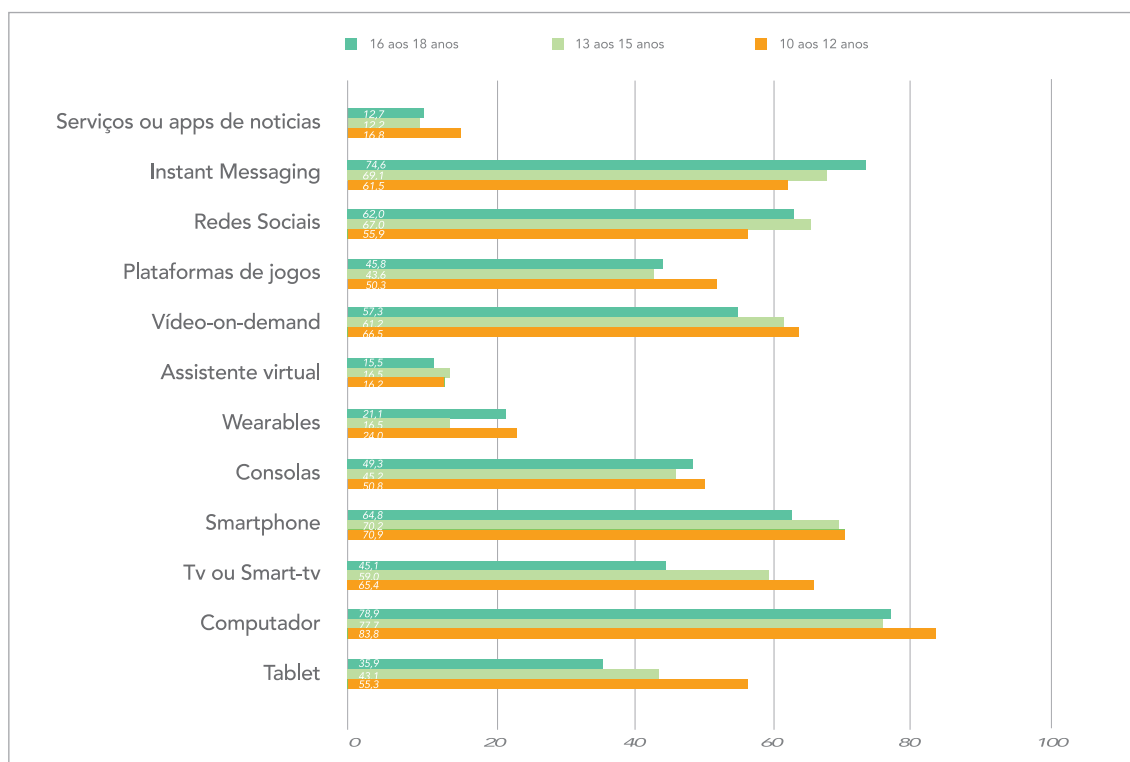
3.1.2. DISCUSSÃO

Nesta secção, apresentamos cruzamentos de alguns dados com o objetivo responder às perguntas de investigação que orientam o nosso trabalho.

Considerando a primeira pergunta de investigação - PI1. Como é que as crianças e jovens com idades compreendidas entre 6 e 18 anos utilizaram as tecnologias digitais durante o período de confinamento? – explorámos os dispositivos (Figura 60) e as atividades digitais (Figura 61) que as crianças e jovens nos afirmaram terem sido mais frequentes durante o período de confinamento, comparativamente à sua rotina habitual anterior. Optamos por condensar as idades em 3 intervalos: dos 10 aos 12 anos, dos 13 aos 15 anos, e dos 16 aos 18 anos.

Na faixa etária mais jovem, dos 10 aos 12 anos, observamos um aumento mais significativo no uso do computador (83,8%), do smartphone (70,9%) e de plataformas de Vídeo-on-Demand (66,5%). Na faixa etária intermédia, dos 13 aos 15 anos, o aumento mais significativo é igualmente no uso do computador (77,7%) seguido do smartphone (70,2%) e das redes sociais (67%). Por fim, os mais velhos, dos 16 aos 18 anos, usaram também mais o computador (78,9%), plataformas de instant messaging (74,6%) e o smartphone (64,8%).

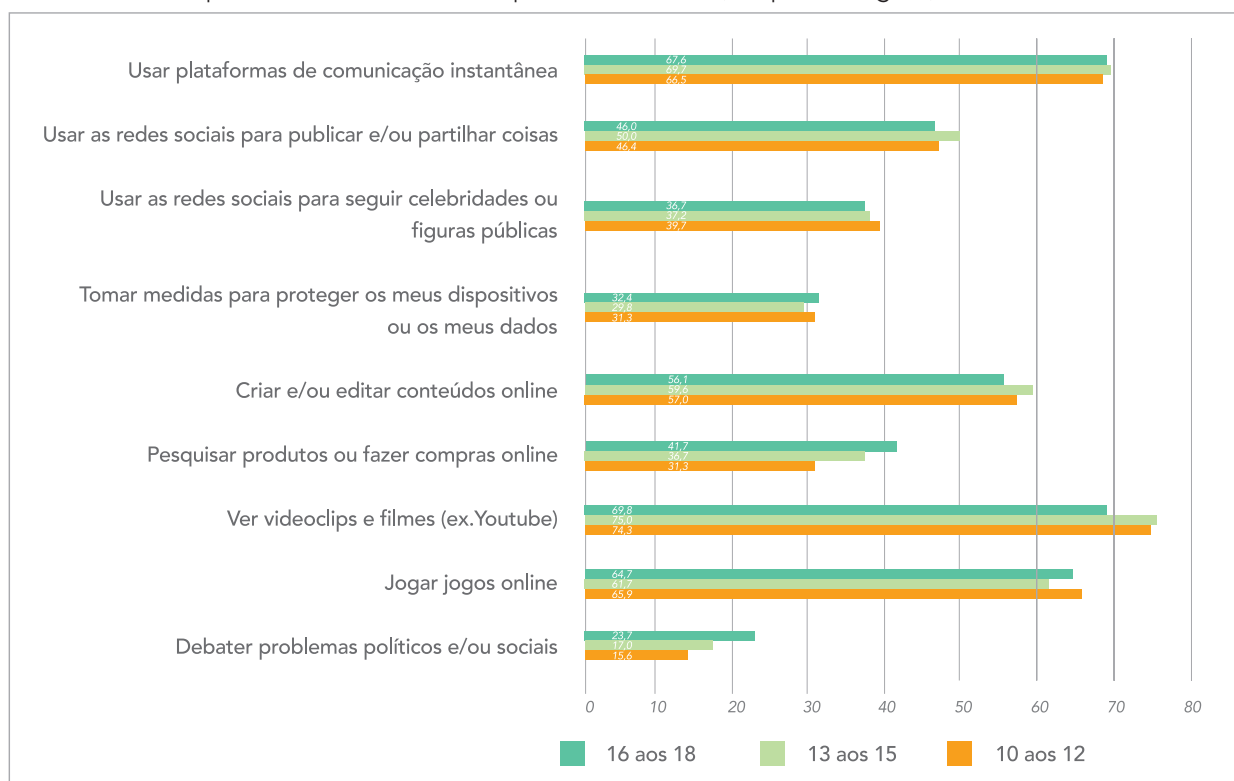
Figura 60. Dispositivos digitais que as crianças e jovens usaram com mais frequência durante o período de confinamento do que faziam anteriormente, por faixas etárias (em percentagem).



Em média, os mais velhos passaram mais tempo online diariamente do que os mais novos: as faixas etárias dos 13 aos 15 anos e dos 16 aos 18 anos passaram 8 horas e 30 minutos diários online, ao passo que a faixa etária dos 10 aos 12 anos passaram 7 horas e 6 minutos online.

Não observamos grandes diferenças nas atividades que se tornaram mais frequentes, por faixa etária. O maior aumento verificou-se no visionamento de vídeos e filmes (em média 73% dos inquiridos afirmaram realizar esta atividade com mais frequência), no entretenimento através de jogos (para 67,9% das crianças e jovens) e na utilização de plataformas para comunicação instantânea, como o WhatsApp (para 64,1%).

Figura 61. Atividades digitais que as crianças e jovens realizaram com mais frequência durante o período de confinamento do que faziam anteriormente, por faixas etárias (em percentagem).

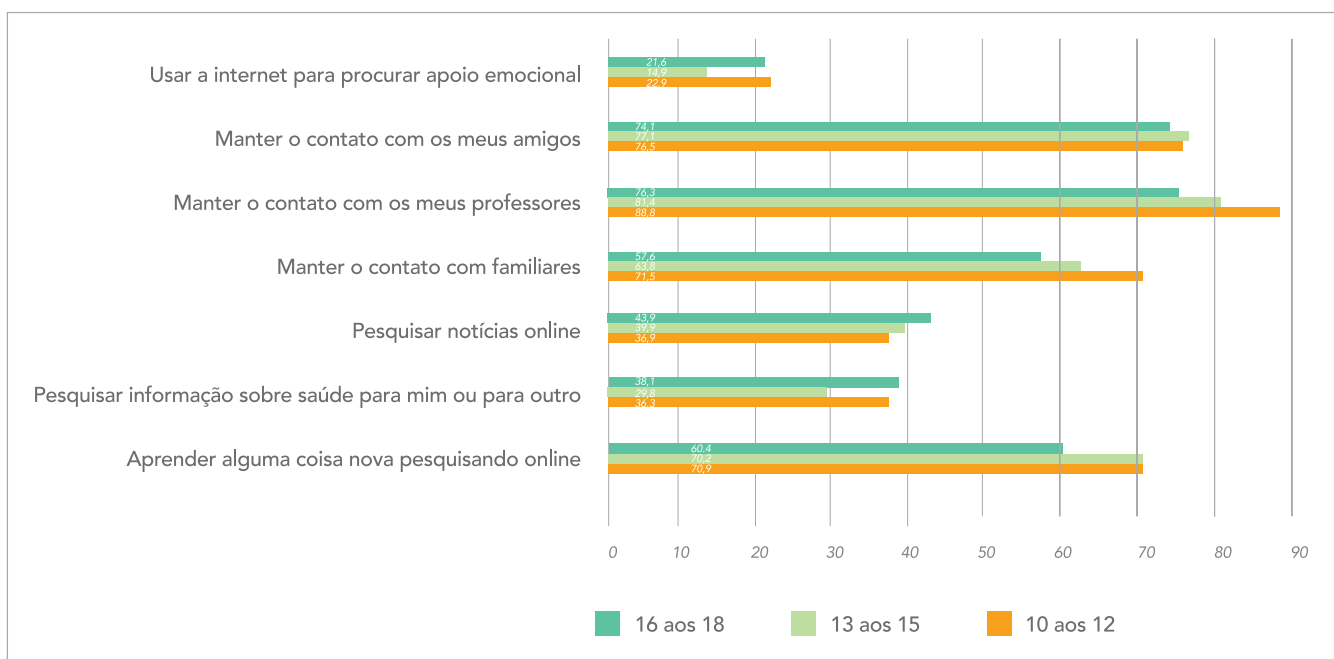


A segunda pergunta de investigação dá sequência a este mesmo tema, a alteração de comportamentos relacionados com práticas digitais durante o período de confinamento - PI2. Como é que o confinamento alterou o comportamento das crianças e das famílias, nomeadamente as atividades relacionadas com tecnologias digitais? A Figura 63 mostra algumas atividades digitais mais relacionadas com o contexto de pandemia.

É possível observar que a maior parte das atividades digitais se tornaram mais frequentes para as crianças mais jovens – 88,8% das crianças entre os 10 e os 12 anos passou a usar mais as tecnologias digitais para manter o contacto com os seus professores, 76,5% para manter o contacto com os amigos, e 71,5% para manter o contacto com familiares. O facto de estas atividades serem as que mais aumentaram em todas as faixas etárias reforça a importância da comunicação e da manutenção dos laços sociais durante o confinamento. Em seguida, destaca-se também a aprendizagem através do uso de tecnologias digitais, para todas as faixas etárias.

O cruzamento com outras variáveis, como o tipo de habitação em que viveram o período de confinamento, a situação profissional dos pais, ou o número de crianças no lar, não altera significativamente o panorama mostrado na Figura 62.

Figura 62. Atividades digitais que as crianças e jovens realizaram com mais frequência durante o período de confinamento do que faziam anteriormente, por faixas etárias (em porcentagem).



A grande alteração na rotina quotidiana das crianças e jovens foi mesmo a transição para o Ensino a Distância.

O tempo diário dedicado ao estudo usando tecnologias digitais tende a subir conforme a idade. Dos 10 aos 12, dedicaram em média 4 horas e 12 minutos ao uso de tecnologias digitais com a finalidade de estudar, ao passo que dos 13 aos 15 já dedicaram 4 horas e 32 minutos, e dos 16 aos 18 anos, dedicaram 4 horas e 45 minutos diários ao estudo.

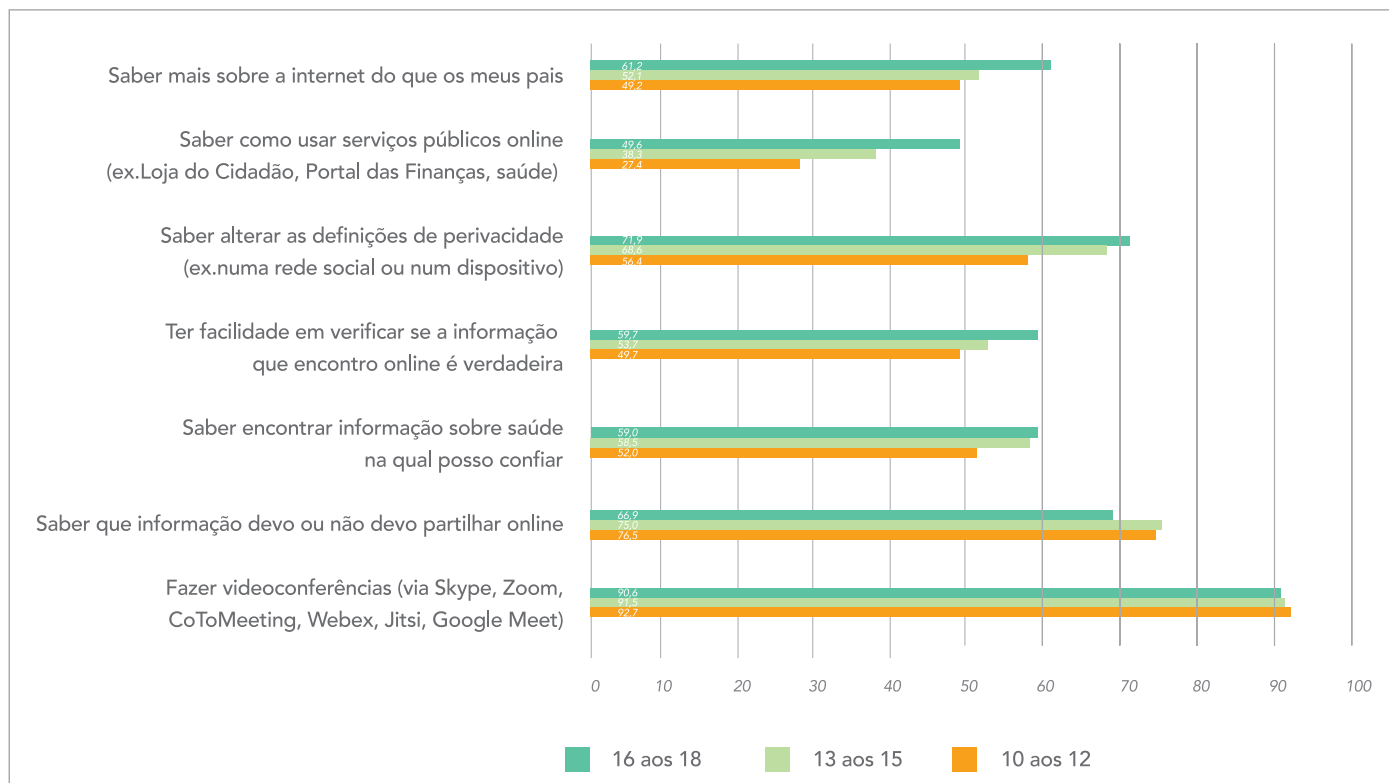
A terceira pergunta de investigação remete para a comparação das percepções de pais e filhos relativamente ao uso das tecnologias digitais durante o período de confinamento - PI3. Quais são as percepções dos filhos e dos pais em relação ao uso da tecnologia digital, às atividades online, e às oportunidades e riscos associados, durante o confinamento? A quarta pergunta de investigação explora de forma mais concreta mudanças nessas percepções – PI4. Como é que o confinamento mudou as percepções das crianças e das famílias em relação às tecnologias digitais, às atividades online e às oportunidades e riscos associados?

Relativamente às oportunidades, os pais associam às tecnologias digitais o potencial para a aprendizagem – 91,4% concordam que a família descobriu novas ferramentas digitais e realizou aprendizagens online durante o período de confinamento.

Efetivamente, a maioria das crianças e jovens declara ter melhorado em competências digitais variadas durante o período de confinamento, com destaque para a realização de videoconferências (91,6%), na identificação de que informações devem ou não partilhar online (72,8%) e na gestão das definições de privacidade do e dispositivos e perfis em plataformas (65,7%). Não se observam diferenças significativas entre as faixas etárias, no entanto o desenvolvimento de competências digitais é ligeiramente superior entre os mais

velhos, sobretudo relativamente a temas com a cidadania digital, a informação falsa e a privacidade.

Figura 63. Crianças e jovens que declaram ter melhorado nas suas competências digitais durante o período de confinamento, por faixas etárias (em percentagem).



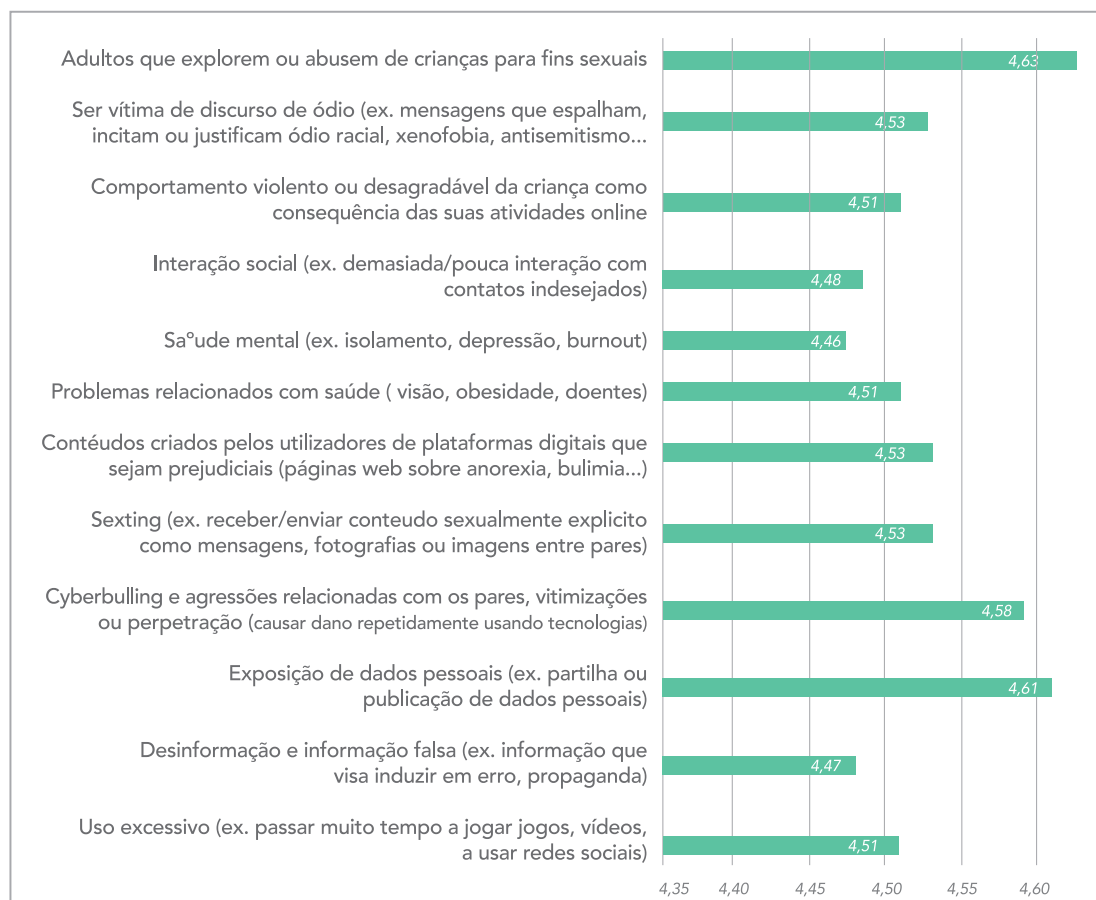
Também associam o período de confinamento em si a uma oportunidade para passarem mais tempo com os filhos – 67,6% considera que este período aproximou a família -, sendo que algum desse tempo é passado a usar tecnologias digitais – 78,6% dos pais passaram mais tempo a jogar jogos digitais com os filhos, ou envolvidos noutras atividades digitais com eles.

Este aspeto é confirmado pelas crianças, sendo que, em média, 85,5% afirmam que a família os apoia e ajuda sempre.

Quanto aos riscos, os pais apresentam um nível de preocupação elevado relativamente a todos os aspetos sobre os quais os questionamos, variando entre 4,5 e 4,6 numa escala de 0 a 5, em que 0 significa “nada preocupado” e 5 “muito preocupado”.

Destaca-se a preocupação com a possibilidade de as crianças serem vítimas de abusos sexuais online, com a exposição de dados pessoais, e com o cyberbullying.

Figura 64. Grau médio de preocupação dos pais com riscos online (numa escala de 0 a 5, em que 0 significa “nada preocupado” e 5 “muito preocupado”).



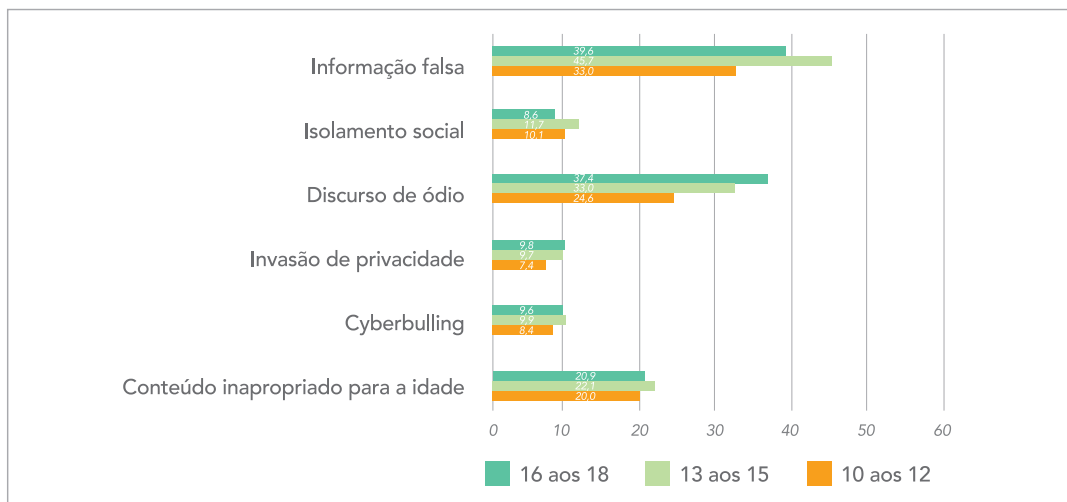
Em média, apenas 15,6% das crianças e jovens é que reportaram terem estado expostos a riscos online. A percentagem é ligeiramente mais alta para os mais velhos – 16,8% para os jovens dos 13 aos 15 anos e 16,3% para os jovens dos 16 aos 18 anos, ao passo que os mais jovens, dos 10 aos 12, são 13,7%.

No entanto, vejamos a correspondência entre algumas das preocupações dos pais, e os riscos a que as crianças reportam ter estado expostas.

Para os mais jovens, dos 10 aos 12 anos, o risco mais referido foi a exposição a informação falsa, por 33% das crianças, seguido do discurso de ódio, por 24,6% das crianças, e de exposição a conteúdo inapropriado para a sua idade, por 20% das crianças. Entre os 13 e os 15 anos, mantém-se o mesmo panorama, mas a exposição a informação falsa é mais frequente, tendo acontecido a 45,7% dos jovens, assim como o contacto com discurso de ódio, a 33% dos jovens. Entre os mais velhos, a exposição a informação falsa e a discurso de ódio tem percentagens próximas – 39,6% e 37,4% respetivamente.

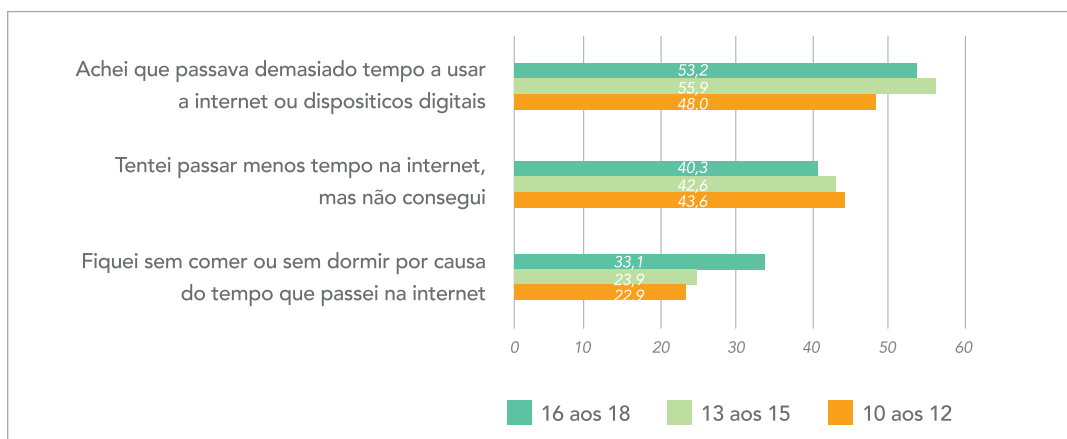
A invasão da privacidade e o cyberbullying, que são as maiores preocupações dos pais (sendo que não inquirimos as crianças e jovens sobre exposição a abusos sexuais), tiveram baixa incidência nas crianças e jovens – 9% e 9,3% respetivamente.

Figura 65. Riscos online as que as crianças e jovens estiveram expostos durante o período de confinamento, por faixa etária (em percentagem).



Relativamente ao uso excessivo, que também é uma preocupação dos pais, os jovens dos 13 aos 15 são os que mais declaram ter passado tempo que consideraram excessivo a usar tecnologias digitais – 55,9%. Entre os mais pequenos, dos 10 aos 12 anos, são 43,6% os que declaram ter tentado passar menos tempo online, sem sucesso. Por fim, entre os mais velhos, dos 16 aos 18 anos, são 33,1% os que reportam uma maior incidência de abdicarem de outras práticas essenciais, como comer ou dormir, em favor de atividades digitais.

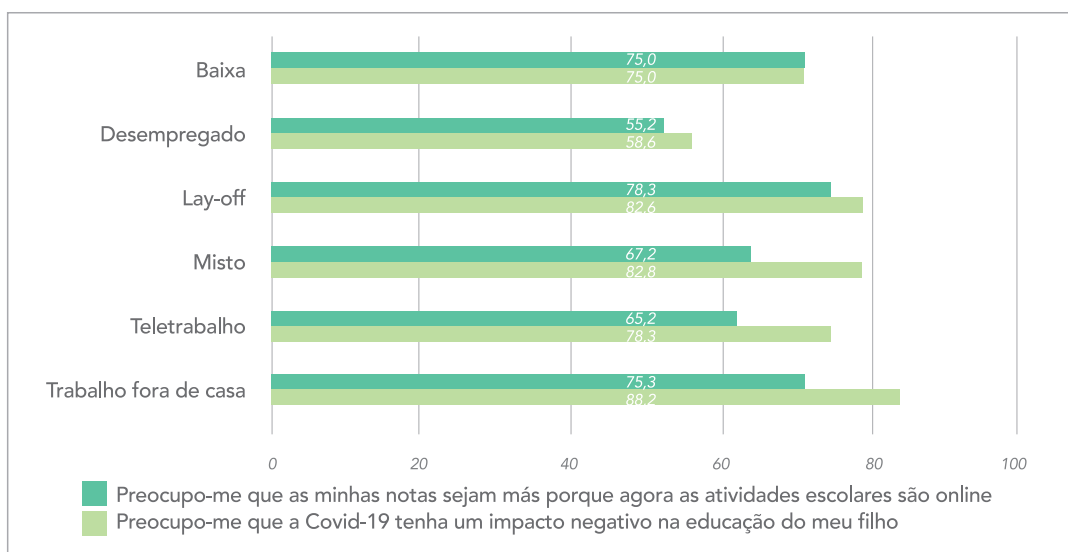
Figura 66. Percentagem de crianças e jovens que reportaram comportamentos indicativos de vício ou uso excessivo de tecnologias digitais como sendo mais frequentes durante o período de confinamento, por faixa etária.



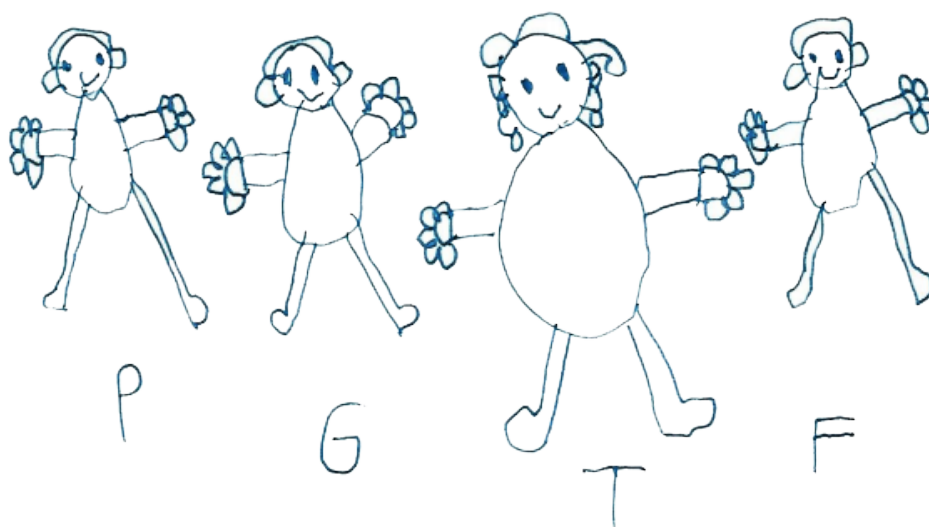
Por fim, a nossa última pergunta aborda a perceção das crianças e jovens sobre o impacto futuro deste período de confinamento - PI5. Que impacto podem ter as mudanças que ocorreram no período de confinamento no futuro? A maior preocupação está relacionada com o Ensino a Distância. São 78,4% os pais que se declaram preocupados com o impacto da Covid-19 na Educação dos filhos, e são 68,2% as crianças que estão preocupadas com a possibilidade de terem más notas devido a estarem no regime de Ensino a Distância. Por faixa etária, observamos que os mais preocupados são os mais velhos, dos 16 aos 18 anos (54% estão preocupados), seguidos dos mais novos, dos 10 aos 12 anos (40,2% estão preocupados).

A Figura 67 compara as percepções dos pais e das crianças e jovens sobre o seu desempenho escolar cruzado com a ocupação dos pais. Observamos que, em geral, a preocupação dos pais é superior à das crianças e jovens. Além disso, é superior para os pais que trabalham fora de casa, bem como para os seus filhos - 88,2% e 75,3%, respetivamente. Os pais em regime misto e em teletrabalho também apresentam preocupação elevada. A preocupação é menor entre os pais e respetivos filhos que estão desempregados – 58,6% e 55,2%, respetivamente, possivelmente porque os pais terão mais tempo para acompanhar os filhos. No entanto, a mesma tendência não se verifica relativamente aos pais em lay-off ou de baixa.

Figura 67. Comparação da percentagem de pais (a azul) e de crianças e jovens (a laranja) que revelam preocupação com o desempenho escolar em regime de Ensino a Distância, por ocupação dos pais.



3.2 ENTREVISTAS



3.2. ENTREVISTAS

3.2.1. RETRATOS DAS FAMÍLIAS

3.2.1.1. FAMÍLIA 1

“Adorava levar o meu tablet para a escola todos os dias!”

André, 9 anos (PT1b9)

A família PT1 vive na Área Metropolitana de Lisboa, capital de Portugal, numa zona urbana altamente populosa. A família é composta pelo pai, Paulo (PT1f43), pela mãe, Francisca (PT1m42) e pelos filhos Alexandra, de 13 anos (PT1g13), e André, de 9 anos (PT1b9). Os entrevistados foram a mãe e o André. A entrevista ocorreu online, no dia 11 de junho de 2020.

A família PT1 mora num apartamento com varanda. Cada uma das crianças tem o seu próprio quarto. O pai trabalha na Marinha Portuguesa e a mãe é dona de casa. A irmã mais velha está no 7º ano e o irmão mais novo no 3º ano. Os irmãos frequentam uma escola pública.

Quanto às tecnologias digitais no lar, as mesmas já estavam presentes antes do confinamento. A Francisca tem seu próprio smartphone. Ela também tem um tablet, mas agora usa mais o smartphone, pois é o André que usa o tablet, principalmente para jogar jogos como Minecraft, Roblox e Fortnite, e para ver vídeos no YouTube. O André também usa um smartphone antigo da mãe, sem cartão SIM, para as mesmas atividades. Havia um computador portátil em casa que só os pais usavam para trabalhar ou fazer pesquisas.

As principais mudanças ocorridas em casa desta família, durante o confinamento, deveram-se à necessidade de as crianças estudarem em casa. A Francisca tem mais aulas online, por isso ela passou a usar o computador portátil. A mãe conseguiu arranjar um computador fixo antigo que estava estragado, e o André usou-o para as aulas online, pois distraía-se facilmente sem supervisão se estivesse a usar o tablet. O pai ficou em confinamento com a família cerca de um mês, mas estava fora em trabalho há cerca de um mês quando realizámos a entrevista.

O André contou-nos as rotinas do seu dia a dia: o professor enviava-lhe um plano de trabalho semanal e as manhãs eram dedicadas a aulas online, três vezes por semana, e a trabalhos escolares. À tarde, ele continuava os trabalhos escolares, e só tinha permissão para jogar depois de concluir as suas tarefas do dia. No entanto, ele jogava no tablet quando deveria estar a fazer os trabalhos da escola, quando a mãe não o estava a supervisionar. Ele estava muito entusiasmado com o Roblox, o seu jogo favorito na altura da entrevista. Também nos falou um pouco sobre alguns YouTubers que gostava de seguir, a maioria deles fazia vídeos sobre jogos como o Roblox e o Minecraft. Ele

descreveu também novas aprendizagens relacionadas com o uso de tecnologias digitais, particularmente relacionadas com atividades escolares, como o uso do Zoom, da Google Classroom e do Microsoft Word. O pai teve que ensinar nas duas primeiras semanas, mas agora ele é autónomo nessas tarefas. O André refere-nos que não gosta de estudar nem de fazer trabalhos escolares, por isso a Francisca tem de supervisionar, não porque precise de ajuda, mas para garantir que faz o trabalho. Ele não nos descreveu nenhuma experiência online que considerasse negativa.

Mãe e filho concordam que ele passou a usar o tablet durante mais tempo durante o confinamento. A Francisca reclama que às vezes se oferece para andar de bicicleta com ele, mas ele prefere ficar em casa e brincar com o tablet. A principal regra descrita é brincar com o tablet depois dos trabalhos da escola, mas o André está sempre a tentar quebrar essa regra.

Segundo a Francisca, o maior desafio tem sido lidar com o filho, já que o marido está fora, pois ele está a agir de forma mais rebelde e com saudades do pai. Ela comenta que acha o André mais agressivo, mas não tem certeza se é pelo confinamento, pela ausência do pai ou por jogar muito no tablet. Talvez todas as opções acima, diz-nos a mãe.

Em relação à escola e à aprendizagem, Francisca acredita que as crianças estão um pouco sobrecarregadas com as tarefas escolares, principalmente a filha mais velha. Ela também se esforça por ajudá-los quando eles têm dificuldades e às vezes assiste às aulas online da Alexandra para entender melhor o conteúdo e ajudar a sua filha, se necessário. É também de opinião que a aprendizagem não é tão consolidada quanto a realizada presencialmente; ela observa como os seus filhos se apressam em terminar as tarefas para ficarem livres para fazer as atividades de que gostam, e então têm dificuldade em lembrar-se dos conteúdos que estudaram.

André e Francisca falam sobre a falta de amigos e familiares, mas moram longe dos avós e outros parentes, por isso estão habituados à distância. Eles partilham a opinião de que as tecnologias digitais têm sido muito úteis para os ajudar a lidar com o confinamento, mas gostariam de voltar às suas rotinas anteriores quando a pandemia terminar.

3.2.1.2. FAMÍLIA 2

“Durante o confinamento, o que mais gostava de fazer era de ver os meus amigos no Zoom!”

Filipe, 6 anos (PT2b6)

A família PT2 vive na Área Metropolitana de Lisboa, capital de Portugal, numa zona urbana altamente populosa. É composta pelo pai, José, (PT2f44), pela mãe, Teresa (PT2m43), e pelos filhos João, de 11 anos (PT2b11) e Filipe, de 6 anos (PT2b6). Os entrevistados foram o pai e Filipe. A entrevista ocorreu online, no dia 21 de junho de 2020.

A família PT2 mora numa casa com jardim. Cada uma das crianças tem o seu próprio quarto. O pai é piloto e a mãe é engenheira civil. O pai foi colocado em lay-off quando o confinamento começou, e a mãe continuou a trabalhar fora de casa até ao momento da entrevista. O irmão mais velho frequenta o 6º ano e o irmão mais novo frequenta o Pré-escolar. Os meninos frequentam uma escola particular.

Quanto às tecnologias digitais no lar, já estavam presentes. Ambos os pais têm smartphones, computadores portáteis e tablets para o trabalho. O filho mais velho tem o seu próprio computador no seu quarto e uma PlayStation. Ele também tem o seu smartphone pessoal. O irmão mais novo tem seu tablet pessoal, que usa para jogar vários jogos e ver desenhos animados no YouTube.

Não foi muito difícil para esta família adaptar-se ao confinamento. O pai estava em lay-off, e podia dedicar-se a auxiliar os filhos nas atividades escolares, ao mesmo tempo que cuidava de algumas tarefas domésticas. O irmão mais velho, João, já estava habituado a trabalhar com a Google Classroom e rapidamente aprendeu a usar o Zoom nas suas aulas online. Ele frequenta uma escola particular, que em geral seguia o mesmo horário, mas com aulas de Zoom ao invés de presenciais. Ele tinha uma carga de trabalho considerável, com aulas online das 9h00 às 13h00 e das 14h00 às 16h00. De seguida, tinha de fazer os trabalhos de casa. O irmão mais novo, Filipe, estava a frequentar o último ano do Pré-escolar. Ele também tinha uma sessão síncrona de cerca de uma hora pela manhã, todos os dias da semana, para a qual usava o seu tablet, e depois várias atividades sugeridas, como atividade física, arte e contar histórias.

O Filipe foi um pouco tímido ao falar da experiência. Ele disse que gostava de ver os seus amigos online, mas não estava muito entusiasmado. O pai preencheu as lacunas mais tarde na entrevista e classificou essa experiência como negativa. Filipe não contou aos pais porquê, talvez nem ele perceba bem, mas não gostava das sessões Zoom e pedia ao pai para estar ao seu lado. Ele não estava confiante sobre o modo como é retratado no vídeo e fica frustrado porque há pouco tempo ou oportunidade para ele participar nessas sessões. Para José, estas sessões são uma perda de tempo e uma estratégia que a escola privada encontrou para justificar que os pais continuem a pagar a totalidade da mensalidade. Quanto ao filho mais velho, ele está satisfeito com o desempenho da escola, com a transição para as aulas online, e considera adequados a carga horária e o apoio oferecido. Para ele, também não fazem sentido as sessões online de Filipe, assim como muitas das atividades solicitadas. Algumas atividades exigem materiais que são difíceis de comprar ou encontrar durante o confinamento e ele recusa-se a fazer algumas das atividades. Ele considera este trabalho uma sobrecarga para os pais, pois os filhos dessa idade não são autónomos, pelo menos para cumprir tarefas tão complexas.

O Filipe passa a maior parte das tardes livre e mantém-se entretido a brincar com os seus brinquedos e a ver desenhos animados. O irmão está ocupado com a escola e, portanto,

indisponível para brincar com ele. Ele gosta de explorar universos fictícios, por exemplo, o dos Vingadores; vê desenhos animados e brinca com os brinquedos ao mesmo tempo. Ele também gosta muito de Lego e Nerfs.

José tenta sair com os filhos para passear ou andar de bicicleta, mas tem que esperar até ao final da tarde, quando o filho mais velho acaba os trabalhos escolares do dia. Ele acha difícil manter o Filipe entretido e feliz durante o dia.

O Filipe não tem usado muito mais as tecnologias digitais do que costumava, porque ainda brinca muito com brinquedos. José diz que talvez passe mais tempo a ver TV ou desenhos animados no tablet, mas não é significativo. Filipe também diz que não aprendeu nada de novo. O pai configura-lhe o Zoom e ele ainda não sabe ler ou escrever, por isso não usa o chat. Ele não descobriu nenhum jogo novo de que goste e já sabia como usar o YouTube. Também não tem nenhuma experiência negativa com as tecnologias digitais para relatar.

O principal desafio desta família tem sido o distanciamento dos avós. Eles costumavam encontrar-se com os avós com frequência, pois todos moram perto. Filipe costumava ficar com os avós e dormir na casa deles, quando ambos os pais tinham de trabalhar. Para ele, usar o FaceTime ou o WhatsApp para falar com eles só o deixa “um pouco feliz” porque consegue vê-los, mas isso faz com que sintam mais falta deles. Os pais tentam ajudar o filho a lidar com essas emoções, e às vezes vão até à porta dos avós para que Filipe possa vê-los pessoalmente e acenar à distância.

O Filipe está informado sobre a Covid-19. Os seus pais explicaram-lhe que não podem estar com os avós para protegê-los de adoecer, e ele descreve nas suas próprias palavras que deve lavar as mãos com frequência e proteger os avós.

Na opinião de José, o confinamento tornou evidente a importância das tecnologias digitais para trabalhar, aprender e comunicar. É de opinião que ficar em casa com os filhos, em “cativeiro”, é stressante, e sente que isso está a desgastar a família. Teresa também está muito cansada, porque está a trabalhar mais horas do que o normal. José acredita que é preferível desconfinar com cuidado e incorrer em algum risco do que ficar em confinamento, pois sente que também existem riscos para o bem-estar emocional e mental. Foi assim que os pais decidiram que o Filipe voltaria ao Pré-escolar quando esta reabrisse a 1 de julho. Eles temem o contágio, mas sentem que Filipe está cada vez mais infeliz em casa.

3.2.1.3. FAMÍLIA 3

“Eu gostava que tudo voltasse a ser como era antes! As videochamadas não são suficientes, tenho saudades dos meus amigos!”

Sara, 10 anos (PT3g10)

A família PT3 vive na Área Metropolitana de Lisboa, capital de Portugal, numa zona urbana altamente populosa. Os membros da família são o pai, Rafael (PT3f28), a mãe, Rita (PT3m28) e as filhas Sara, de 10 anos (PT3g10), e Isabel, de 3 anos (PT3g3). As entrevistadas foram a mãe e Sara. A entrevista ocorreu online, no dia 19 de junho de 2020.

A família PT3 mora num apartamento com varanda. O pai trabalha como motorista de Uber e a mãe trabalha como caixa de supermercado. Os dois trabalharam fora de casa durante o período de confinamento e foi necessário gerir os diferentes turnos. A filha mais velha frequenta o 5º ano e a mais nova está no Pré-escolar. As duas irmãs partilham o mesmo quarto.

Quanto às tecnologias digitais no lar, já estavam presentes. A Sara tem o seu próprio smartphone, que usa muito para jogar, comunicar com os amigos, ver vídeos no YouTube, e também gosta muito do Tik Tok. Havia um computador portátil em casa, partilhado pela família. A irmã mais nova tem seu próprio tablet e gosta de ver desenhos animados e vídeos de música no YouTube.

Durante o confinamento, houve algumas mudanças em casa, e foram um pouco exigentes com a Sara. Rita costumava contar muito com a ajuda da mãe para cuidar das filhas, pois ela trabalha por turnos. Com o confinamento, a situação dificultou-se, pois a avó já não podia vir à sua casa. Quando Rafael e Rita têm que trabalhar fora de casa ao mesmo tempo, a avó ainda vem cuidar das meninas, mas elas têm medo de a contagiar. Então, às vezes, os pais deixam as meninas sozinhas, se não for por longos períodos. Nessas horas, Sara fica encarregada da sua irmã mais nova. Ela mantém contato frequente com a mãe pelo WhatsApp, conversam sobre orientações práticas como por exemplo aquecer a comida, Sara envia fotos para a mãe para garantir que está tudo bem e elas também se envolvem em conversas mais lúdicas, como simplesmente trocar emojis.

Sara conta-nos sobre o seu dia, de forma alegre. Ela acorda e dedica-se aos trabalhos da escola. Ela mostra-nos uma planificação, redigida à mão e afixada na parede do seu quarto, com as aulas online e os links do Zoom. Ela diz que geralmente deixa a irmã dormir um pouco mais para que ela possa fazer os trabalhos da escola. Quando a irmã acorda, ela ajuda-a a comer e a vestir-se. Quando Sara tem aulas online, ela usa o computador portátil na sala e deixa Isabel no quarto entretida a brincar com o tablet. Quando Sara tem tempo livre, ela brinca com Isabel e os seus brinquedos. Às vezes ela fica entediada por a brincadeira ser tão infantil, mas a mãe pediu que ela se certificasse de que as duas não passassem muito tempo online, por isso a Sara tenta manter a irmã entretida. Outras vezes brigam, ou Isabel irrita a Sara, e o smartphone é um refúgio para a irmã mais velha.

O smartphone também é a sua principal ligação com os amigos. Eles conversam no

WhatsApp e “seguem-se” no Tik Tok. Eles publicam vídeos das mesmas coreografias, “seguem” os mesmos Tik Tokers e gostam de fazer parte desta comunidade. Sara explica que o seu Tik Tok é privado e ela só pode conectar-se com pessoas que conheceu pessoalmente. A mãe conversou com ela sobre os perigos de se envolver online com estranhos, e por isso ela certifica-se de que conhece a pessoa antes de a aceitar como seguidor.

Sara achou fácil aprender a usar o Zoom e a Google Classroom. Ela gosta de estudar e tenta ser uma boa aluna, mas acha difícil acompanhar as aulas online. Ela fica aborrecida, ou distrai-se com a irmã, e também interage muito com as amigas no chat do Zoom. Ela sente falta de estar presencialmente com seus amigos.

Quando Rita não está a trabalhar, ela ajuda Sara com as suas dúvidas nos trabalhos escolares, e cuida de Isabel para que Sara fique um pouco sozinha. Às vezes, fazem pequenas caminhadas juntas, pois as crianças estão cansadas de estar confinadas.

A perspectiva de Rita sobre tecnologias digitais é, por norma, positiva. Ela também é uma utilizadora muito ativa de redes sociais, publicando com frequência no Facebook e no Instagram. Ela acredita que as redes sociais são muito importantes para manter o contato com as pessoas, e o confinamento reforçou essa visão. Ela está ciente dos riscos online, mas acredita que é melhor informar Sara sobre eles, deixá-la experimentar o mundo online, mesmo que cometa erros, e apoiá-la.

Quando questionada sobre experiências negativas, Sara disse que às vezes recebe mensagens no WhatsApp de que não gosta, de outras crianças, geralmente colegas da turma, mas ignora-as ou, se tal acontecer com frequência, bloqueia-as.

Para Sara e Rita, as tecnologias digitais foram indispensáveis durante o período de confinamento, e desempenham um papel muito importante para que se sintam próximas e seguras, sobretudo quando Rita esteja a trabalhar e Sara e Isabel estão em casa. A tecnologias digitais também são fundamentais para que Sara continue a aprender e para que se mantenham ligados aos seus amigos e familiares.

Sara diz que gostaria de poder usar o seu smartphone ou computador na escola, mas gostaria de voltar para a escola e para estar com os amigos. Rita acha que é uma situação muito desanimadora para as crianças não poderem sair de casa, principalmente para as que moram num apartamento pequeno, e deseja que o desconfinamento corra bem e que a pandemia seja superada rapidamente.

3.2.1.4. FAMÍLIA 4

“Estou a ver um vídeo e são 22h. Depois vejo outro e são 23h. Começo a ver outro e quando dou por mim já é 1h da manhã e ainda estou acordado. Não consigo parar de

ver vídeos! [risos]”

Miguel, 8 anos (PT4b8)

A família PT4 vive na Área Metropolitana de Lisboa, capital de Portugal, numa zona urbana altamente populosa. É composta pelo pai, Manuel (PT4f43), pela mãe, Clara (PT4m43), e pelos filhos António, de 13 anos (PT4b13) e Miguel, de 8 anos (PT4b8). Os entrevistados são a mãe e Miguel. A entrevista ocorreu online, no dia 20 de junho de 2020.

A Família PT4 mora num apartamento com varanda. Os dois irmãos dividem o quarto. O pai é engenheiro mecânico e a mãe é engenheira do ambiente. O pai está em teletrabalho desde o início do confinamento e a mãe continuou a trabalhar fora de casa até ao momento da entrevista. O irmão mais velho está no 7º ano e o irmão mais novo no 3º ano. Antes da pandemia, a família costumava praticar várias atividades ao ar livre em conjunto, como caminhadas, canoagem e BTT. O irmão mais velho competia em BTT e treinava 6 vezes por semana.

Quanto às tecnologias digitais no lar, já estavam presentes. António, o irmão mais velho, tem o seu próprio smartphone. Miguel ainda não tem smartphone, mas tem o seu próprio tablet. Ambos gostam de videojogos e possuem diferentes consolas: PlayStation, Nintendo Switch e Nintendo Wii. Cada um dos pais tem um computador portátil do trabalho e há ainda outro computador portátil que é partilhado pela família em casa. O António já usava este último para os trabalhos escolares quando necessário.

O principal desafio em casa, durante o confinamento, foi conciliar as tarefas e necessidades de cada um num espaço pequeno. O pai trabalhava remotamente e os dois filhos estudavam em casa e tinham aulas online. Era difícil para todos estarem em atividades online ao mesmo tempo. Assim, criaram três espaços de trabalho: o pai trabalhava na cozinha com o seu portátil do trabalho, o António estudava no quarto dos rapazes com o portátil da família e o Miguel estudava na sala - porque era mais perto da cozinha e mais fácil para o pai o apoiar quando necessário, visto que o António era totalmente autónomo - usando o seu tablet.

Miguel conta-nos sobre a sua rotina diária. O pai acorda-o cedo para que ele comece a fazer os trabalhos escolares - ele recebe um plano semanal do seu professor - mas muitas vezes fica com sono porque fica acordado até tarde a ver vídeos no YouTube, sozinho ou com o irmão. Durante a tarde, ele tem aulas online no Zoom três vezes por semana e sessões de terapia da fala pelo Skype duas vezes por semana. Para os trabalhos da escola, ele usa livros e cadernos, tira fotos e envia através da Google Classroom. Após as sessões síncronas, e se ele terminar as tarefas escolares do dia pela manhã, ele pode jogar. A sua atividade preferida é jogar jogos online na PlayStation ou no tablet. Esta atividade é importante para ele não apenas porque os jogos o divertem, mas principalmente porque se mantém em contato com os seus colegas e amigos quando jogam online. Ele também

vê tutoriais de jogos no YouTube e segue entusiasticamente YouTubers que são gamers.

Ele fala com orgulho do quanto aprendeu no período do confinamento. O pai ensinou-o a usar o Zoom e a Google Classroom para a escola e o Skype para a terapia da fala. O irmão ensinou-lhe a jogar online com os amigos, como usar o chat e dicas para jogar melhor. Durante as aulas online, ele confessa que usava o chat para conversar com os colegas, e a professora acabou por bloquear o chat, porque eles estavam distraídos. Quando questionado sobre experiências negativas com tecnologias digitais, Miguel não tem nada a referir, exceto que não gosta de anúncios antes dos vídeos do YouTube nem de pop-ups que interrompem os jogos.

A casa desta família é gerida com bastante permissividade, o pai tem dificuldade em gerir o seu trabalho, as tarefas domésticas e apoiar os filhos nos estudos. Eles seguem a planificação das aulas online e a mãe costuma supervisionar os trabalhos escolares quando chega do trabalho, à noite.

Mãe e filho concordam que os filhos estão mais tempo online, mas eles consideram isso uma fase transitória e olham para as tecnologias digitais como último recurso, pois não é possível irem para o exterior praticar desporto como costumavam fazer. Miguel conta que sente muita falta de estar ao ar livre com a família. Miguel afirma ainda que sente falta da mãe e gostaria que ela ficasse em casa com o resto da família.

Clara refere que os irmãos são mais implicativos e agressivos um com o outro, e ela acredita que isso seja consequência de serem forçados a ficar muito tempo juntos num apartamento pequeno.

No que diz respeito à perspetiva dos pais sobre as tecnologias digitais, eles consideram-nas como ferramentas vantajosas e muitas vezes envolvem-se com os seus filhos em atividades digitais como uma estratégia para ensiná-los a usar esses dispositivos e como se acautelarem de riscos e, eventualmente, lidar com eles. Eles acreditam que o uso excessivo é negativo e são da opinião que envolver as crianças em atividades ao ar livre é uma ótima estratégia para controlar esse uso. Se as crianças tiverem outras atividades mais aliciantes, as atividades digitais passam para segundo plano. Eles estão confiantes de que o tempo de utilização de tecnologias voltará ao normal quando o confinamento terminar.

Miguel gostava de voltar a fazer algumas das atividades que fazia. Ele diz que gostava de ir à escola e brincar com os amigos alguns dias da semana, mas também gostava de ficar em casa e estudar com o pai nos outros dias. Para Clara, a pandemia é uma oportunidade para repensar muitos assuntos e destaca as questões ambientais. O teletrabalho reduz as deslocações e a família também mudou um pouco os hábitos de consumo. Mesmo a trabalhar fora de casa, ela passou a usar mais as ferramentas para videoconferência para se reunir com clientes e colegas, e tem sido uma experiência positiva, assume que está

mais produtiva e sente-se mais próxima dos colegas de trabalho.

3.2.1.5. FAMÍLIA 5

“Eu gosto e não gosto do Zoom. É bom falar com os meus amigos, mas não posso brincar com eles...”

Ana, 10 anos (PT5g10)

A família PT5 reside na área metropolitana de Lisboa, a capital de Portugal, numa zona densamente populosa. É composta pelo pai, Artur (PT5f46), pela mãe Iolanda (PT5m41), e pelos filhos Matilde, de 11 anos (PT5g11), Ana, de 10 anos (PT5g10), Bernardo, de 6 anos (PT5b6) e Mateus, de 1 ano (PT5b1). As entrevistadas são a mãe e Ana. A entrevista ocorreu online, no dia 12 de junho de 2020.

A Família PT5 mora num apartamento com varanda. As duas irmãs mais velhas dividem o quarto e os dois irmãos mais novos partilham outro quarto. O pai é economista e gere diversos investimentos em Portugal e em Angola. Ele tem trabalhado remotamente desde o início do confinamento. A mãe é dona de casa, mas frequentemente trabalha em empregos temporários como planeamento de eventos e organização doméstica. A Matilde frequenta o 5º ano, a Ana o 4º ano, o Bernardo o 1º ano e o Mateus está na creche. As crianças frequentam escolas de tipologia particular que seguem um ensino diferenciado, ou seja, as meninas frequentam uma escola e os meninos outra.

Quanto às tecnologias digitais no lar, já estavam presentes antes do confinamento. Os pais têm smartphones e computadores portáteis para o trabalho. As crianças têm um tablet que partilham e uma smart TV que usam muito para ver vídeos de música e desenhos animados no YouTube. Embora a maioria dos amigos da Matilde já tenha um smartphone, os pais ainda não permitiram que ela tivesse um, principalmente para preveni-la de utilizar redes sociais. Quando os irmãos mais velhos precisam de usar um computador para fazer tarefas escolares, costumam usar o portátil da mãe.

O principal desafio em casa, durante o confinamento, foi conciliar as tarefas e necessidades de cada num espaço pequeno. O pai trabalhava remotamente e três dos filhos estudavam em casa e tinham aulas online. Para uma família grande, não foi uma tarefa fácil. Iolanda conta-nos que eles passaram as primeiras duas semanas de confinamento simplesmente a organizarem-se. Em primeiro lugar, eles não tinham dispositivos suficientes para todos os membros da família usarem. Os pais deram os seus computadores portáteis às filhas mais velhas, e Bernardo usava o tablet, enquanto o pai trabalhava apenas com o seu smartphone. Em pouco tempo, o pai verificou que esta estratégia estava a prejudicar o seu trabalho, por isso decidiram mandar arranjar um computador portátil antigo que tinham, e estava avariado. Outro problema era a rede wi-fi em casa. Por exemplo, não chegava ao quarto do Bernardo, por isso ele teve de alterar o seu local de estudo e ir para o “quarto dos brinquedos” - o que foi bastante desafiador, já que ele se distraía

com frequência. A convivência na mesma sala também foi um desafio. O pai refugiou-se na cozinha, pois não conseguia concentrar-se na sala. As duas irmãs não puderam assistir às aulas online simultaneamente no seu quarto, então a Matilde ficou no quarto e a Ana mudou-se para a sala. A mãe tentava dar resposta às tarefas domésticas, cuidar do bebé e apoiar os outros filhos nas suas tarefas - enquanto incomodava o menos possível o pai. No momento da entrevista, a família já tinha conseguido encontrar novas rotinas e o bebé já tinha voltado para a creche.

Ana falou-nos da sua rotina diária. A escola dela mantém o mesmo horário que faziam presencialmente: tem aulas online das 9h00 às 13h00 e das 14h00 às 16h00. Depois disso, ainda tem os trabalhos de casa. Ela descreve com entusiasmo algumas atividades escolares que considera mais criativas, como a educação física e o teatro. A mãe ajudou-a a aprender a usar o Zoom, e ela também usa o WhatsApp para pedir ajuda aos professores. Iolanda incentiva-a a pedir ajuda aos professores, pois ela sente-se muito sobrecarregada. Ana partilha conosco que não gosta de aulas online e sente muito a falta dos amigos. Ela usa o chat do Zoom para conversar com eles, mas quando lhe perguntamos sobre experiências negativas com tecnologias digitais ela relata que alguns amigos são maus entre si nas conversas mediadas por chat, e isso deixa-a triste.

A gestão de uma casa com tantas pessoas requer algumas regras. Os filhos são têm que participar nas tarefas domésticas, como por exemplo pôr a mesa e fazer a cama. Além disso, depois de terminarem os trabalhos escolares, as tecnologias digitais são desligadas, pois os pais sentem que eles já passam bastante tempo à frente de um ecrã. À noite, as crianças brincam juntas com brinquedos e jogos de tabuleiro. Ana conta que costuma ficar cansada e prefere ver TV.

Iolanda concorda que Ana passa mais tempo online do que antes, mas para fins escolares. Para se divertir, ela gosta de ver vídeos musicais no YouTube e dançar com a irmã. As irmãs têm pedido aos pais que subscrevam a Netflix, mas os pais não o fizeram, pois preferem direcioná-los para atividades que não sejam digitais ou associadas a ecrãs.

Iolanda conta-nos que todos os seus filhos estão a reagir de maneira diferente ao confinamento. Ana é muito sociável e sente muito a falta dos amigos, por isso está cada vez mais fechada e triste. Iolanda está preocupada com ela. Quando questionada se há algo positivo nas mudanças devido à pandemia, Ana afirma veementemente que só quer que tudo volte a ser como era.

A perspetiva dos pais sobre as tecnologias digitais é mista. Reconhecem a utilidade dessas ferramentas para lidar com uma situação como o confinamento, mas temem as consequências do seu uso excessivo e acreditam que a interação social face a face é muito importante para o bem-estar das crianças. Por serem uma família numerosa, muitas vezes têm dificuldades com a organização e horários, e a Iolanda acha positivo que a sala de aula esteja “apenas a um clique de distância”, pois as crianças conseguem

dormir mais e descansar melhor porque não perdem tanto tempo em deslocações. No que diz respeito às suas próprias experiências, acreditam que o teletrabalho tem muito potencial, mas sem os filhos em casa. Para Artur, que viaja com frequência entre Lisboa e Luanda, é ótimo poder ficar mais tempo em casa, perto da família. Com a ajuda da esposa, ele consegue “refugiar-se” na cozinha e trabalhar, apesar de compreender que esta situação é muito difícil para Iolanda.

A mãe sente que a escola das crianças não estava preparada para a transição para o ambiente digital, pois raramente utilizavam as tecnologias digitais. E ela também sente que as crianças estão sobrecarregadas e cansadas. Às vezes, ela prioriza as tarefas escolares e algumas simplesmente não são concluídas.

Ela está muito preocupada com o facto de as crianças não estarem realmente a aprender como deveriam e assume que elas precisam de mais apoio dos adultos, no entanto, Iolanda faz o melhor que pode.

3.2.1.6. FAMÍLIA 6

“No início foi um pouco difícil usar o Microsoft Teams, mas depois habituei-me.”

Dinis, 12 anos (PT6b12)

A Família PT6 vive na área metropolitana de Lisboa, capital de Portugal, numa localidade densamente povoada. Os membros da família são a mãe, Sílvia (PT6m42) e o filho Dinis, de 12 anos (PTb12), tendo sido estes os entrevistados. A entrevista decorreu online, no dia 2 de julho de 2020.

A Família PT6 mora num apartamento, com varanda. A mãe é educadora de infância e está em teletrabalho desde o início do confinamento, até ao momento em que a entrevista decorreu manteve-se assim. O Dinis frequenta o 6º ano e costumava praticar futebol antes do confinamento.

No que diz respeito às tecnologias digitais no lar, Dinis já era um jogador entusiasta antes do confinamento. Sílvia diz que o PlayStation é “seu melhor amigo”. Antes do confinamento, Sílvia já tinha dificuldade para evitar que ele passasse muito tempo a jogar online. Além da PlayStation, Dinis tem o seu smartphone pessoal. Eles têm um tablet que deveria ser partilhado, mas Dinis usa-o mais do que Sílvia. A mãe tem seu próprio smartphone e um computador portátil para o trabalho.

Com a Sílvia a trabalhar a distância e o Dinis a estudar, o avô do Dinis emprestou-lhes outro portátil, porque o menino sentia dificuldade em fazer as suas tarefas apenas com o tablet. Assim, cada um ficou com um dispositivo diferente para trabalhar, o Dinis estudava na sala e a Sílvia trabalhava na cozinha.

Dinis contou-nos a sua rotina diária. Ele levantava-se de manhã e geralmente tinha aulas

síncronas online através do Microsoft Teams. O professor enviava-lhe um cronograma semanal, e através do Microsoft Teams, Dinis fazia as tarefas escolares e mantinha o contato com os professores.

Segundo Sílvia, Dinis não gosta de trabalhos escolares nem de estudar, e isso não mudou com a transição para o ensino online. Ele percebeu rapidamente que quanto mais cedo terminasse seus trabalhos escolares, mais tempo teria para jogar FIFA ou Fortnite na PlayStation, então o Dinis tenta fazer tudo muito rápido e frequentemente comete erros. Ele não está motivado para aprender, ele está focado em terminar as tarefas para se despachar e poder fazer o que realmente gosta.

Sílvia afirma que os seus colegas de trabalho têm sido compreensivos e flexíveis, e ela consegue conciliar muito bem o seu trabalho com ajudar Dinis nos trabalhos escolares. Ele aprendeu facilmente as competências digitais necessárias para estudar de forma autónoma, mas precisa de apoio para se manter focado e motivado.

O facto de Dinis ter tendência a passar muito tempo a jogar PlayStation e isso poder evoluir para um vício tem sido uma preocupação para Sílvia já há algum tempo. Por estar confinado em casa, há menos alternativas para entretê-lo. Sílvia obriga-o a passear ou andar de bicicleta com ela todos os dias, pois moram perto de um rio e podem desfrutar do ar livre. Às vezes, ele não quer ir porque está a jogar, mas ela obriga-o, a menos que o tempo não seja convidativo. Conta ainda que, no início do confinamento, tentou realizar atividades offline com Dinis, como jogar jogos de tabuleiro ou ver filmes, mas nenhum deles se divertia e tornou-se uma obrigação. Ela sentiu que isso era negativo e abandonou essa estratégia. Na altura da entrevista, Dinis já tinha recomeçado os treinos de futebol, e estava a preparar-se para sair de casa, o avô vinha buscá-lo e levá-lo. Ele está animado porque desta forma passa algum tempo com os amigos e pratica um desporto de que gosta muito, mesmo que haja novas regras e o distanciamento social deva ser respeitado.

Sendo apenas os dois, a regra principal é o diálogo. A Sílvia e o Dinis falaram sobre o facto de ele estar a passar mais tempo a utilizar a PlayStation, e ele explicou que é uma forma de se manter em contacto com os amigos.

Como mãe, e também como Educadora de Infância, Sílvia acredita que as tecnologias digitais têm potencial para serem benéficas se usadas de forma correta e responsável. Mas o seu filho está muito tempo online e Sílvia tem receio que toda essa interação mediada resulte numa diminuição da empatia e competências sociais. Mãe e filho concordam que seria bom ter as tecnologias digitais mais integradas na escola, mas não gostariam de manter o modelo de ensino a distância.

3.2.1.7. FAMÍLIA 7

“As notícias sobre o vírus assustam-me.”

Henrique, 7 anos (PT7b7)

A Família PT7 reside na área metropolitana de Lisboa, a capital de Portugal, numa área densamente populosa. Os membros da família são a mãe, Mónica (PT6m36) e o filho Henrique, de 7 anos (PTb7), e são eles os entrevistados. A entrevista realizou-se online, no dia 20 de julho de 2020.

A Família PT7 mora num apartamento, com varanda. A mãe é professora de educação especial. Ela tem trabalhado remotamente desde o início do confinamento. Os pais são divorciados e decidiram que Henrique passaria todo o confinamento com a mãe. Henrique frequenta o 2º ano.

No que diz respeito às tecnologias digitais no lar, elas já estavam presentes antes do confinamento. Mónica tem um smartphone e um computador para trabalhar. Henrique tem o seu próprio tablet e quando Mónica precisou de um smartphone novo, deu ao filho o antigo sem cartão SIM. Ele só pode usá-lo fora de casa, para se entreter quando tem que esperar, por exemplo, por uma consulta médica ou num restaurante.

Henrique é bastante tímido, mas mesmo assim conta-nos sobre o seu dia a dia. Ele tem aulas online com o professor pela manhã e depois faz alguns trabalhos de casa. Durante a tarde, ele está livre para brincar. As suas atividades favoritas são ver TV e brincar com Lego.

Houve algumas mudanças na casa como resultado do confinamento obrigatório. Mónica achou que era melhor o Henrique usar um ecrã maior para as aulas online, então ela ligou o computador à TV. Como consequência, Henrique passa muito tempo a usar a TV para a escola e depois para ver os seus desenhos animados preferidos. Eles raramente saem de casa, então Henrique não tem permissão para usar o seu smartphone ou o da mãe, mas tem permissão para brincar com o tablet. Ele joga alguns jogos, mas principalmente vê os mesmos desenhos animados. Para lidar com o tédio, a família assinou a Netflix durante o confinamento, então Henrique assiste a canais de TV e a Netflix também.

Henrique conta como aprendeu a usar a Netflix e o Zoom, como se fosse algo fácil e óbvio. Por outro lado, Mónica fala com orgulho dessas conquistas, pois sente que o seu filho é bastante habilidoso digitalmente para sua idade. Ela também nos conta que estava a ficar com muito medo de ficar doente com Covid-19, então agora é muito cuidadosa e tenta não assistir ao noticiário com ele por perto.

Henrique diz que gosta das aulas online e conta-nos que participa nas aulas e interage com os colegas, mas não parece muito entusiasmado com isso. Ele afirma que gostaria de voltar para a escola.

Em relação às regras, havia diretrizes mais rígidas antes do confinamento. Ele só tinha permissão para ver TV durante o fim de semana. Agora ele vê mais, cerca de duas horas por dia, como forma de lidar com o aborrecimento. Mónica às vezes brinca com ele, com brinquedos, mas também está ocupada com o trabalho e os afazeres domésticos.

A visão de Mónica sobre tecnologias digitais é mista. Ela descreve vantagens, principalmente para estudar, e acredita que o desenvolvimento de competências digitais será importante para Henrique no futuro. No entanto, a mãe considera-o muito jovem para explorar o mundo online e prefere direcioná-lo para outras atividades, como ver TV e brincar com brinquedos.

Para eles, é bom poderem passar mais tempo juntos em casa, mas é difícil ignorar o facto de que o contexto geral é perigoso e incerto. Henrique revela alguma ansiedade e sente saudades de estar com outros familiares, principalmente a tia, que é irmã gémea de Mónica, e o primo de 2 anos. Mónica acredita que estão a enfrentar a situação de forma positiva, que o Henrique está a aprender e também psicologicamente bem, mas considera todas estas mudanças temporárias e acredita que a sua rotina voltará ao normal no início do novo ano letivo, em setembro.

3.2.1.8. FAMÍLIA 8

“Precisamos de melhorar a tecnologia da minha escola.”

Laura, 11 anos (PT8g11)

A Família PT8 vive na área metropolitana de Lisboa, a capital de Portugal, numa área com densa população. A família é composta pelo pai, Duarte (PT8f42), pela mãe, Alice (PT8m40), e pelos filhos Laura, de 11 anos (PT8g11), Rodrigo, de 8 anos (PT8b8), Margarida, de 4 anos (PT8g4), e Joana, de 2 anos (PT8g2). As entrevistadas foram a mãe e Laura. A entrevista realizou-se online no dia 12 de julho de 2020.

A Família PT8 mora num apartamento, com varanda. O pai é gerente de conta num banco e a mãe é dona de casa. O pai trabalha remotamente desde o início do confinamento. Laura é a mais velha de 4 irmãos. Laura tem 11 anos e frequenta o 5º ano, Rodrigo tem 8 anos e frequenta o 2º ano, Margarida tem 4 anos e frequenta o Pré-escolar, Joana tem 2 anos e fica em casa com a mãe.

No que diz respeito às tecnologias digitais no lar, elas já estavam presentes antes do confinamento. Os pais têm os seus smartphones e computadores portáteis. Eles também têm outro computador portátil que as crianças mais velhas partilham, quando necessário. Laura tinha recebido o seu primeiro smartphone no Natal, cerca de dois meses antes do confinamento.

Laura falou-nos um pouco da sua rotina diária. Ela tinha aulas online através do Microsoft

Teams todos os dias, a maioria durante a manhã. Ela não gostava muito de passar 5 a 6 horas por dia em frente ao computador apenas para fins escolares. Ela estava a habituar-se a ter várias disciplinas e sentia que todos os professores enviavam trabalhos de casa sem se organizarem. Laura gosta muito de usar o smartphone, mas quando terminava os trabalhos da escola ficava tão cansada de ecrãs que preferia brincar com os seus brinquedos. À noite, ela costumava conversar em grupo com os seus amigos através do Zoom ou do WhatsApp.

Segundo a sua mãe, as primeiras semanas de aulas foram um pouco desorganizadas e os professores estavam a experimentar plataformas diferentes. Laura precisava da sua ajuda para lidar com toda a informação e tarefas provenientes da escola. Depois da Páscoa, a escola adotou o Microsoft Teams, a carga de trabalho ficou mais estável e Laura ficou mais autónoma na gestão das novas ferramentas tecnológicas. Mesmo assim, Alice acredita que a escola se tornou uma rotina de tarefas que precisam de ser feitas, e observou que Laura perdeu a motivação para aprender.

No início do confinamento, Laura também usou muito o Tik Tok e gostava de gravar vídeos com os amigos de forma colaborativa, embora apesar de eles estarem distantes. Alice considerou essas atividades positivas, pois a filha estava a ser criativa e a desenvolver competências digitais, mas depois mudou de ideia. Ela descobriu que Laura mudou a sua conta de privada para pública com o intuito de obter mais seguidores e "gostos". A menina tinha cerca de 1200 seguidores. Alice achou que era perigoso para a filha estar ligada a tantos estranhos, eliminou a sua conta e proibiu-a de usar o Tik Tok até que ela fosse mais responsável. Laura diz que gostou muito de usar o Tik Tok e que agora está entediada, mas depois começou a usar o Pinterest e faz álbuns com imagens de que gosta.

Laura também nos conta sobre uma iniciativa interessante. Ela e alguns dos seus amigos organizaram um grupo de WhatsApp e decidiram fazer trabalhos artesanais em casa - pulseiras, colares - e vendê-los a familiares para obterem dinheiro que querem doar a instituições que ajudam a combater a Covid-19. Eles esperam poder vender mais artigos quando voltarem para a escola.

Mãe e filha disseram que gostavam de ficar em casa com a família, mas isso era algo que já faziam, pois Alice é dona de casa. Laura gostaria que o isolamento tivesse sido durante o inverno, pois ela gostaria de aproveitar mais o verão ao ar livre. Alice não vê vantagens em uma família ficar confinada no mesmo espaço por um longo período, principalmente no caso de uma família numerosa num pequeno apartamento. Ela esforçou-se por encontrar atividades que fossem atrativas para toda a família e percebeu que cada uma dos seus familiares precisava do seu próprio tempo e espaço.

Laura gostou de usar tecnologias digitais para fazer os trabalhos escolares e gostaria de continuar a fazê-lo. Ela refere que a sua escola necessita de atualizar os computadores.

No entanto, ela não gostava de estudar em casa e espera voltar para a escola no próximo ano letivo. Alice concorda que a adaptação da escola à situação poderia ter sido melhor e que muito tempo foi perdido a aprender a usar plataformas e softwares que as crianças não usarão novamente.

3.2.1.9. FAMÍLIA 9

“Eu estava muito aborrecida. Quando a minha mãe encontrou uma forma de eu falar com os meus amigos da escola, eu adorei!”

Patrícia, 6 anos (PT9g6)

A Família PT9 vive na área metropolitana de Lisboa, a capital de Portugal, numa área com elevada densidade populacional. Os membros da família são a mãe, Luísa (PT9m38) e as filhas Patrícia, de 6 anos (PT9g6) e Daniela, de 4 anos (PT9g4). A entrevista realizou-se no dia 16 de julho de 2020.

A Família PT9 mora num apartamento, com varanda. A mãe é gerente de marketing e ficou em lay-off no início do confinamento. Os pais são divorciados e decidiram que os filhos passariam este tempo de confinamento com a mãe. Patrícia é a mais velha, com 6 anos, e a irmã Daniela tem 4 anos. Ambas frequentam o Pré-escolar.

No que diz respeito às tecnologias digitais no lar, elas já estavam presentes antes do confinamento. No entanto, eles não eram acessíveis a Patrícia, ela ainda não tinha os seus dispositivos digitais pessoais e raramente tinha permissão para usar os smartphones dos pais.

Patrícia começou a usar o smartphone da mãe durante o confinamento. Luísa explica que não usou nas primeiras semanas, mas depois as duas ficaram muito aborrecidas e cansadas das mesmas atividades - ver televisão, brincar com brinquedos, cozinhar - porque Luísa não estava a trabalhar e Patrícia tinha pouco contacto com o Jardim de Infância. Assim, a menina descobriu o smartphone e o online como um mundo de possibilidades infinitas.

Luísa envolveu-se em várias atividades online com a filha e tenta encaminhá-la para aquelas que considera mais pedagógicas ou enriquecedoras, sempre com o propósito de aprender algo, como, por exemplo, escrever palavras simples, falar inglês ou tocar piano.

Segundo Luísa, embora a Patrícia seja uma utilizadora recente, rapidamente se tornou autónoma. Ela ainda não sabe ler ou escrever, mas acha o smartphone intuitivo e fácil de usar.

Patrícia conta que começou a usar o Tik Tok durante o confinamento. Ela pode fazer os

seus próprios vídeos e publicá-los, e ela pede à mãe para se juntar a ela nas coreografias de dança para os vídeos.

Luísa também tinha um tablet, que entregou às filhas durante o confinamento. Patrícia e Daniela partilham o tablet e gostam de jogar e ver desenhos animados no YouTube. Quando querem usar o smartphone da mãe, precisam de pedir permissão. Por fim, Luísa decidiu dar a Patrícia um smartphone antigo que já não utilizava, sem cartão SIM, para que não pedisse constantemente o da mãe.

Apesar de considerar que o uso de dispositivos digitais tem sido uma experiência positiva para Patrícia durante o confinamento, Luísa prefere evitar que a filha os use em excesso, pelo que estabeleceu como regra que tem uma hora de utilização diária, normalmente à tarde. Quando a menina pede mais tempo, a mãe tira a bateria do antigo smartphone, e ela não pode mais usar naquele dia.

Depois da Páscoa, o Jardim de Infância da Patrícia começou a organizar alguns encontros síncronos usando o Zoom. A menina ficou muito entusiasmada e gostou muito dessas sessões, pois sentia falta dos amigos e teve a oportunidade de vê-los. No entanto, ela precisava da ajuda da mãe, pois nunca tinha usado computador, nem Zoom. Patrícia reclama que, ao tocar no ecrã do computador, nada acontece - não é touchscreen como está habituada nos smartphones e tablets. Luísa conta que a menina nunca aprendeu a inserir o código no Zoom e a utilizá-lo de forma autónoma, achava o computador complicado.

Luísa partilha connosco que a Patrícia frequentava anteriormente um psicólogo porque tinha dificuldade em conviver com outras crianças e teme que o confinamento tenha intensificado essas dificuldades. Ela percebeu que, nas poucas vezes em que saíam, ela não tinha apenas medo das pessoas, mas também dos animais, e preferia ficar em casa. Patrícia conta que sentia muita falta dos amigos do Jardim de Infância, então um grupo de mães criou um grupo no WhatsApp para algumas das crianças interagirem. Trocam emojis e fotos, e fizeram videochamadas, pois ainda não sabem ler e escrever. Quando foi realizada a entrevista, Patrícia já estava de volta ao Jardim de Infância há cerca de duas semanas, mas continua a usar o grupo do WhatsApp e a comunicar-se com os amigos quando eles não estão fisicamente juntos. Luísa considera que esta tem sido uma experiência muito positiva com a tecnologia, embora não substitua a interação face a face.

Luísa apresenta percepções ambíguas sobre as tecnologias digitais. Ela preocupa-se com o vício e a substituição da interação face a face, mas também acredita que é importante que as crianças desenvolvam competências digitais desde cedo, pois vão precisar delas na escola e mais tarde no trabalho. Ela explica que mudou um pouco de opinião, pois antes do confinamento proibia totalmente os filhos de usarem dispositivos digitais e tentava atrasar o máximo possível, e agora reconhece que elas têm muito potencial pedagógico,

além de serem altamente envolventes e atraentes para as crianças.

Para Luísa, o maior desafio durante o confinamento foi lidar com a incerteza sobre o futuro - quanto tempo duraria o bloqueio? - e o facto de que a Covid-19 é uma ameaça intangível - não é possível “ver” o vírus. Ela teve dificuldades em lidar com estes sentimentos, mesmo sendo adulta, e tentou ajudar as filhas nesse processo, mas partilha conosco que muitas vezes elas ficavam aborrecidas, frustradas e desanimadas. Patrícia continua a ser uma criança tímida, mas diz que está feliz por voltar ao Jardim de Infância porque pode brincar com os amigos.

3.2.1.10. FAMÍLIA 10

“Gosto de me vestir e de me arranjar de manhã, como se fosse mesmo para a escola. Sinto-me mais preparada para aprender.”

Madalena, 10 anos (PT10g10)

A Família PT10 vive na área metropolitana de Lisboa, a capital de Portugal, numa área com elevada densidade populacional. Os membros da família são o pai, Jorge (PT10f47), a mãe, Maria (PTm45), e os irmãos Catarina, de 21 anos (PTg21), Diogo, de 19 anos (PTb19), e Madalena, de 10 anos (PTg10). As entrevistadas foram a mãe e Madalena. A entrevista realizou-se no dia 19 de setembro de 2020.

A família PT10 mora num apartamento, com varanda. O pai é chef, foi colocado em lay-off no início da pandemia e depois ficou desempregado. A mãe é Educadora de Infância, foi colocada em lay-off durante o confinamento e voltou a trabalhar aquando da reabertura das creches, no dia 1 de junho. A irmã mais velha, Carolina, e o irmão, Diogo, são estudantes, e estão a preparar-se para os exames de candidatura ao Ensino Superior. Madalena frequenta o 4º ano. As duas meninas partilham o quarto.

No que diz respeito às tecnologias digitais no lar, elas já estavam presentes antes do confinamento. Os irmãos mais velhos têm os seus smartphones e computadores portáteis pessoais, que os pais também usam, se necessário, para o trabalho. A Madalena tem um smartphone que foi “herdado” dos irmãos, mas sem cartão SIM, é utilizado apenas para jogar.

A família usa tecnologias digitais, mas dá muita importância ao tempo que passam juntos, como família. A mãe apresentou-nos certas regras que eles tinham antes do confinamento, como desligar a TV durante as refeições em família, nunca usar o smartphone à mesa, organizar noites de jogos de tabuleiro em família uma vez por semana e realizar tarefas domésticas de forma colaborativa.

Madalena descreve-nos com alegria a sua rotina diária durante o confinamento. Ela levantava-se de manhã e assistia ao #EstudoemCasa, programa de TV do Ministério da

Educação, por indicação da sua professora. Um detalhe curioso que Madalena comenta é que gostava de se vestir e preparar-se para a escola como se fosse sair de casa. Durante a tarde, ela acedia ao correio eletrónico da mãe e tinha acesso ao seu plano semanal de trabalhos de casa, partilhando o computador portátil com os irmãos para assistir às suas aulas síncronas e para fazer as suas tarefas escolares. A sua professora também organizou aulas em pequenos grupos e fez sessões síncronas usando o Microsoft Teams para corrigir os trabalhos de casa e ajudá-los com as suas dúvidas. Depois de terminar os trabalhos de casa, Madalena gostava de ver TV, brincar com seus brinquedos e usar o smartphone para ver vídeos no YouTube e jogar. Ela também ajudava nas tarefas domésticas.

Madalena tem muito orgulho quando nos conta as suas conquistas - aprender a usar o Gmail, aprender a usar um teclado de computador, aprender a usar o Microsoft Teams. Ela conta que se sente mais adulta, como os irmãos, e acredita que tudo o que aprendeu será muito útil neste ano, à medida que avança para um novo ciclo escolar e inicia o 5º ano. Quando ela tinha dificuldades, a professora estava sempre disponível e mantinha contato com todos os alunos pelo WhatsApp. Ela também pedia ajuda aos irmãos ou à mãe.

Madalena admite que usou um pouco mais o smartphone e viu mais TV durante o confinamento, mas iniciou o novo ano letivo presencialmente no dia anterior à entrevista, por isso conta-nos que a sua rotina mudou novamente: deita-se mais cedo e não tem tempo para brincar com o smartphone. No entanto, Madalena não se importa, está muito feliz por estar com os amigos novamente e animada para conhecer os novos professores. Ela diz-nos que adora a escola e aprender coisas novas. Está um pouco triste por ter que usar uma máscara para ir à escola, pois diz-nos que é desconfortável e não entende muito bem o que os professores e os seus colegas dizem quando conversam.

Maria também concorda que não foi difícil para Madalena voltar às rotinas pré-pandemia. Para ela foi um desafio organizar cinco pessoas num apartamento muito pequeno e, sobretudo, garantir que a Catarina e o Diogo, os mais velhos, não se fechassem no quarto com os seus smartphones durante muito tempo. Ela preocupa-se com o uso excessivo das tecnologias digitais, pois acredita que há muitos perigos no uso das redes sociais e também que os seus filhos podem perder competências sociais relevantes. Assim, a Maria e o Jorge procuram ser criativos e organizar atividades apelativas para toda a família se envolver.

Quando questionada sobre experiências negativas com tecnologias digitais, Madalena não se lembra de nenhuma. No entanto, Maria descreve que uma vez recebeu uma mensagem de uma amiga no WhatsApp que a incomodou. Ela pediu ajuda à irmã e a Catarina informou a mãe. As duas conversaram com Madalena e decidiram que a melhor estratégia seria ignorar a mensagem, e confortaram-na.

Maria, como Educadora de Infância, descreve como foi bom para as crianças voltarem

ao Jardim de Infância onde ela trabalha. Eles sentiam muito a falta uns dos outros, e dos adultos também. Ela observa que a situação particular de cada um dos pais fez uma grande diferença no desenvolvimento dessas crianças: em geral, se os pais trabalharam remotamente ou fora de casa durante o período de confinamento, os filhos voltaram ao Jardim de Infância mais passivos e regrediram no seu desenvolvimento; se os pais estiveram disponíveis para acompanhar e estimular os filhos, foi um momento muito positivo e as crianças evoluíram no seu desenvolvimento. A Maria está particularmente preocupada com as crianças com necessidades educativas especiais que não tiveram acesso às terapias de que precisam durante este período e acredita que era urgente reabrir as escolas.

3.2.2 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

3.2.2.1 COMO É QUE AS CRIANÇAS E JOVENS COM IDADES COMPREENDIDAS ENTRE 6 E 18 ANOS UTILIZARAM AS TECNOLOGIAS DIGITAIS DURANTE O PERÍODO DE CONFINAMENTO?

3.2.2.1.1 DISPOSITIVOS MAIS USADOS

Apesar de vários estudos referirem que o computador tem uma utilização cada vez menor, pois as crianças têm dificuldade em manejar o rato, preferindo os ecrãs touch, neste período de confinamento foi bastante utilizado, pois serviu, principalmente, de ligação com a escola e também com os amigos.

Mónica (PT7m36): O Henrique começou a usar o computador, que nunca tinha utilizado.

Para além deste ser utilizado para as aulas, após estas terminarem, ainda era utilizado para a realização de trabalhos da escola.

E: O que fazias a seguir à aula do professor?

Henrique (PT7b7): Trabalhava.

E: Onde?

Henrique (PT7b7): No computador.

E: Fazias o quê, no computador?

Henrique (PT7b7): Escrevia frases.

E: Ah era? Mas alguém tinha pedido para tu fazeres essa frase, ou era porque tu querias?

Henrique (PT7b7): Não, fazia os trabalhos da professora.

Algumas famílias já tinham um computador, outras tiveram de fazer o investimento de comprar um.

E: Foi preciso comprar algum aparelho tecnológico novo para casa por causa de estudares agora a partir de casa ou conseguiram acompanhar a escola com aquilo que já tinham?

Sara (PT3g19): Sim, foi o computador.

E: Foi preciso comprar o computador.

Sara (PT3g19): sim, por causa das aulas.

O smartphone foi igualmente muito referenciado, mas para entretenimento, nomeadamente para as crianças comunicarem com os amigos, de quem sentiam muita falta.

Laura (PT8g11): Usava o telemóvel para falar com as minhas amigas, no WhatsApp era só videochamadas de quatro pessoas, agora mudou para oito ou seis para ser mais pessoas a falarem.

E: Depois de teres estado fechada em casa, o que é que continuas a fazer nas tecnologias? Continuas a fazer videochamada com as tuas amigas?

Laura (PT8g11): Continuo, e agora estamos também a fazer um projeto que nós inventamos em que nós vamos vender coisas, por exemplo eu vendo coisas para o cabelo, outras estão a vender pulseiras ou colares e depois juntamos o dinheiro para dar a instituições.

O tablet, outro dispositivo referenciado pelas crianças como habitualmente usado para entretenimento, também passou a ter mais utilização para a escola.

A televisão foi o dispositivo menos referenciado, mas estamos em crer que é um dispositivo que é utilizado transversalmente, ou seja, omnipresente perante todos os outros.

3.2.2.2 COMO É QUE O CONFINAMENTO ALTEROU O COMPORTAMENTO DAS CRIANÇAS E DAS FAMÍLIAS, NOMEADAMENTE AS ATIVIDADES RELACIONADAS COM TECNOLOGIAS DIGITAIS?

3.2.2.2.1 NOVAS ROTINAS

Os cenários encontrados em cada uma das famílias dependeram muito da situação dos pais - se eles estavam a trabalhar fora de casa, em trabalho remoto ou disponíveis para auxiliar os filhos. Em todas as famílias onde os pais trabalharam à distância, houve uma reorganização do espaço de forma a criar espaços de trabalho e estudo nas diferentes divisões da casa, e também houve uma distribuição dos dispositivos disponíveis de forma a evitar a partilha, pois na maioria das famílias os membros tinham atividades online síncronas. Para a maioria dos pais que trabalhavam remotamente, era difícil conciliar o seu próprio trabalho com o apoio aos filhos em os seus trabalhos escolares. Para famílias com mais filhos, também era difícil para os pais darem apoio a todos eles, mesmo que não estivessem a trabalhar.

Algumas famílias organizaram atividades para passar tempo de qualidade juntas e para evitar que as crianças ficassem online por tempo excessivo, como atividades ao ar livre (caminhadas e passeios de bicicleta), jogos de tabuleiro e tarefas domésticas (cozinhar, organizar). Quatro das 10 crianças entrevistadas, gostaram de passar mais tempo com os pais. Entre esses quatro filhos, três não tinham outros irmãos.

3.2.2.2 UTILIZAÇÃO MAIS PROLONGADA DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS

A mudança mais sentida pelas famílias relativamente à utilização de tecnologias digitais foi a sua utilização mais prolongada, quer para entretenimento, quer para utilização escolar. Os pais referiram que os filhos estavam muito tempo em casa e que acabavam por recorrer às tecnologias digitais para se entreterem. Para além disso, como as atividades escolares passaram a decorrer online, o tempo de permanência em frente a ecrãs também acabou por aumentar.

Mónica (PT7m40): Mais diariamente é a televisão. Todos os dias tem direito a ver um bocadinho de televisão. Um X por dia, consoante se é fim de semana, se é férias, se é tempo de aulas.

E: E isso variou com a pandemia ou manteve-se?

Mónica (PT7m40): Variou bastante! (...) Utilizava mais tempo. (...) Ele não via televisão aos dias de semana, só ao fim de semana, mas na pandemia, usava todos os dias um bocadinho.

E: Porque achas que ele utilizava todos os dias?

Mónica (PT7m40): Para estar entretido, para se ocupar, para se divertir um bocadinho. Ele gosta muito de ver televisão, e uma pessoa, quando está 24 horas em casa...

Alice (PT8m40): Ela fartava-se de usar as tecnologias para coisas relacionadas com a escola. Às tantas o que eu sentia era que a motivação para trabalhar já era muito pouca porque era uma dinâmica em que estava sempre no mesmo sítio, via sempre as mesmas pessoas e já se sentia um pouco desmotivada e farta de estar à frente do computador. Eles passavam muitas horas à frente do ecrã.

E: Quais as principais alterações que houve no dia a dia dele, mesmo naquela altura de confinamento, naquele período em que não se podia mesmo sair.

José (PT2f44): Aqui foi, permite-me a expressão, foi um bocado "bar aberto". Portanto, houve uma altura em que a gente decidiu que era "bar aberto". Ele todo o dia fechado em casa. Televisão... era o que eles queriam... iPads... O João não, por causa da situação da escola, mas o Filipe passou muito tempo agarrado ao iPad e à televisão e ao telefone... mas mais ao iPad.

E: mas mais para ele se entreter.

José (PT2f44): Sim.

E: agora passas muito mais tempo com as tecnologias, mas é mais por causa da escola, para brincar é mais ou menos o mesmo tempo, é mais um bocadinho?

Miguel (PT4f8): É muito mais, acredita em mim. Normalmente eu só via YouTube à noite, Os meus pais iam-me buscar para aí às nove da noite, oito da noite a casa da minha avó. Depois eu ia tomar banho, ficava a ver um pouco de YouTube, vestia-me, depois era só lavar os dentes, mas depois antes de dormir, que ainda não estava na hora, ficava ali a ver um pouco de YouTube.

E: E agora é mais um bocadinho...

Miguel (PT4f8): Não é mais um bocadinho, é muito mais!

3.2.2.2.3 TECNOLOGIAS DIGITAIS E ESCOLA

A utilização das tecnologias digitais para a escola foi a mudança mais referenciada pelas famílias, talvez por a utilização para entretenimento já ter sido adquirida pelas famílias e fazer parte das suas rotinas.

De um modo geral, no início, o processo de adaptação das famílias a uma escola totalmente digital não foi fácil, pois foi algo abrupto e não preparado. As habitações das famílias não estavam preparadas para as crianças seguirem a escola digitalmente, e a situação ficava mais crítica se os pais também estivessem em teletrabalho. Para além disso, por vezes não havia dispositivos digitais para todos poderem usar simultaneamente.

Iolanda (PT5m41): Durante o dia começou por ser o caos, porque aqui são quatro! No primeiro mês não tínhamos dispositivos para todos. Eu e o Artur, na primeira semana, ficámos sem computadores, íamos ao mail no telemóvel e tudo assim a correr. A nossa prioridade era dar-lhes um bocado de paz e tranquilidade neste período estranho. (...) Depois fomos arranjando soluções: tínhamos aqui dois computadores velhos e fomos logo pô-los a arranjar. Depois, toca a ir comprar extensões para as mesas A, B e C. Depois chegámos à conclusão que o router não chegava ao quarto do Bernardo. Ok. Então o Bernardo muda de sítio e vai para a sala. Mas na sala está o Artur a trabalhar. Ah, e depois também chegámos à conclusão que a Matilde e a Ana não podiam estar as duas no mesmo quarto... Depois não tinham noção do som. A Matilde berrava, a Ana berrava! "Ah, mas é que eu estou a fazer um teste e ela está a berrar!", "Ah, eu estou a ouvir os colegas da Matilde!". Vá, então sai dali, a meio das aulas, muitas vezes eu desligava, mandava um WhatsApp à professora a pedir 5 minutos. Nos primeiros 15 dias, foi a loucura.

Para além da maioria das crianças utilizar pouco o computador, também nunca tinham utilizado software de videoconferência e por isso necessitaram da ajuda dos pais, principalmente para iniciar a sessão. Com a continuação da utilização do software, as crianças tornaram-se mais autónomas.

E: Já lidavas bem com as aulas síncronas, com o email, ou tiveste que aprender a usar tudo isso?

Dinis (PT6b12): No início foi um pouco difícil, mas depois lá me habituei...

E: E pedias ajuda à mãe? Ou pedias aos professores, aos colegas?

Dinis (PT6b12): Sim, à mãe. Às vezes pedia ajuda aos professores também.

E: em relação à escola e às tecnologias que ela usava para a escola, tinha de usar também? Luísa (PT9m38): Sim, é o Zoom. Eu é que fazia a ligação porque aquilo era preciso código e isso ela não conseguia... até porque aquilo era no computador e no computador ela

não é autónoma. Ela acha que pode tocar no ecrã e que o ecrã é touch, mas não é. E o rato não é tão intuitivo como o ecrã.

André (PT1b8): Para fazer a lição de casa uso o tablet.

E: Tens aulas com os professores em videoconferência como nós estamos a fazer?

André (PT1b8): Sim.

E: Tu já sabes abrir o programa e inserir o código da aula, ou é a mãe que prepara?

André (PT1b8): É a mãe que prepara. Quando eu acabo os trabalhos, só fico no tablet a brincar, à espera que a mãe faça tudo.

Silvia (PT6m42): Na parte da aprendizagem, acabou por ser um presente envenenado, porque as crianças, mesmo tendo a tecnologia, mesmo tendo telemóvel ou um portátil, se não houvesse um adulto por trás, a orientar, não conseguiam fazer nada.

Por outro lado, a adaptação dos professores a estas novas rotinas também não pareceu ser fácil. Conforme esta foi uma mudança abrupta para as crianças, foi igualmente para os professores.

Alice (PT8m40): No início, principalmente, os professores testaram muitas plataformas e não estavam muito organizados, era tudo muita carga e eles não conseguiam orientar-se, nessa parte eu tinha de a ajudar porque ela não conseguia. Mas depois quando as coisas estabilizaram e começaram a utilizar só uma plataforma, aí ela já era autónoma.

Segundo as famílias, o papel do professor foi extremamente relevante nesta fase de transição para uma escola totalmente digital. Através dos seus testemunhos, percebemos que houve duas atitudes: houve famílias que referiram que os professores pediam que as crianças realizassem muitos trabalhos extra-aulas, aos filhos, e a família ficou extremamente sobrecarregada. Outros disseram que os professores não davam feedback e os filhos ficavam com dúvidas sobre os conteúdos apresentados e trabalhos pedidos.

Laura (PT8g11): Nós passávamos o dia inteiro à frente do computador, até ficava com dores de cabeça. As professoras não tinham dó de nós.

Francisca (PT1m42): A irmã também passa todo o dia no computador a fazer trabalhos e mais trabalhos, porque os professores sobrecarregaram os miúdos com muitos trabalhos. O início foi muito difícil, muito! Os professores, logo na primeira semana, ou foi porque não estávamos habituados a isto... os professores mandaram montes de trabalhos. Agora já vão mandando menos, mas também eles têm muitas disciplinas, e até a professora de Informática manda trabalhos! E a professora de Educação Visual, todas elas! Todas as disciplinas, têm trabalhos. E no início foi um bocado complicado para a Alexandra. O André tem que fazer os trabalhos de casa, e é um sacrifício enorme fazer os trabalhos de casa, porque não quer mesmo. Por isso, quando ele disse que quer

ir para a escola, é mesmo só por causa dos amigos!

Sara (PT3g10): às vezes acontece porque eu tenho professores que eles agora não andam muito ativos por e-mail então às vezes eu tenho de esclarecer uma dúvida mas a um professor que ele não tem andado a responder a e-mails. Ele também não tem times então nós não conseguimos fazer chamada com ele.

Patrícia: ficas mais aflita quando os professores não respondem?

Samira: sim.

Por outro lado, algumas famílias também referiram que os professores foram descontraídos, enviando poucos trabalhos para realizar extra-aulas e acompanhando as crianças com assiduidade.

Silvia (PT6m42): Não houve aqui uma pressão muito grande com os conteúdos. A professora dele é muito descontraída, tentou que eles se sentissem bem, que se mantivessem em contacto... A professora dele tentou arranjar uma forma de também os animar.

Maria (PT10m45): A professora ajudou, quando tinha dúvidas ligava-lhe e a professora explicava tudo passo a passo.

E: Sentiste que conseguiste aprender mesmo estando em casa?

Madalena (PT10g10): Consegui, a professora também nos deu muita ajuda e quando era preciso também nos ligava pessoalmente. A minha mãe mandava-lhe uma mensagem e ela ligava pelo WhatsApp. Ela ajudou bastante, pelo Teams e pelo WhatsApp.

As famílias que reconheceram o papel importante do professor durante esta altura excecional do confinamento referem que a motivação “depende muito do professor, se as cativa para essa criatividade online. Se não, vão ser uns passivos, estão ali a ouvir, tiram a câmara quando querem...” (Ana, PT5g10).

De um modo geral, e apesar de alguns constrangimentos, as crianças referiram que gostaram de utilizar as tecnologias para terem aulas diariamente. No entanto, todas preferem regressar à escola presencialmente, quando possível.

3.2.2.2.4 AUMENTO DE AUTONOMIA NA UTILIZAÇÃO DE TECNOLOGIAS DIGITAIS

Esta utilização mais prolongada das tecnologias digitais originou que as crianças se tornassem mais autónomas, quer a nível da utilização de tecnologias digitais, quer a nível de gestão dos equipamentos.

Mónica (PT7m36): Consegue ligar a Netflix. A Netflix não está ligada à televisão dele, está ligada a um leitor de blue ray, que está ligado à televisão. E ele tem que ligar o blue

ray, tem que ir buscar a aplicação, e ele consegue fazer isso tudo sozinho.

E: Isso parece ser uma conquista, para uma criança com 7 anos.

Mónica (PT7m36): Sim, por acaso uma das conquistas agora da quarentena foi essa. Ficou mais autónomo nessas partes da tecnologia. Ganhou mais autonomia.

E: Quer dizer que foi uma das coisas que ele aprendeu? Antes da pandemia, ele não era tão autónomo?

Mónica (PT7m36): Ele conseguia ligar a televisão mas não conseguia ligar a Netflix. Eu tinha que ir lá, ligar o blue ray e ir buscar a aplicação. Agora já sabe fazer isso, e sabe fazer gravações, e ir buscar o que já viu, e retomar no sítio onde estava a ver. Aprendeu isso tudo sozinho, eu nunca lhe ensinei.

Alice (PT8m40): Tornou-se muito mais autónoma a fazer qualquer tipo de atividade, nos programas do office, como nas suas plataformas de videoconferência.

Ana (PT5m41): Esta autonomia de fazerem os trabalhos e conseguirem mandar diretamente para os professores. Esta responsabilidade de serem eles a ver qual é a aula, se estão online, se não estão, qual é a aplicação que vamos usar, se temos bateria... Houve uma altura em que chegavam ao dia seguinte e não tinham baterias nos computadores. Esta gestão, não só do tempo de estudo, mas também do material, os computadores, ter o lápis a horas, os cadernos a horas... também foi importante, porque não tinham, e não sabiam. Tinham muitos telemóveis e iPads sem bateria. Terem a noção da partilha, o facto de cá em casa não terem computadores para todos, e eles terem visto o esforço que nós fizemos, termos ido à Worten. Ah, depois também comprámos auscultadores, não tínhamos auscultadores para todos. Os ratos não funcionavam! Portanto, esta noção, que eles me viram aqui com o Artur, a conversar "mas aqueles phones depois não são confortáveis", "ele não está bem", "aqueles auriculares não dão". Eles perceberam que é importante estimar o material que têm porque perceberam aqui a ginástica que fizemos. E eles estimam, e gostam, e têm muito cuidado com o material informático cá em casa. E não foi nada que eu ensinei, eles perceberam por si só que não é fácil. E punha-os muitas vezes a ver o telejornal, eles sabem que há meninos que não tinham computadores. Portanto, isso foi muito bom. Terem noção das tecnologias, que não está acessível a todos, foi espetacular. E automaticamente.

Outras aprendizagens também emergiram, nomeadamente a nível das competências digitais. As crianças sabem utilizar o tablet e o smartphone com alguma agilidade, mas o computador não era o dispositivo de eleição. No entanto, com a mudança de rotinas devido à pandemia, as crianças aprenderam a utilizar melhor o computador, como por exemplo, a usar novo software, essencialmente software para videoconferência, aprenderam a utilizar o processador de texto, a fazerem apresentações digitais, edição de vídeo e a jogar alguns jogos.

Rita (PT3m28): Tive que ensiná-la a mexer no computador, Ela não sabia mexer no computador. No telemóvel ela sabia fazer tudo: ela ia ao email no telemóvel quando era

preciso coisas da escola. Mas em relação ao computador e fazer trabalhos no Word e coisas assim, tivemos que ensinar.

E: apesar de ter sido necessário ensiná-la, ela adaptou-se rapidamente?

Rita (PT3m28): Não foi difícil ela aprender a mexer nessas coisas, até foi fácil.

E: Ela teve de usar o office pela primeira vez?

Alice (PT8m40): Não foi pela primeira vez, mas foi com o PowerPoint, ela usava, mas sempre com algumas dúvidas e agora começou a explorar por ela. Trabalhos com as amigas online e a fazer PowerPoint com elas. Foi uma atividade que ela fez pela primeira vez de forma colaborativa.

E: Em termos de fotografias, vídeos, música, ela a cantar, coisas criativas, ela criou algum conteúdo?

Alice (PT8m40): Criou imenso no TikTok. Vídeos de ela a dançar ou a fazer apresentações do que tinha de fazer, fazer vídeos em que eles têm de editar o vídeo.

E: Ela fazia isso sozinha?

Alice (PT8m40): Sozinha, havia vídeos que eu não sabia como é que ela sabia fazer aquilo.

André (PT1b8): Mas quando acabam as aulas, a mãe deixa-me encerrar o computador sozinho.

E: Ah, isso já aprendeste a fazer!

André (PT1b8): Sim! E um dia, houve um botão que eu carreguei e desligou totalmente o computador. Mas eu acho que era só mesmo para o pôr a dormir.

E: Ok, já sabes a diferença.

André (PT1b8): Sim, eu queria pôr escura a tela.

Madalena (PT10g10): Também tive de aprender onde eram as letras porque eu não mexia muito no computador e ainda não estava habituada, era mais telefone, então tive de aprender muito sobre o computador, como ligar e desligar. Quando o telefone ficava sem bateria tinha de ir para o computador. Tinha de ir escrever com os meus amigos. Falava também um pouco com os meus amigos porque não nos víamos há muito tempo.

E: Gostaste de aprender essas coisas todas?

Madalena (PT10g10): Sim. De manhã se me faltava alguma ficha eu ia ao Gmail da minha mãe e via o que tinha a fazer e correções, tive de aprender bastante do Gmail.

Alguns pais também mencionam que aprenderam a utilizar novo software, principalmente para realização de videochamadas.

E: Nunca usaste, porquê agora?

Alice (PT8m40): Nunca precisei, porque nunca precisava de falar com as pessoas por essa via, antes comunicava mais por telefone ou fisicamente. No entanto, agora estávamos limitados devido à quarentena. Também usava para socializar.

As competências digitais desenvolvidas durante o confinamento são valorizadas positivamente pela maioria dos pais e filhos, pois acreditam que serão uma vantagem no futuro. As crianças mais jovens sentiram-se particularmente orgulhosas de terem sido capazes de aprender a usar o computador e alguns programas, da mesma forma que viam os adultos fazer.

Outras mudanças de atividades e comportamentos foram evidenciados, embora com menos incidência: a realização de compras online, as explicações e terapia da fala através de videochamada, e acordarem mais tarde porque já não tinham de se deslocar para a escola.

3.2.2.2.5 REGRAS E UTILIZAÇÃO DE TECNOLOGIAS DIGITAIS

Em quatro das 10 famílias, os pais estabeleceram regras para limitar o tempo de utilização de tecnologias digitais. Nas restantes, os pais acreditam que o tempo excessivo desta utilização diminuirá quando o confinamento for cancelado. Apenas duas entre as 10 famílias estão preocupadas com o uso excessivo de dispositivos digitais que podem levar ao vício, mas apenas uma delas estabeleceu novas regras para limitar o tempo de ecrã. As regras eram apenas relacionadas com as atividades de lazer, como jogar jogos, normalmente em dispositivos como a TV, o tablet e o smartphone, não se aplicando a atividades mais académicas, independentemente do tempo que utilizassem as tecnologias digitais para esse efeito.

Algumas famílias tinham já regras estabelecidas para utilização destes dispositivos antes da pandemia, outras criaram regras novas quando se aperceberam do excesso de utilização digital pelos filhos devido a estarem mais tempo em casa. A maioria das regras prende-se com o tempo de utilização: só podem usar durante 2 horas, ou só podem usar ao fim de semana, ou têm de parar de usar assim que os afazeres escolares estão terminados. Com menos referenciação estão regras como retirar os dispositivos digitais caso os filhos se portassem mal.

3.2.2.3 QUAIS SÃO AS PERCEÇÕES DOS FILHOS E DOS PAIS EM RELAÇÃO AO USO DA TECNOLOGIA DIGITAL, ÀS ATIVIDADES ONLINE, E ÀS OPORTUNIDADES E RISCOS ASSOCIADOS, DURANTE O CONFINAMENTO?

Relativamente a mudanças de atitudes de família e crianças perante as tecnologias digitais, estas foram várias. Alguns pais mantiveram a mesma opinião, referem que é importante que os filhos aprendam a utilizar as tecnologias digitais e quanto mais cedo, melhor. É igualmente importante fazer um acompanhamento das crianças nesta utilização, “pôr alguma consciência na criança do que é que pode acontecer e o que não pode acontecer e responsabilizá-la, porque aí estamos a fazer com que ela consiga amadurecer com aquilo que ela tem de lidar” (Luísa, PT9m40). No entanto, salvaguardam que a utilização tem de ser com “conta, peso e medida”.

O computador, um pouco desvalorizado nos últimos anos em ambiente familiar, parece ter ganho um novo fôlego. Algumas famílias deram conta da importância que este podia ter na aprendizagem das crianças.

Mónica (PT7m36): Algo que não me tinha apercebido é da importância de escrever e pesquisar alguma coisa no computador. Agora com a pandemia, ele começou a usar e vai continuar.

Laura (PT8g11): Eu às vezes vou imensas vezes ao google tradutor para traduzir coisas e aprendi imensas coisas. Também vou pesquisar coisas que eu não sei ou vou pesquisar músicas.

Outras mudanças referidas foram a perceção da importância da mobilidade tanto no trabalho como na escola, e que, possivelmente, esta veio para ficar, tanto no mundo dos adultos e das crianças.

Luísa (PT9m40): A mobilidade está aqui e está para ficar e não vale a pena nós tentarmos pensar de outra forma.

E: A Patrícia começou por aprender inicialmente contigo mas depois seguiu sozinha e continua a desenvolver.

Luísa (PT9m40): Sim, autonomia total!

Mostraram também alguma preocupação com este aumento de uso de tecnologias digitais tão repentino, pois a maioria das escolas são “anti-tecnologia, anti-telemóvel e de repente passa-se do 8 para o 80. O colégio nunca fez bem essa ligação e agora foi obrigado a fazer, não sei se da melhor se da pior maneira” (Iolanda, PT6m41). Por um lado, foi positivo, pois as crianças aprenderam a utilizar ferramentas como o processador de texto, a fazer apresentações digitais e pesquisas. Por outro lado, os pais não sabem bem como gerir este aumento repentino de tecnologias digitais, “eu cá em casa não tenho filtros, está tudo aberto. Para mim é uma preocupação, não sei o que é que isto vai dar...” (Iolanda, PT6m41).

Uma mãe referiu que não permitia que os filhos utilizassem o seu smartphone e desde que ficaram em quarentena os filhos passaram a utilizar.

3.2.2.4 COMO É QUE O CONFINAMENTO MUDOU AS PERCEÇÕES DAS CRIANÇAS E DAS FAMÍLIAS EM RELAÇÃO ÀS TECNOLOGIAS DIGITAIS, ÀS ATIVIDADES ONLINE E ÀS OPORTUNIDADES E RISCOS ASSOCIADOS?

3.2.2.4.1 CRIANÇAS

3.2.2.4.1.1 ESCOLA VS AULAS ONLINE? ESCOLA!

De um modo geral, as crianças gostaram de utilizar as tecnologias digitais para as atividades escolares durante o confinamento.

André (PT1b8): Eu gosto de estar no computador a fazer as fichas, assim tenho de usar o teclado e de andar com o mouse.

Mónica (PT7m36): Acordava sempre com vontade de ir ver as aulas na televisão e de estar um bocadinho com o professor. Não houve nada negativo. Talvez tenha causado um bocadinho mais de dependência. Agora é mais difícil dizer-lhe que acabou o tempo de usar as tecnologias, pede sempre mais um bocadinho. Agora quando as aulas começarem vai ser ainda mais difícil implementar a rotina e os horários de semana.

No entanto, todas disseram preferir estar presencialmente na escola, principalmente porque podem estar e brincar com os amigos.

Mónica (PT7m36): Senti que ele dá mais valor a estar presencialmente com os amigos e com o professor na escola. Senti que ele sentiu falta disso e que agora vai dar mais valor a isso.

E: Houve alguma atividade que ele tenha feito pela primeira vez, a nível digital, durante a pandemia?

Mónica (PT7m36): Sim. Foi tudo pela primeira vez. As aulas. Os livros escolares também estavam digitalizados, e houve uma altura em que não tínhamos os livros, antes de os irmos buscar, e ele utilizou os livros digitais, no computador, e foi a primeira vez.

E: E ele gostou?

Mónica (PT7m36): Gostou bastante.

E: Quando puderes voltar a ir à escola gostavas que continuassem a usar mais o computador o achas que devia voltar tudo a ser como antes?

Miguel (PT4b8): eu acho que devia voltar tudo a ser como antes. Antes era muito mais fixe.

E: Aprendes mais aqui no computador ou com a professora na escola?

Ana (PT5g10): Com a professora na escola!

André (PT1b8): Tenho saudades dos meus amigos, e de jogar futebol na escola!

Madalena (PT10g10): Agora se a escola não correr muito bem, já sei mexer no computador. Eu prefiro a escola presencial, mas eu tive de me habituar à escola assim com os eletrónicos.

Sara (PT3g10): Gostava que voltasse a ser tudo como era antes porque eu já sinto um bocadinho falta dos amigos. As videochamadas não tiram aquelas saudades de já há muito tempo.

Cinco das crianças entrevistadas referiram que preferiram ir à escola, mas adaptaram-

se a esta nova situação. Duas crianças gostaram de aprender online. Para três crianças aprender online não foi uma boa experiência, elas tinham dificuldade em concentrar-se e muitas vezes não entendiam o que os professores explicavam.

3.2.2.4.1.2 TER OS PAIS MAIS TEMPO EM CASA? É PARA MANTER!

Muitas das crianças entrevistadas mencionaram que, antes do confinamento, estavam pouco tempo com os pais por estes terem uma vida profissional exigente. No entanto, a pandemia permitiu que a família estivesse mais tempo junta e nas entrevistas as crianças pediram aos pais para manter essa rotina.

Laura (PT8g11): Passei mais tempo em família o que gostei.

Miguel (PT4b8): No meu dia-a-dia eu só estou com vocês [pais] a partir das oito da noite. E de manhã, para aí uma hora de manhã. Gostava que me fosses buscar ao Centro de Estudos um dia. Normalmente o pai faz isso, só que tu não. Eu gostava de estar um pouco mais de tempo contigo e nos sábados e nos domingos eu distraio-me a jogar e tu ficas aí a trabalhar. Eu antigamente pedia-te para tu vires brincar comigo e às vezes tu podias e às vezes não. É por isso que eu quero que seja melhor.

3.2.2.4.1.3 ANTES DA PANDEMIA: ANSIEDADE PARA PODER JOGAR! DURANTE A PANDEMIA: FARTOS DE TECNOLOGIAS.

Assumimos que algo inesperado, e que pouco tínhamos encontrado em investigações realizadas sobre a utilização de tecnologias digitais por crianças e jovens (0-12 anos) foi o facto de algumas crianças se enfadarem de utilizar as tecnologias digitais. Em 2 das 10 famílias, as crianças revelaram cansaço dos dispositivos digitais após as aulas, procurando diversão noutras atividades, como brincar com brinquedos e ler.

Alice (PT8m40): A Laura (PT8g11) e as amigas fizeram umas experiências de falar pelo WhatsApp mas não era todos os dias nem todas as semanas. Como eles se “viam” nas aulas, não utilizavam muito para socializar, até porque eles passavam muito tempo ao computador para as aulas e depois tinham a tendência de não querer sequer tocar em tecnologias, queriam era ir brincar.

E: Isso significa que eles se saturavam de tecnologias?

Alice (PT8m40): Sim, eles precisavam de contacto físico.

3.2.2.4.2 PAIS

3.2.2.4.2.1 ATITUDES NEGATIVAS

Várias foram as atitudes menos positivas manifestadas pelos pais sobre a questão do confinamento e o aumento do uso das tecnologias digitais. A mais referenciada foi a falta de socialização das crianças.

E: O que dirias que foi das experiências mais negativas?

Alice (PT8m40): Foi a parte sedentária, a parte de estar muito tempo agarrada à frente do computador sem ter contacto físico com as amigas. A falta de segurança na parte social.

E: Fazendo um balanço deste tempo de quarentena existiu alguma mudança que deseje manter ou acha que é melhor voltar tudo ao mesmo?

Maria (PT10m45): Acho que é melhor voltarmos todos às nossas rotinas, com chuva ou não era melhor voltarmos às rotinas porque acho que o contacto com as pessoas se está a perder um bocadinho e faz falta voltarmos ao que era.

Alguns pais manifestaram que os filhos revelaram alguma dependência desta utilização digital.

Luísa (PT9m40): Mais negativo eu acho que, mas isto tem a ver com os pais e tem a ver com a criança... às vezes depois a parte tecnológica é tão boa e tão apelativa que acaba por haver uma dependência muito grande.

Outros pais referiram que os filhos aprenderam pouco no que toca a conteúdos curriculares e outros referiram que a utilização de tecnologias digitais proporcionou muito o sedentarismo.

Iolanda (PT5m41): O Bernardo (PT5b6) acha que isto é um jogo, estar na aula, mexer, abrir... Em termos de aprendizagem, não me parece que eles estejam a reter conhecimentos como se estivessem numa escola. Mesmo a Matilde (PT5g11), que é a mais velha, e é assim a que tem melhores notas, elas baixaram.

Alice (PT8m40): A parte menos positiva foi a parte sedentária, a parte de estar muito tempo agarrada à frente do computador sem ter contacto físico com as amigas.

Apenas três das 10 famílias relatam experiências negativas com os media digitais, dois casos foram relacionados com cyberbullying e um com exposição nas redes sociais. Outro risco associado ao uso excessivo durante o confinamento é o vício, mencionado por duas famílias.

3.2.2.4.2.2 ATITUDES POSITIVAS

Sem dúvida que a atitude positiva mais referenciada relativamente ao uso de tecnologias digitais durante o confinamento foi o facto de estas terem proporcionado que a escola continuasse.

E: Como é que esta situação e esta experiência que tu tiveste mudou as tuas práticas ou a forma como tu vês a tecnologia? Mudou alguma coisa, durante a pandemia, ao nível

do uso da tecnologia? Ajudou?

Mónica (PT7m36): Mudou, claro que mudou! Ajudou bastante. Se não fosse a tecnologia, o Henrique não tinha tido aulas, tinha ficado parado. E assim retomaram a matéria escolar até ao fim do ano letivo, foi ótimo.

09 Mãe Santiago

Francisca (PT1m42): Vieram ajudar imenso porque os miúdos, mal ou bem, conseguiram adaptar-se e continuar a escola, continuaram a aprender e a fazer os trabalhos. Se eles não tivessem continuado com a escola, a aprendizagem estava parada.

Igualmente muito mencionado está a melhoria das relações familiares por terem passado mais tempo juntos.

E: Sentiste que as relações na família foram afetadas durante a pandemia de alguma forma ou não?

Mónica (PT7m36): Não foram afetadas de forma alguma, até porque não poderiam ter prejudicado de forma alguma a nossa relação, até ajudou.

Clara (PT4m43): A nível aqui com os meninos, foi realmente estarmos mais presente na vida deles no dia a dia. Isso devíamos manter, temos que aproveitar isto como uma catapulta para manter alguns hábitos.

Francisca (PT1m42): Mas acho que foi bom poderem até passar mais tempo em família, comunicar até com as pessoas da família, que apesar de custar não podermos visitar os avós ou estarmos com eles, dá para irmos vê-los fazendo videochamadas, mensagens.

Outras atitudes mencionadas são o facto de os pais recordarem alguns conteúdos académicos enquanto ajudavam os filhos em pesquisas online, a importância das crianças desenvolverem competências digitais que irão ser necessárias no futuro, foram importantes para entreterem as crianças pois estiveram bastante tempo em casa e muitos pais estavam em teletrabalho. Permitiram que as crianças e as famílias se tornassem mais independentes, principalmente dos avós. Foram benéficas para o trabalho dos pais, pois o processo de realização de reuniões agilizou-se e a comunicação entre colegas de trabalho manteve-se. Permitiram que as crianças mantivessem o contacto com amigos.

3.2.2.5 QUE IMPACTO PODEM TER AS MUDANÇAS QUE OCORRERAM NO PERÍODO DE CONFINAMENTO NO FUTURO?

Todas as crianças insistem em preferir que tudo volte a ser como era. Apenas duas crianças mencionam que gostariam de usar mais tecnologias digitais na escola. A maioria dos pais também prefere retomar sua rotina o mais rápido possível. Entre os pais que trabalham remotamente, três reconhecem vantagens e gostariam de manter esse status parcialmente, mas apenas se os filhos estivessem frequentando a escola.

Apenas uma mãe refere ter mudado o comportamento de consumo e acredita que o confinamento é uma oportunidade para as pessoas se tornarem mais sustentáveis.

3.2.2.6 RESULTADOS INESPERADOS

As crianças mais novas estavam mais motivadas em adquirir habilidades digitais para estudar, as mais velhas não estavam motivadas para aprender e sentiam que a escola se havia tornado um conjunto de tarefas a serem realizadas antes que pudessem passar o resto do tempo dedicados a atividades de que realmente gostavam.

Apesar dos ambientes diversos e únicos em cada família, o confinamento foi uma experiência negativa, em geral, para todos. As famílias são capazes de mencionar algumas aprendizagens e mudanças positivas, mas as limitações sobrepõem-se.

Tópicos como o tipo de casa em que estavam durante o confinamento foram mencionados, mas não foram os principais motivos para a diminuição do bem-estar durante este período. As tecnologias digitais são reconhecidas como úteis - até essenciais - mas também insuficientes, especialmente quando se trata de interação social.

CONCLUSÃO



CONCLUSÃO

Neste ponto apresentamos alguns dos resultados mais significativos para nós neste estudo.

As tecnologias digitais desempenharam um papel muito importante ao possibilitar a realização de atividades, como trabalho, estudo, ligações sociais e tarefas quotidianas, como fazer compras. Teria sido ainda mais difícil sem as tecnologias! Ou talvez mudar drasticamente as rotinas teria sido melhor, já que algumas famílias se sentiram forçadas a manter suas rotinas “como se tudo estivesse normal”, e não estava.

Tanto as crianças quanto os pais mencionam pontos menos positivos das tecnologias digitais, especialmente por não proporcionarem a interação e a proximidade tão necessárias com aqueles de quem mais gostamos.

Quando se trata de escola e aprendizagem, as crianças geralmente são motivadas pelo uso da tecnologia, mas perderam mais do que ganharam. Apesar de todos os esforços dos professores, as crianças sentiam falta do contacto com os colegas da turma, tinham dificuldade de concentração, ficavam mais cansadas e entediadas e menos motivadas para aprender. A utilização das tecnologias digitais para a escola foi, de facto, a mudança mais sentida pelas famílias, no que toca à utilização de tecnologias digitais. Este processo não foi de fácil adaptação, pois tratou-se de uma mudança abrupta tanto para famílias, como para escolas e professores. De ressaltar a importância do papel do professor neste processo: alguns professores revelaram demasiado zelo na questão curricular online, pedindo muitos trabalhos de casa, sobrecarregando famílias e provocando assim alguma tensão; houve outros professores mais descontraídos, preocupados com o bem-estar das crianças e famílias, que enviavam poucos ou nenhuns trabalhos para realizar em casa.

O computador teve um grande destaque durante o tempo de confinamento, pois serviu de elo de ligação entre casa e escola, permitindo que as crianças prosseguissem os seus estudos.

A consequência destas novas rotinas foi uma utilização de tecnologias mais prolongada, que originou preocupação em alguns pais. Outra consequência desta utilização foi a aquisição de competências digitais, nomeadamente de utilização de novo software.

A maioria dos pais não alterou as suas perceções sobre as tecnologias digitais. Para eles, estas foram importantes para os filhos, pois permitiram que a escola continuasse, mas devem ser utilizadas com conta, peso e medida.

Apesar das crianças terem revelado gostar de utilizar as tecnologias digitais para a parte curricular, todas mencionaram que preferiam estar na escola a aprender e a brincar com os amigos.

Uma das mais valias mencionadas pelas crianças relativamente ao confinamento foi o facto de poderem passar mais tempo com os pais, pedindo-lhes para essa rotina não ser alterada após o término deste.

Este estudo deixa claro o quão psicológico e às vezes fisicamente desgastante foi para

os pais administrar o trabalho e a parentalidade, e também que a aprendizagem online não corresponde a fazer online o mesmo que foi planeado para uma aula presencial. Num momento em que a Europa está a enfrentar uma segunda onda de Covid-19 e as organizações estão a trabalhar com base em planos de contingência, é vital que o governo e as empresas privadas reconheçam que os pais precisam de cuidar dos filhos se eles estiverem em casa. É também importante que as escolas adotem estratégias mais adequadas para o ensino híbrido e online e que os professores recebam formação necessária para implementá-las.

REFERÊNCIAS



REFERÊNCIAS

Boyatzis, R.E. (1998). *Transforming qualitative information: Thematic analysis and code development*. Thousand Oaks, London, & New Delhi: SAGE Publications. Creswell, J. (2003). *Research Design, Qualitative, Quantitative, and Mixed Methods Approaches*. Thousand Oaks: Sage Publications.

Esteves, M. (2006). Análise de Conteúdo. In J. A. Lima; J. A. Pacheco, (org.), *Fazer investigação – Contributos para a elaboração de dissertações e teses*. Porto: Porto Editora.

Ghiglione, R., & Matalon, B. (2005). *O Inquérito: Teoria e prática*. Oeiras: Celta Editora.

